



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

SUED TRAJANO DE OLIVEIRA

URBANIDADE DE ESPAÇOS PÚBLICOS:
COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA
CIDADE DE BOA VISTA/RR

Boa Vista, RR

2019

SUED TRAJANO DE OLIVEIRA

**URBANIDADE DE ESPAÇOS PÚBLICOS:
COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA
CIDADE DE BOA VISTA/RR**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima. Linha de pesquisa: Produção do Território Amazônico.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras

Boa Vista, RR

2019

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

O48u Oliveira, Sued Trajano de.

Urbanidade de espaços públicos : Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva cidade de Boa Vista/RR / Sued Trajano de Oliveira. – Boa Vista, 2019.
190 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

1 - Amazônia. 2 - Urbanidade. 3 - Boa Vista. 4 - Ayrton Senna. 5 - Espaço público. I - Título. II - Veras, Antonio Tolrino de Rezende (orientador).

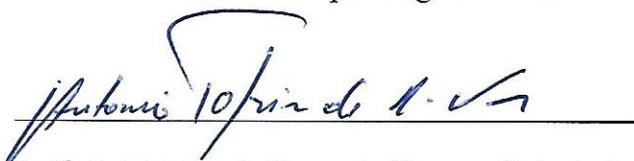
CDU - 911.3.32(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela:
Bibliotecária/Documentalista: Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

SUED TRAJANO DE OLIVEIRA

**URBANIDADE DE ESPAÇOS PÚBLICOS: COMPLEXO POLIESPORTIVO
AYRTON SENNA DA SILVA - CIDADE DE BOA VISTA/RR**

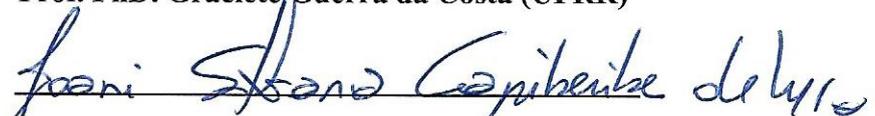
Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima. Linha de Pesquisa: Produção do Território Amazônico. Defendida em 22 de março de 2019 e avaliada pela seguinte banca:



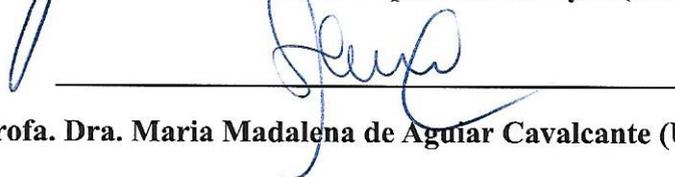
Prof. Dr. Antônio Tolrino de Rezende Veras – Orientador (UFRR)



Prof. PhD. Graciete Guerra da Costa (UFRR)



Profa. Dra. Joani Silvana Capiberibe de Lyra (UFRR)



Profa. Dra. Maria Madalena de Aguiar Cavalcante (UNIR)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais,
José Ribamar Silva Trajano e
Eunice Batista da Silva,
exemplos de mestres
que me ensinaram a trilhar
a busca do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Ao eterno Deus, pelo privilégio da vida, por tudo o que tenho e o que sou.

A minha família pelo apoio, incentivo e orações para que este trabalho fosse conduzido da melhor forma.

Ao meu esposo Thiago por trilhar comigo esta caminhada de momentos altos e baixos.

A minha amada e pequena filha Hadassa pela compreensão ao tempo que lhe foi furtado em muitas ocasiões no decurso deste trabalho.

Ao meu orientador Antonio Tolrino de Rezende Veras pela parceria, conselhos e orientações que me direcionaram ao foco desta pesquisa.

Ao professor e colega arquiteto e urbanista Felipe Melo que me auxiliou no início desta jornada com recomendações importantes.

A coordenação e a secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima pela compreensão em atender todas as solicitações e demandas necessárias de cartas e ofícios na coleta de dados para a composição deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia que de forma direta e indireta me abriram horizontes no entendimento de como elaborar esta pesquisa.

As professoras colegas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima: Cláudia Nascimento, Paulina Onofre e Graciete Costa que gentilmente me cederam acervos pessoais para construção desta pesquisa.

A todos os colegas da turma de Mestrado pela parceria e companheirismo, em especial: Mayk Feitosa, Márcio Baraúna, Talita Silva, Caroline Medeiros e Ricardo Buitron por toda troca de informações, ajuda mútua, apoio e descontrações.

A arquiteta e urbanista Sandra Maria Pinheiro Veras, ao arquiteto e urbanista Maruem de Castro Hatem e ao empresário Luiz Mário Severo Ávila pela excelente recepção em conceder entrevistas e disponibilização de acervos pessoais que propiciaram a consolidação do conteúdo elaborado nesta pesquisa.

Ao colega engenheiro e arquiteto Rodrigo Ávila e RC Engenharia por toda contribuição prestada através da digitalização de projetos, acervo bibliográfico e iconográfico fundamentais na composição desta dissertação.

Ao professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie Luiz Guilherme Rivera de Castro que muito me ajudou trazendo-me à luz acervo bibliográfico e referências acerca da Urbanidade e dos Espaços Públicos.

A professora Joani Lyra que dedicou um pouco do seu tempo para me orientar e auxiliar na análise dos resultados deste trabalho.

Ao colega e Promotor de Justiça de Defesa do Meio Ambiente e Patrimônio Histórico – RR, Zedequias de Oliveira Júnior por contribuir na coleta de dados.

Ao Ministério público estadual pela presteza em viabilizar as consultas necessárias para as coletas de dados fundamentais destinadas a este trabalho.

A Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista – FETEC, a Secretaria Municipal de Obras – SMOU, ao Cerimonial na pessoa da Sra. Siloany Lima Neves Amaro e Diário Oficial da Prefeitura Municipal de Boa Vista que cederam dados e imagens para análise e compilação deste material apresentado.

Ao querido Daniel Luiz Oliveira, ex-aluno e em breve arquiteto e urbanista, pela prestimosa dedicação e voluntariado em colaborar na pesquisa de campo com imagens e vídeos produzidos em drone da área em estudo.

Ao ex-prefeito Barac da Silva Bento pela colaboração no atendimento da entrevista e gentileza em ceder fotos do seu acervo pessoal.

Ao arquiteto e urbanista Darcy Romero Derenusson por toda simpatia e solicitude em me ouvir e procurar contribuir com esta pesquisa.

A todos os voluntários que gentilmente participaram da pesquisa de satisfação. Muito obrigada!

*Teríamos desejado mais livros que questionassem
do que livros que respondessem.
É pelo questionamento, e não pelas repostas,
que se alcança a medida do conhecimento.
(Claude Raffestin)*

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de uma análise da Urbanidade em espaços públicos que objetivou investigar a Urbanidade do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva considerando o planejamento urbano e paisagístico. A metodologia utilizada consistiu em identificar e analisar os fenômenos urbanos em uma visão holística sobre as necessidades humanas de recreação, entretenimento, bem estar juntamente com os equipamentos e mecanismos implantados nestas áreas livres. Foi realizado levantamento bibliográfico e documental a fim de comparar o embasamento teórico com o empírico além da pesquisa de campo subdividida em visitas de observação, coleta de dados e análise do espaço. Para tal realizou-se um levantamento georreferenciado de informações quali-quantitativas do Complexo e ainda adoção e revisão de metodologias pertinentes à temática para a geração de mapas temáticos assim como a captura de imagens e vídeos por drone que mostram a dinâmica de produção e organização da área em estudo. De igual modo foram realizadas entrevistas e aplicados questionários para conhecer o nível de satisfação dos frequentadores, visitantes ou transeuntes como forma de obter dados que expressem a urbanidade do local. Os resultados da pesquisa revelam pluralidade de ações, dentre elas: apropriação do espaço, incluindo territorialidades definidas, pertencimento e apreciação do lugar, ambientes contemplativos e incentivadores do comércio e da cultura amazônica. Também demonstra a dinâmica espacial e apresenta o olhar da esfera da coletividade e convivência social ressaltando a relação entre a cidade de Boa Vista e o cidadão, mostrando a importância da urbanidade do espaço público na elaboração de políticas públicas voltadas para a qualidade de vida do cidadão.

Palavras-chave: Amazônia. Urbanidade. Boa Vista. Ayrton Senna. Espaço Público.

ABSTRACT

This research is the result of an analysis of the Urbanity in public spaces that aimed to investigate the Urbanity of the Complex Poliesportivo Ayrton Senna da Silva considering the urban and landscape planning. The methodology used consisted of identifying and analyzing urban phenomena in a holistic view on the human needs of recreation, entertainment, well being along with the equipment and mechanisms implanted in these free areas. A bibliographical and documentary survey was carried out in order to compare the theoretical and empirical basis, besides the field research subdivided in observation visits, data collection and space analysis. To this end, a georeferenced survey of qualitative and quantitative information of the Complex was carried out, as well as adoption and revision of methodologies pertinent to the theme for the generation of thematic maps as well as the capture of images and videos by drone that show the dynamics of production and organization of the area under study. Likewise, interviews were carried out and questionnaires were applied to know the level of satisfaction of visitors, visitors or passers-by as a way of obtaining data that express the urbanity of the place. The results of the research reveal a plurality of actions, among them: appropriation of space, including defined territorialities, belonging and appreciation of the place, contemplative and incentive environments of Amazonian commerce and culture. It also demonstrates the spatial dynamics and presents the view of the collective sphere and social coexistence highlighting the relationship between the city of Boa Vista and the citizen, showing the importance of public space urbanity in the elaboration of public policies focused on the quality of life of the city.

Keywords: Amazon. Urbanity. Boa Vista. Ayrton Senna. Public place.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva e Palácio do governo (centro radial).....	25
Figura 2	Imagem de Paris antes e depois da reforma - Av. da Ópera.....	46
Figura 3	Plano de Extensão de Barcelona, 1859: Ildefonso Cerdá.....	46
Figura 4	Desenho da Ville Radieuse por Le Corbusier em 1929.....	48
Figura 5	Planta (croqui) da Cidade de Manaus (1852).....	68
Figura 6	Planta (croqui) da vila de Boa Vista em 1924.....	72
Figura 7	Foto aérea de Boa Vista em 1924.....	72
Figura 8	Prelazia em 1930.....	73
Figura 9	Maquete do Plano urbanístico.....	74
Figura 10	Foto aérea de Boa Vista em 1962.....	74
Figura 11	Escola Lobo D'Almada.....	75
Figura 12	Hospital Coronel Mota.....	76
Figura 13	Av. Jaime Brasil – Boa Vista/RR – Década de 70.....	77
Figura 14	Bar Meu Cantinho – Antiga fazenda Boa Vista.....	77
Figura 15	Memorial do Bar Meu Cantinho – Antiga fazenda Boa Vista.....	78
Figura 16	Palácio do Governo e Praça do Centro Cívico em 1974.....	80
Figura 17	Praça Capitão Clóvis.....	82
Figura 18	Avenida Ene Garcez – década de 40.....	85
Figura 19	Avenida Ene Garcez – início da urbanização.....	85
Figura 20	Avenida Ene Garcez – década de 1970.....	86
Figura 21	Avenida Ene Garcez urbanizada – década de 80.....	86
Figura 22	Sede da Secretaria de Segurança Pública.....	87
Figura 23	Memorial da Praça João Alencar.....	88
Figura 24	Croqui apresentado a Prefeitura municipal de Boa Vista.....	90
Figura 25	Início da construção do Complexo - 1994.....	91
Figura 26	Início da construção do Complexo - 1994.....	91
Figura 27	Valas abertas: recursos hídricos.....	92
Figura 28	Valas abertas: recursos hídricos.....	92
Figura 29	Calçamento e bancos metálicos existentes.....	93

Figura 30 Decreto de criação do CPASS: páginas 1 e 2.....	95
Figura 31 Indicação das fontes.....	96
Figura 32 Praça João Alencar: Década de 80.....	102
Figura 33 Praça da Cultura.....	103
Figura 34 Praça João Alencar.....	103
Figura 35 Plantio de árvores na Av. Ene Garcez.....	104
Figura 36 PJMA/MPRR.....	105
Figura 37 Construção da Praça das Artes – 2004.....	106
Figura 38 Praça da Pirâmide.....	107
Figura 39 Arborização: a partir da Praça da Cultura.....	108
Figura 40 Praça Velia Coutinho e Praça Fábio Marques Paracat.....	108
Figura 41 Apresentação de coral infantil na programação de Natal – 2004.....	114
Figura 42 Projeto Academia Aberta - 2004.....	114
Figura 43 Equipamentos para atividade física aeróbica e muscular.....	115
Figura 44 Quiosques da Praça das Artes.....	115
Figura 45 Terminal de ônibus Luiz Canuto Chaves.....	116
Figura 46 Arraial junino: Praça Fábio M. Paracat.....	118
Figura 47 Lazer para crianças: Praça Fábio M. Paracat.....	119
Figura 48 Serviços de recreação infantil: Praça Fábio M. Paracat.....	120
Figura 49 Praça das Águas.....	121
Figura 50 Praça das Águas.....	125
Figura 51 Praça das Águas.....	125
Figura 52 Praça Fernando Wilmers de Medeiros durante o dia.....	123
Figura 53 Praça Fernando Wilmers de Medeiros durante o dia.....	123
Figura 54 Praça Fernando Wilmers de Medeiros: territorialidades.....	124
Figura 55 Portal do Milênio.....	126
Figura 56 Painel do artista Brennand – Praça das Águas.....	128
Figura 57 Praça da Cultura: Monumentos.....	128
Figura 58 Monumento da Pirâmide.....	129
Figura 59 Gentilezas urbanas: esporte.....	132
Figura 60 Gentilezas urbanas: equipamentos de treinamento aeróbico.....	132
Figura 61 Gentilezas urbanas: Paisagismo.....	133
Figura 62 Gentilezas urbanas: Paisagismo.....	133

Figura 63 Gentilezas urbanas: vida noturna.....	134
Figura 64 Gentilezas urbanas: Quiosques.....	134
Figura 65 Gentilezas urbanas: Praça de alimentação.....	135
Figura 66 Gentilezas urbanas: Centro de artesanato.....	135
Figura 67 Gentilezas urbanas: Recreação infantil.....	136
Figura 68 Gentilezas urbanas: Beleza.....	137
Figura 69 Gentilezas urbanas: Acessibilidade.....	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Brasil e Região Norte – População total e urbana.....	68
Quadro 2	Brasil e Região Norte – População total e urbana.....	69
Quadro 3	Área detalhada do CPASS (Praças e áreas integradas).....	100
Quadro 4	Praças e Monumentos do CPASS.....	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Percentual da população urbana no mundo e no Brasil.....	45
Gráfico 2	Apreciação do Lugar.....	141
Gráfico 3	Apreciação do Lugar.....	142
Gráfico 4	Mobilidade Urbana.....	143
Gráfico 5	Acessibilidade.....	144
Gráfico 6	Serviços mais atrativos.....	145
Gráfico 7	Zelo pelo patrimônio.....	146
Gráfico 8	Relação do usuário com o lugar.....	146

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Localização do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva.....	24
Mapa 2	Evolução Urbana da Cidade de Boa Vista-Roraima.....	81
Mapa 3	Localização da Cidade de Boa Vista-Roraima.....	83
Mapa 4	Localização das praças e áreas integradas.....	99
Mapa 5	Setorização e Usos mais frequentes.....	112
Mapa 6	Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva: Monumentos.....	126

LISTA DE SIGLAS

AABB	Associação Atlética Banco do Brasil
BEC	Batalhão de Engenharia e Construção
BR	Rodovia Federal
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
COPAN	Construção, Pavimentação e Terraplanagem do Norte
CPASS	Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva
EMHUR	Empresa de Desenvolvimento Urbano e Habitacional
FETEC	Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura
GPS	Sistema de Posicionamento Global
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MPPR	Ministério Público de Roraima
SMOU	Secretaria Municipal de Obras e Urbanismo
PCD	Pessoa com deficiência
PJMA	Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente
PMBV	Prefeitura Municipal de Boa Vista
PU	Plano Urbanístico
SEMUC	Secretaria Municipal de Comunicação
SEPLAN	Secretaria de Desenvolvimento e Planejamento
SPMA	Secretaria Municipal de Serviços Públicos e Meio Ambiente
UFRR	Universidade Federal de Roraima

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
1.1.1 Localização da área em estudo.....	22
1.1.2 Fases da pesquisa: bibliográfica, documental e campo.....	26
1.1.3 Estrutura dos capítulos.....	28
2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO.....	30
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: TERRITORIALIDADE E MULTITERRITORIALIDADE.....	30
2.2 O ESPAÇO, O FENÔMENO URBANO, O ESPAÇO URBANO.....	34
2.3 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO.....	40
3 HISTÓRIA DA CIDADE.....	42
3.1 REFLEXÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS.....	42
3.2 O SURGIMENTO DO URBANISMO.....	45
3.3 IMAGEM DA CIDADE.....	48
3.4 A VIDA NA CIDADE.....	49
3.5 URBANIDADE.....	52
3.6 URBANIDADE DE ESPAÇOS PÚBLICOS.....	53
3.7 PAISAGISMO NA PAISAGEM URBANA.....	58
3.8 FORMAÇÃO DAS CIDADES AMAZÔNICAS: CONTEXTO HISTÓRICO.....	65
3.8.1 O Estado de Roraima.....	70
3.8.2 A cidade de Boa Vista.....	71
3.8.2.1 O Plano Urbanístico e o Espaço Público da cidade de Boa Vista.....	78
4 URBANIDADE: COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA.....	84
4.1 A AVENIDA ENE GARCEZ.....	84
4.2 CONTEXTUALIZAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DO PROJETO.....	89
4.3 ANÁLISE DA URBANIDADE.....	98
4.3.1 Exposições preliminares.....	98
4.3.2 Paisagismo e Conforto Ambiental.....	104
4.3.3 Dinâmica socioespacial, Movimento e Pertencimento ao Lugar.....	111

4.3.3 Apropriação do espaço e Territorialidades.....	117
4.3.4 Simbologia e Significado dos Monumentos.....	125
4.3.5 Gentilezas urbanas.....	131
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	139
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICE A.....	157
APÊNDICE B.....	161
ANEXO I.....	165
ANEXO II.....	167
ANEXO III.....	178
ANEXO IV.....	183

1 INTRODUÇÃO

Urbanidade representa o pensamento da agradabilidade. Abrange diferentes aspectos da vida cotidiana do homem em relação ao espaço. A afetividade com o lugar, com as pessoas e com a natureza pode remeter à construção de bom comportamento social expresso através da cortesia, gentileza, civilidade e outros atributos que o caracterizam como sociável. Da mesma forma, a urbanidade é também traduzida através da Arquitetura mediante ao conjunto de partes do ambiente que possui valor qualitativo.

Deve-se, portanto memorar que tudo isto faz parte da contextualização das cidades, desde os processos de urbanização que agregam as contribuições físicas e intelectuais de cada cidadão à morfologia da paisagem quanto aos graves problemas sociais ocorridos em períodos de decadência econômica e política. Saber que a construção de valores pessoais possui base na família, nos costumes, na região geográfica e na cultura local pode ser fator potencialmente determinante na conduta de vida do indivíduo.

Todas as pessoas detêm necessidades físicas e emocionais que precisam ser preenchidas, pelo menos ao seu grau mínimo para manter sua saúde corporal e mental. Propiciar elementos urbanos que favoreçam completude social no que tange às práticas comuns de interação com os outros, o contato com a natureza, a apreciação e contemplação do que cada um classifica de “belo” coopera no desenvolvimento da cidadania além de fomentar consciência ecológica-sustentável com o espaço e o ecossistema.

O objeto deste estudo é a Urbanidade do Espaço Público delimitado ao cenário paisagístico e territorial do Complexo poliesportivo Ayrton Senna da Silva que se destaca como um dos maiores espaços públicos da cidade de Boa Vista. As diversas atividades que nele acontecem tornam-se expressões da própria cultura local misturada aos costumes e tradições trazidos de outros lugares. Da mesma forma, foi avaliada a qualidade do lugar e quais tipos de atrativos estimulam o interesse do público pelo espaço e as motivações pessoais que fortalecem os mais variados fenômenos.

Esses fenômenos urbanos se manifestam em diferentes formas já que o sujeito da pesquisa possui extensa área dividida em setores que distribuem lazer,

recreação, esporte, cultura, entretenimento, gastronomia e comércio. Neste contexto, o Paisagismo, o Monumentalismo e as territorialidades de cada segmento foram estudados por partes de acordo com o tipo de uso e ocupação de cada segmento do Complexo.

Quanto ao Paisagismo, no que se refere às áreas verdes, áreas de descanso e de contemplação as quais se incluem os elementos paisagísticos como os chafarizes, monumentos, espelhos d' água, mobiliário urbano, pavimentação e detalhes construtivos, foram analisados em conjunto com estas territorialidades buscando compreender a hospitalidade que estes oferecem aos frequentadores e os efeitos de toda a sua configuração e ações que nele ocorrem e que propiciam bem estar, níveis de agradabilidade, qualidade de vida e conforto ambiental.

Sabe-se que ao longo da história, o homem sempre manteve uma ligação intrínseca com a natureza, seja como usufruidor de matéria prima para seu consumo como forma de sobrevivência, ou seja, pelo enaltecimento à sua grandeza enquanto divindade. Na antiguidade, o contato com a terra possibilitou a criação de muitas paisagens incluindo o desenvolvimento de técnicas e habilidades que fomentaram as atividades agrícolas até mesmo em terras dantes estéreis por exemplo.

Da mesma forma, também surgiram nesta época deuses da fecundidade que possuíam plantações sagradas perto dos seus santuários. Embora pareça que o homem tenha o controle da natureza, sabemos que é irrefutável negar sua imponência quando nenhum sistema criado pelo ser humano consegue impedir sua ação.

Nesse contexto, cabe ressaltar que de igual modo, a natureza não consegue impedir a interferência do homem. Este manipula, trata, investiga, produz, ordena, classifica, destrói, constrói, territorializa, desterritorializa ou multiterritorializa o espaço. Com base nisto compreendemos que a sociedade se transforma mediante os fenômenos e vice versa. Períodos de ascensão e decadência fazem parte da história das cidades e sua respectiva evolução que acompanham contrastes sociais em vários aspectos, assim, apreendemos que cada indivíduo personaliza o lugar a seu modo.

A partir desta contextualização, a escolha do tema desta pesquisa surgiu com o anseio de entender como as pessoas usam o Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva, no que tange as motivações e formas de interação com o espaço coletivo, desde o Paisagismo presente com jardins, árvores, fontes, chafarizes,

monumentos, áreas de descanso e de contemplação até a maneira como cada pessoa se apropria deste espaço criando territorialidades, ou modificando-os ou sujeitando-se a eles da forma como lhes foi apresentado. Além disso, a qualidade ambiental do espaço urbano é vital para as relações sociais, pois aproxima sentimentos aos anseios da alma e traz consigo valores que despertam o desejo do zelo ao patrimônio.

O complexo poliesportivo compreende várias praças e espaços para atividades de lazer, cultura, esporte, entretenimento e gastronomia. Em cada segmento há atrativos distintos e belezas singulares que podem categorizar ou agrupar faixa etária, classe socioeconômica e demais características dos frequentadores e transeuntes.

A praça simboliza o palco dos encontros. Flui dela as diversas relações que as pessoas têm com a rua. Ora se observa, ora se contempla, ora se comenta, ora se movimenta, ora se inclui em atividades, ora se mantém estático detido no universo da tecnologia, entre outros. A multiplicidade de funções que o espaço público possa ter nunca termina.

Neste trabalho, buscou-se evidenciar as características destas áreas públicas de lazer e convivência que traduzem da melhor forma a Urbanidade. A justificativa da presente pesquisa pauta-se em três aspectos principais: Pessoal, Social e Científica.

Pessoal: Como roraimense e profissional da Arquitetura e Urbanismo, enxergar o meio social é muito mais que estar inserido nele ou dele fazer análise, é estar ligada ao meio ambiente de forma inerente, indissociável da ecologia e dos processos evolutivos da urbe. A importância que se dá às atividades de recreação soma-se ao conjunto de valores familiares, sociais, culturais e forma verdadeiros cidadãos que compreendem melhor o espaço e desenvolvem uma percepção de respeito e preservação do lugar onde vivem. O olhar do urbanista visa detectar melhorias para o desenvolvimento ou criação de cidades saudáveis, por isso foi essencial a aplicabilidade deste estudo ao espaço público.

Social: Esta pesquisa consiste na busca de explicações para fenômenos dentro de uma temporalidade atual, mas que não despreza sua historicidade tampouco as razões que contribuíram para o desenvolvimento de suas configurações. Também procurou estabelecer uma base de informações ainda não estudadas e que poderá servir de subsídio para a gestão pública e a sociedade em

geral com o intuito de compreender as necessidades humanas de recreação, descanso, convívio e integração do homem com a cidade.

Científica: Para a Geografia, constitui em um estudo inédito sobre a Urbanidade do espaço público, que visa entender, avaliar, classificar as relações do homem com o espaço produzido e sua capacidade de transformá-lo e territorializá-lo. Destacou-se, portanto o planejamento urbano não apenas do sujeito em questão, mas da cidade de Boa Vista para fins de compreensão da sua evolução urbana, social, cultural e econômica a fim de conhecermos as causas, os interesses e os motivos da construção deste complexo poliesportivo.

Diante do exposto, a pesquisa objetivou investigar a Urbanidade do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva considerando o planejamento urbano e paisagístico. Com isto, foi possível traçar os seguintes objetivos específicos: 1) Contextualizar a evolução das cidades e a formação do espaço público classificando os elementos que formatam o conceito de Urbanidade; 2) Identificar e mapear os elementos espaciais do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva; 3) Mostrar a importância da Urbanidade do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva na elaboração de políticas públicas voltadas para a qualidade de vida do cidadão.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1.1 Localização da área em estudo

O Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva foi inaugurado durante a década de 1990 em um cenário totalmente diferente, a qual a zona comercial no centro da cidade era a principal força motora dos empresários. Segundo os parâmetros urbanísticos da capital, em referência ao plano diretor, lei municipal nº 926 de 29/11/2006, sua localização é classificada na zona central e institucional compreendida no início do terminal de ônibus do centro radial do palácio do governo até a pirâmide em frente ao clube da Associação Atlética Banco do Brasil.

No início da década de 90, o comércio nos bairros ainda era tímido e as atrações à população, incluindo o único cinema, provinham desta zona central. Além disso, o trajeto até o aeroporto precisava de molduras para embelezar o caminho e chamar a atenção dos visitantes.

O seu entorno é formado por bairros residenciais (Mapa 1) que adquiriram novos usos com o passar dos anos tais como: instituições públicas e privadas de

ensino, instituições de serviços, prédios de organizações governamentais, novo cinema, sede da polícia militar, lojas, prestadores de serviços na saúde, bares, lanchonetes, restaurantes, clubes, hotéis, Rádio, Batalhão do Exército, Parque Anauá, Parque aquático da federação, Ginásios poliesportivos, hospital, Universidade Federal de Roraima, Aeroporto, entre outros.

Com área aproximada de 151.911,36 m² (TRAJANO, S. 2018), as praças que fazem parte do Complexo em ordem a partir do terminal de ônibus são: Praça da cultura; Praça Fernando Wilmers de Medeiros, Praça João Alencar, Praça Tenente Aviador Fernando de Medeiros, Praça das artes, Praça das águas, Praça Velia Coutinho, Praça Fábio Marques Paracat e Praça da pirâmide. O espaço faz parte da estrutura do plano urbanístico de 1944 quando a cidade de Boa Vista foi concebida partindo dos princípios de reorganização espacial e urbanização amazônica.

Inicialmente este espaço público foi dividido em trechos com características diferenciadas de uso e ocupação do solo contendo playgrounds, áreas para prática de esportes e áreas livres de convivência. Anos depois foram incluídas praças de alimentação, área de chafarizes, jardins, quiosques para venda de artesanatos e outros espaços informais para suprir as novas necessidades dos cidadãos contemporâneos.

Mapa 1 – Mapa de localização do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva com a delimitação do plano urbanístico de 1944



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Figura 1 – Fotografias de trechos do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva e Palácio do governo (centro radial)



Foto: Sued Trajano de Oliveira /Daniel Luiz Oliveira, 2018.

1.1.2 Fases da pesquisa

Ao realizar uma avaliação dos espaços públicos de lazer e convivência da zona central da cidade de Boa Vista-RR, em específico o complexo poliesportivo Ayrton Senna da Silva, tornou-se indispensável a elaboração de uma metodologia, na qual foi traçado um roteiro.

O levantamento de informações através da coleta de dados buscou esclarecer a produção do espaço urbano, sua forma e desenho urbano, composição paisagística e territorialidades destas áreas de lazer que compõem o complexo, por isso foi a base para a fundamentação do estudo. A metodologia materializou-se na pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Foram distribuídas em três etapas da seguinte forma:

1. Pesquisa bibliográfica:

Em livros; revistas; teses; dissertações; páginas da internet e periódicos tanto no âmbito da Geografia, quanto às demais áreas das ciências humanas e sociais.

Nesta etapa foi construído o referencial teórico sobre o objeto central do estudo que é a Urbanidade. Para isso comparou-se vários entendimentos de pesquisadores acerca dos atributos que qualificam um espaço público acolhedor, sustentável e que configurasse lugar atrativo ao indivíduo.

O Paisagismo também esteve no foco destas discussões que agregaram valor qualitativo a estas áreas livres. Os conceitos que fundamentaram a pesquisa nesta fase abrangeram territorialidades, lugar, fenômeno urbano, produção do espaço urbano, espaço público, gentilezas urbanas e urbanidade.

2. Pesquisa documental

Levantamento de dados em diversas instituições públicas e depoimentos de moradores antigos. Esses depoimentos consistiram na investigação de fatos ocorridos durante a formação da cidade de Boa Vista com a instalação da sede do palácio do governo, e as edificações no entorno que fazem parte do plano urbanístico do ano de 1944 e que afetam diretamente a configuração do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva.

Recorreu-se também a mapas e a produção deles para mostrar a evolução urbana da cidade, explicando as influências sócio espaciais.

3. Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo foi subdividida em três tópicos, a saber:

- a) Observação
- b) Coleta de dados
- c) Visitas ao espaço estudado

Observação: Consistiram em descrever e interpretar os fenômenos que ocorrem durante os horários diurnos e noturnos por meio de anotações e gravações de áudio da pesquisadora.

Coleta de dados: Consistiram na aplicação de questionários, realização de entrevistas, registro fotográfico e filmagem do objeto em estudo. A captura das imagens foi realizada por drone e câmeras digitais. Não foram utilizadas fotografias pontuais de pessoas. O foco é a análise do espaço. Há imagens de pessoas circulando nas praças, mas de forma coletiva apenas para demonstrar a dinâmica urbana.

Foram realizadas entrevistas com 5 (cinco) pessoas com perfis de: autores do projeto, morador antigo, filho do criador do plano urbanístico da cidade de Boa Vista e ex-prefeito. Foi solicitada também entrevista com a atual prefeita Teresa Surita, entretanto sem resposta de confirmação até o fim deste trabalho. Dos cinco participantes, dois não moram na cidade sendo necessária a realização da entrevista por meio de áudio e e-mail.

Todos os entrevistados cederam materiais importantes para a composição desta dissertação incluídos nos anexos. Entre estes, foram autorizados por eles: cópias do projeto, memorial descritivo e acervo fotográfico. Para a autorização das entrevistas cada participante assinou o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) exigido pela comissão nacional de ética em pesquisa – CONEP, ora representado pelo comitê de ética em pesquisa – CEP da Universidade Federal de Roraima.

Os questionários foram elaborados para o público com faixa etária mínima de 12 (doze) anos por meio de uma das ferramentas do aplicativo “Google Docs.” Desta forma foi possível enviar o link do questionário para várias pessoas ao mesmo

tempo. Os voluntários que responderam a pesquisa puderam acessar o questionário pelo celular, tablet ou computador.

O acesso ao formulário encontra-se ativo no seguinte endereço: https://docs.google.com/forms/d/14JEC4RgOOjC_XLnGeCNUzIN6TbO0o3ChGY8yn3Z5sWg/edit#responses. Esta pesquisa de satisfação ficou disponível na rede por 2 (dois) meses, enviada para diversos grupos de aplicativo de mensagens instantâneas abrangendo em média 500 (quinhentas) pessoas independente de classe social ou econômica. A pesquisa foi respondida por 124 (cento e vinte e quatro) pessoas sendo a maioria dos interessados composto de adultos e jovens. Tanto o roteiro das entrevistas quanto os questionários fazem parte da compilação deste trabalho contido nos apêndices.

Os questionários coletaram informações sob o olhar dos usuários e visitantes do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva sobre o que pensam do espaço público para averiguar a urbanidade nestas áreas livres fazendo relação entre pessoa e ambiente. Foram elaboradas 10 (dez) títulos de perguntas, sendo que algumas possuíam subtítulos a fim de esmiuçar e detalhar o questionamento.

Visitas ao espaço estudado: Embasou-se em analisar o espaço, a composição paisagística considerando o entorno e avaliando a relação dos frequentadores com o meio urbano. Foi uma averiguação para constatar os fenômenos que ocorrem no espaço com base nas pesquisas bibliográficas previamente realizadas, assim como a observação à paisagem urbana e a coleta de dados.

1.1.3 Estrutura dos capítulos

A dissertação está dividida em três partes. O primeiro capítulo traz reflexões teóricas acerca de territorialidade, multiterritorialidade, espaço, fenômeno urbano, espaço urbano e produção do espaço urbano baseadas nas opiniões de autores como Cullen (2009), Sack (1986), Haesbaert (2004), Taylor (1994), Milton Santos (2008), Beaujeu-Garnier (1997), Lefebvre (2004), Carlos (2007), Lobato (1989), Sposito (1988) e Zevi (1996), que trata da Arquitetura referente ao espaço interior e exterior. São abordagens que introduzem e antecedem o entendimento de transformação do espaço e a “tentativa de defini-lo” como cita Santos (2008) concernente às dinâmicas sociais no tempo.

O segundo capítulo faz uma contextualização a respeito de reflexões históricas e conceituais sobre a cidade, planejamento urbano, espaço público, paisagem urbana, Paisagismo, Urbanidade e a formação das cidades amazônicas, buscando explicar os processos de ocupação e a produção do espaço urbano da cidade de Boa Vista.

No terceiro e último capítulo são apresentados os resultados dos estudos realizados através da coleta de dados e das visitas de campo através de procedimentos metodológicos como a adoção de questionários, entrevistas, mapeamentos e registros fotográficos. Os questionários foram transformados em gráficos e tabelas para melhor interpretação das informações contendo a apuração dos dados analisados.

Por fim, as considerações finais expressam uma última análise de todo o sistema de construção da dissertação e dos resultados obtidos em campo. De igual modo, os apêndices e anexos contidos neste trabalho corroboram na fundamentação da temática como forma de evidenciar e/ou esclarecer toda informação reunida no decorrer da pesquisa.

2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: TERRITORIALIDADE E MULTITERRITORIALIDADE

Território consiste em ser uma arena de poder, mas a territorialidade representa o sentimento de pertencimento. Por causa dela, o território é moldado consoante aos fenômenos nascidos e continuados nela. É como um vendedor ambulante que instala seu ponto em uma esquina e para ele atrai clientes, tornando aquela via de circulação movimentada. Houve uma demarcação do território e a motivação de trabalhar ali, logo assim, territorializando sua porção do espaço geográfico, cria dentro dele o sentimento de poder e apropriação.

Num mundo de conceitos bem definidos as estradas destinam-se ao trânsito de pessoas e coisas e os edifícios às relações sociais e de trabalho. Mas como a maioria das pessoas faz exatamente o que lhe convém e quando lhe convém, verifica-se que também o exterior se encontra ocupado para fins sociais e comerciais. A ocupação de determinados espaços ou linhas privilegiadas no exterior, os recintos, pontos focais, paisagens interiores, etc., são outras tantas formas de apropriação do espaço (...) (CULLEN, 2009, p.23).

Cullen (2009) ainda relaciona territorialidade à território ocupado quando explica as causas mais frequentes de apropriação do espaço oferecidos ao habitante, passante ou frequentador. Os elementos que compõem o tecido urbano sejam eles o mobiliário, a rua, a arborização, o pavimento das calçadas, etc., afetam diretamente o comportamento social. É o caso de bares que se estendem nas vias ou a reunião informal de idosos sob uma árvore frondosa ou ainda campeonatos esportivos e rádios itinerantes que fecham ruas para a realização do evento.

A ocupação estática, porém é apenas uma das formas de apropriação do espaço exterior. Uma outra consiste na apropriação pelo movimento. A alameda de acesso à igreja, na fotografia da esquerda, é algo de definitivo, com princípio e fim bem definidos e um caráter próprio. Pode ser ocupada pelas pessoas em movimento, tal como podem ser ocupadas as escadas do pelourinho pelo aldeão que nelas se senta (CULLEN, 2009, p.25).

Semelhantemente a isso, as praças contemporâneas dividem-se em muitas territorialidades. As pessoas realizam casamentos, festas infantis, ensaios fotográficos, piqueniques noturnos, encontros e confraternizações do trabalho, espetáculos teatrais e musicais, gincanas e uma infinidade de atividades que em outras épocas nem se imaginava. E conforme o tempo vai passando, os usos vão-se

acumulando, associando-se aos antigos, modernizando ações e criando novas tradições e costumes.

A residência sempre foi o lugar de repouso, o abrigo das intempéries, o local para a integração familiar e dos amigos próximos, mas que tem passado por mudanças de hábitos nas últimas décadas. Os ambientes de uma casa possuem territórios e territorialidades. Aquele escritório do pai cujo birô tem gavetas trancadas e uma estante de livros preferidos, embora não contenha a placa de “não toque”, os filhos sabem que não podem entrar no local e mover quaisquer objetos sem a sua permissão.

A intimidade que o lar representa não anula as formas de apropriação, é por isso que hoje existem creches e colônias de férias em casas comuns de pessoas comuns. Tem sido um sucesso de público porque a “casa” oferece muito mais que o serviço proposto, pois põe à disposição todo o seu aconchego e sua singularidade familiar exposta na decoração do ambiente, nas relações de escala ou proporção do espaço e das suas peças.

Vale ressaltar que territorialidade também é sinônimo de domínio. Significa uma forma de comunicação que emite mensagem clara de regras, permissão, demarcação, classificação, início, término, alerta, entrada, saída, entre outras coisas mais. Os eventos que ocorrem dentro do território intitulam os mais variados fenômenos sejam eles humanos ou não. Portanto não se resume às condições do espaço-tempo, vai além das coisas, das representações da paisagem pelo desenho e pela imagem capturada, da arte, do comportamento e das inter-relações. “Territorialidade é a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica.” (SACK, 1986, p.59).

Pensar em território não quer dizer que ele sempre estará atrelado à territorialidade visto que esta pode existir sem que haja território. Sack (1986) comenta sobre isso em sua teoria da territorialidade humana, exemplificando a respeito de um grupo de índios americanos nômades que não tinham propriedade fixa, mas que ocupavam áreas distintas, mudando-se sempre depois de algum tempo. Embora não detivessem território, ficavam claras suas manifestações culturais, sociais e econômicas, pois planejavam seus casamentos, preservavam suas festas, suas amizades e mantinham seu sustento através da agricultura familiar e troca de mercadorias advindas da caça.

Nesse mesmo sentido, Haesbaert (2010) explica sobre esta territorialidade sem território exemplificando os judeus na sua jornada em meio ao deserto à terra prometida. Desde a antiguidade, mesmo quando escravos de outra nação, o povo hebreu¹ jamais abandonou seus costumes e tradições. Na busca de um lar, partiram do Egito, peregrinaram quarenta anos no deserto, conquistaram cidades e impérios para assim conseguirem fixar definitivamente seu reino ao passo que suas identidades individuais e coletivas mantiveram-se intactas.

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (HAESBAERT, 2004, p.3).

Temos em Taylor (1994, p. 151) um aporte quando cita que “territorialidade é uma forma de comportamento que usa um espaço delimitado, um território, como instrumento para assegurar um resultado particular”. Nisto compreende-se a expressão das emoções humanas nas atitudes e na dinâmica de construção ou modificação do espaço.

São muitas as discussões a respeito do tema, entretanto existem solidez e apreensão destes conceitos. É evidente que o relacionamento dos indivíduos entre si e com tudo que os cerca são partes essenciais da territorialidade. O espaço não é somente físico, é também abstrato e passível de constantes transformações por isso viver no mundo contemporâneo exige muita observação. As crescentes desigualdades sociais nos fazem refletir sobre a cidade que queremos, sobre as pessoas que seremos, e, sobretudo sobre o legado que deixaremos para os filhos e para a nação.

Desde que a palavra “globalização” surgiu no cenário político e midiático, as pessoas tem entendido a multiplicidade do significado. Se tudo no mundo universaliza, sejam eles aspectos físicos, socioeconômicos, culturais, educacionais, o território também se dissemina e partilha da mesma pluralidade.

Haesbaert (2004) fala que os processos de territorialização variam ao longo do tempo. Os hábitos da sociedade do século XVIII são diferentes da sociedade do século XIX, é claro que não em sua totalidade, mas em relação ao espaço sim. Os valores repassados de geração a geração sofreram metamorfoses, o olhar perante os fatos mudou, o comportamento mudou porque tudo se transforma com o tempo.

¹ Nome dado também aos judeus

A exemplo disso tem-se a evolução da tecnologia nos seus mais variados âmbitos. Técnicas rudimentares ou artesanais foram em sua grande parte substituídas pelas máquinas, daí analisa-se a mudança dos comportamentos humanos isolados ou em grupos porquanto as ações acabam espelhando-se nos hábitos do dia a dia.

Assim, as sociedades tradicionais conjugavam a construção material (“funcional”) do território como abrigo e base de “recursos” com uma profunda identificação que recheava o espaço de referentes simbólicos fundamentais à manutenção de sua cultura. Já na sociedade “disciplinar” moderna (até por volta do século XIX) vigorava a funcionalidade de um “enclausuramento disciplinar” individualizante através do espaço – não dissociada, é claro, da construção da identidade (individual mais do que de grupo). Mais recentemente, nas sociedades “de controle” ou “pós-modernas” vigora o controle da mobilidade, dos fluxos (redes) e, conseqüentemente, das conexões – o território passa então, gradativamente, de um território mais “zonal” ou de controle de áreas para um “território-rede” ou de controle de redes (HAESBAERT, 2004, p. 5).

Muitas são as categorias de multiterritorialidade, pode-se assim dizer, pois as dinâmicas de movimento e composição do espaço são diversas e multifacetadas. Nesse contexto, bairros e regiões constituídos por habitantes de uma única etnia e que adotam outros lugares para viver enquadram-se nesse sistema. De igual modo, o mesmo processo acontece por um grupo de etnias diferentes. São culturas e costumes distintos que fixam bases em outro local e produzem uma nova configuração do espaço.

Citando caso análogo, a Gentrificação é um fenômeno que carrega em si esta multiterritorialidade. Por afetar o modo de vida das pessoas nos seus aspectos econômicos, o território se remodela, outros passam a habitar nele e com eles trazem suas bagagens emocionais, seus modos de fazer e agir no espaço que interferem no território de origem daqueles cidadãos naturais do lugar.

Outra consideração a respeito disso é que falar de multiterritorialidade não implica apenas em deslocamento físico, é também a capacidade de interagir à distância como afirma Haesbaert (2004). Assim sendo, os meios de comunicação evoluíram de tal forma que hoje é possível decidir qualquer assunto seja qual for o lugar. Os agentes promotores do espaço urbano podem afetar esta dinâmica. Os movimentos sociais, por exemplo, tem esse poder de multiterritorializar sem realizar manifestação em locais, basta apenas o celular ou a internet, uma conectividade que possui alcance superior em curto intervalo de tempo.

2.2 O ESPAÇO, O FENÔMENO URBANO E O ESPAÇO URBANO

A linguagem adotada para exprimir o conceito de espaço continua em processo de mutação ou metamorfose. Há muitas literaturas que tratam do tema para as quais muitos autores convergem em certos princípios e muitos outros divergem em seus pontos de vista. O espaço entendido como categoria abarca dentro dele interdisciplinaridade, pois cada ciência a seu modo possui sapiência para procurar defini-lo ou percebe-lo em conformidade com seu próprio olhar analítico.

Santos (2008) introduz esta temática relatando que há grande esforço por parte dos geógrafos em descrever o espaço, justamente por considerar uma tarefa extremamente árdua. Isto não tem uma origem ou marco inicial de quando o debate realmente iniciou, todavia, sabe-se que desde os filósofos gregos a discussão acontecia e a consciência de que o espaço tem tanto suas dimensões na vida cotidiana da humanidade quanto nos objetos, nos territórios e nas demais formas de atuação deste, resultava em um complexo grupo de informações.

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente (SANTOS, 2008, p.153).

Zevi (2002) argumenta que na Arquitetura há o espaço interior e exterior. O interior é este composto por paredes, piso e teto, e o exterior é tudo aquilo que se prolonga na cidade como ruas, praças, parques, pontes, fontes, árvores, fachadas de prédios, etc., isto é, o espaço urbano.

Para Beaujeu-Garnier (1997) é essencial que os habitantes tenham conhecimento do espaço em se tratando de como o percebam e de como o dominam. Neste olhar, entende-se que cada pessoa coopera na construção deste espaço humano por meio das preferências de lugares ou objetos por exemplo. Isto quer dizer que o espaço é também inerente à evolução comportamental da sociedade enquanto que o fenômeno urbano tem seu papel delimitado ao espaço.

A formação inicial das cidades da antiguidade possuía cenários e paisagens pitorescas. Às margens dos rios, as pequenas aldeias pouco a pouco foram evoluindo juntamente com os novos processos de trabalho até constituírem-se em cidades mais complexas e/ou impérios.

O traçado e o desenho urbano destas cidades surgiram muitas vezes mediante necessidades de segurança e proteção contra ataques de outros reinos ou províncias. Com isso, foram criados planos de urbanização e técnicas construtivas que influenciaram diretamente no modo de vida de seus habitantes.

Na idade média, as cidades passaram a aglutinar-se dentro de limites por meio de muralhas em um número consideravelmente superior à idade antiga. Logo, as relações entre cidade e campo ficaram praticamente mais distantes, isto é, as moradias fora dos limites dos muros estavam desprotegidas do aparato militar, entretanto tinham mais liberdade de personalização do espaço, pois procuravam instalar-se próximo a ribeiros de águas como forma de facilitação ao cultivo e pesca para mantimento familiar.

As dimensões das cidades deviam ser restritas, porque se ia a pé de casa para o trabalho; por outro lado, durante longos séculos, procurou-se proteger as muralhas. Quando os subúrbios se desenvolveram para além das portas da cidade e das muralhas, tornou-se necessário, ao fim de um certo tempo, deslocar a antiga cintura defensiva e construir uma nova, o que é visível na estrutura actual em muitas aglomerações europeias, como já dissemos (BEAUJEU-GARNIER, 1997, p.120).

O conceito de cidade passa então a ser multifacetado e incapaz de ser apresentado por uma única vertente de informação ou referência, é apontado como *urbano*, um fenómeno cuja teoria complexa apoia-se em vários aspectos entre eles “as relações sociais” (LEFEBVRE, 2004).

O fenómeno urbano depende, primeiro, dos métodos descritivos, eles próprios variados. A ecologia descreve o “habitat”, as áreas habitadas, as unidades de vizinhança, as formas de relações (primárias, na vizinhança; secundárias ou derivadas, num espaço ampliado). Mais sutil, a descrição fenomenológica ocupa-se dos laços entre os cidadãos e o sítio; ela estuda o ambiente, as disparidades do espaço, os monumentos, os fluxos e os horizontes da vida urbana (LEFEBVRE, 2004, p.51-52).

A concentração urbana é um desses fenómenos que impacta diretamente a saúde dos cidadãos. Sobre isto, Beaujeu-Garnier (1997), relata que durante o século XIX com o crescimento das cidades industriais na Europa, a taxa de mortalidade infantil era altíssima passando a ter um índice muito superior as das zonas rurais, ademais a expectativa de vida na cidade de York (Reino Unido) nos anos de 1839 e 1841 era de 48 anos, sendo que para operários esta estatística era de apenas 23,8 anos.

O alavancar desses crescimentos urbanos espontâneos permitiu um planeamento mais centrado na resolução a prazo de problemas que afetavam as

idades nesta época. Como assevera Beaujeu-Garnier (1997), nos casos em que o surgimento de cientistas e profissionais da saúde para o descobrimento de medicamentos além de outros com especialidades no campo das “infecções”, propiciaram um eficaz combate às doenças oriundas da falta de salubridade e saneamento.

A imigração no período da revolução industrial foi um fator agravante da proliferação de enfermidades trazidas pela desambientação dessa população ao novo clima e as novas condições socioeconômicas a este novo habitat. O homem do campo deixava sua cidade natal para adequar-se as necessidades do mercado de trabalho que exigia a manipulação de outros instrumentos e o conhecimento de técnicas para atuarem na indústria, por isso as mazelas referentes à saúde eram frequentes. São fenômenos urbanos que mesmo após séculos de transformações e revoluções tecnológicas continuam a existir.

Países como o Brasil que possuem calendário de vacinação ativo não estão imunes a surtos ou epidemias mesmo se certas doenças já foram erradicadas, pois se houver uma concentração urbana inesperada, como no caso dos imigrantes provenientes da Venezuela, esta situação passa a ser de risco. É o que tem ocorrido atualmente com a volta do sarampo e difteria, dado que a Venezuela não possui programa atuante de vacinação e seus cidadãos acabam infectando a população brasileira geralmente aos mais vulneráveis que são crianças abaixo de cinco anos.

Voltando às reflexões sobre espaço, Carlos (2007) o define como produto, condição e meio do processo de produção da sociedade em todos os seus aspectos. A autora faz uma relação entre o espaço construído (casas, ruas, avenidas, estradas, edificações, praças) e o homem, além de enfatizar o relacionamento intrínseco dele com a natureza. Compreende-se que a sociedade constrói o espaço urbano e que ao passar dos anos a cidade reflete as paisagens produzidas pelos fenômenos e momentos históricos.

A valorização do espaço urbano tem significados diferentes, primeiramente porque há uma diferenciação da terra urbana para o espaço geográfico. Segundo Carlos (2007), há dilema sobre o tema quando do ponto de vista de alguns estudiosos a terra não é produto de trabalho e por isso não tem valor. Para estes pesquisadores ninguém produz a terra, há a produção do trabalho, pois se trabalha na terra para produzir o fruto dela.

Nesse contexto, o espaço geográfico é produzido pelo processo de trabalho e figurado na paisagem urbana por esse produto materializado. É o que se compreende por “parcelas do espaço”, sendo assim, o uso do solo passa a ter valor e a comercialização da terra favorece a valorização do espaço urbano.

O espaço urbano aparece como movimento historicamente determinado num processo social. O modo de produção do espaço contém um modo de apropriação, que hoje está associado à propriedade privada da terra (CARLOS, 2007, p.51).

Toda cidade possui um núcleo de origem e nos seus arredores pode haver ou não uma continuidade no traçado urbano. Várias cidades europeias que são denominadas históricas conservam marcas do espaço urbano de outrora. Claramente pode-se observar a diferenciação deste espaço na malha viária básica, onde havia amplas vias de passagens arborizadas chamadas de “*boulevards*” e o contraste deste com ruas mais estreitas, pavimentações diferenciadas e planejadas para o tráfego de veículos alinhado ao pensamento inicial da mobilidade urbana pedonal.

Nesse processo de evolução urbana, a utilização do solo diversifica-se. Áreas rurais são absorvidas pela ramificação do tecido urbano e as periferias tornam-se consequências naturais desse fenômeno. A periferia ou subúrbio também conhecida por arrabalde das cidades mais antigas não é sinônimo de miséria, apenas constitui-se de áreas que não estão localizadas no centro da urbe.

O fato é que pela aglomeração rápida de ocupação, bairros tardam em receber atendimento em infraestrutura básica pela gestão pública, interferindo diretamente no planejamento urbano além de acarretar sérios transtornos de falta de salubridade. São estes alguns dos motivos que o subúrbio é entendido por grande parte da população como um lugar não apreciado.

Não é regra, tampouco condição obrigatória que o espaço periférico é distorcido do núcleo central ou que nele habite as mazelas da sociedade, pelo contrário, muitas cidades são embelezadas por seu entorno e por seus bairros distantes que se apresentam com usos singulares, áreas agradáveis ou polos comerciais que fortalecem sua economia.

O desenvolvimento das periferias tem probabilidade de possuir personalidade própria dissemelhante do seu cerne, isto é, podem ter uma dinâmica social totalmente própria, desraigada de sua origem, mas que ao mesmo tempo a complementa, lhe dá mais significados, transforma-se e une-se a potenciais

organismos que formatam uma configuração urbana diferente, conferindo-lhe adjetivos de ostentação, singeleza, calma, agitação, entre outros.

Ao falar sobre “aglomeração”, Beaujeu-Garnier (1997) explica sobre o desenvolvimento urbano de Londres, Paris, Montreal e Buenos Aires conhecidas por serem grandes sítios urbanos e que exercem efeito de atração sendo intituladas de cidades-centros. Descreve ainda que os bairros podem ter características diferentes tanto do ponto de vista morfológico quanto da diferenciação de atividades e nível social.

Discorrendo sobre este tema, a “cornubação” surge como um exemplo de aglomeração urbana incomum. Apresenta-se primeiramente como grande bairro que aos poucos se transforma em município e que ainda soma-se a outros formando apenas um. Embora essa fusão pareça unificar as formas, as funções são totalmente distintas.

A aglomeração supõe maior dependência; na cornubação, as cidades mantêm-se distintas, embora aglomeradas num mesmo conjunto. Parece necessário acrescentar uma condição suplementar: a cornubação é devida ao crescimento paralelo de várias aglomerações vizinhas, que acabam por se juntar; mas os centros principais mantêm uma certa independência entre si, mesmo se um deles tiver alguma proeminência (BEAUJEU-GARNIER, 1997, p.12).

O termo cidade-satélite denominado por geógrafos soviéticos originou-se inicialmente por pequenas cidades de arrabalde. Neste caso, houve novo sentido organizacional espacial, passou então a existir uma separação explícita entre o local de trabalho e o lar, é o que Beaujeu-Garnier (1997) chama de cidade dormitório e cidade-centro.

No Brasil, Brasília é conhecida por esta dinâmica. Lúcio Costa ao traçar o desenho urbano da cidade considerava atender o programa de necessidades proposto pelo governo da época, fazendo a cidade capital do país. Para isso propôs centros básicos essenciais como os comerciais e habitacionais em grupos, conforme a região de cada condomínio residencial justamente para propiciar o menor deslocamento pedonal e veicular.

A concentração dos serviços públicos foi uma estratégia para compor o eixo monumental da cidade, entretanto o nascimento de bairros improvisados aos arredores mudou consistentemente sua paisagem. O começo desse fenômeno surgiu com os trabalhadores da construção de Brasília, estes fixavam suas casas nos arrabaldes e seguiam diariamente para o núcleo central. Com o crescimento dos

bairros e do número de habitantes a cada dia progressivo, esses núcleos urbanos (bairros) passaram a ser chamados popularmente de cidades-satélites.

Atualmente Brasília segue com seu formato político de sede do país, e para tanto, segundo a legislação, não pode possuir municípios, muito embora os bairros pertencentes a ela sejam empiricamente verdadeiras cidades, tanto em extensão territorial quanto em densidade populacional.

Florianópolis é outra capital que apresenta organização espacial bem diferente das demais brasileiras. A princípio porque a cidade é uma ilha e embora não seja planejada, tem peculiaridades que explicam a produção do seu espaço urbano. O índice de desenvolvimento humano (IDHM) desta região metropolitana até o ano de 2010 é de 0,815, considerado na faixa de desenvolvimento humano muito alto (IDHM entre 0,800 e 1) segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil.

Os índices de Longevidade, Renda e Educação são os mais elevados, fazendo Florianópolis conhecida como uma das cidades com melhor qualidade de vida. A região é dividida em ilhas e continente, a qual a sede da capital é inserida em uma delas. A região continental apresenta dinâmicas sociais, econômicas e urbanas diferentes da ilha. A tipologia das habitações muda, as incorporações imobiliárias disponibilizam valores mais acessíveis para unidades habitacionais, por exemplo, enquanto que na ilha o metro quadrado é sobremaneira superior.

Analisando superficialmente estes dados é compreensível fazer uma relação com a função das cidades-satélites, quando temos um bom fluxo de pessoas que atravessam a ponte Hercílio Luz² para o chamado “continente”. É a cidade dentro de outra. Há os que apenas trabalham na ilha e moram na região continental, fora dos limites e pontos turísticos famosos e diariamente percorrem este trajeto. Outros moram na ilha e partem para o continente em busca de prazeres gastronômicos ou esportivos em fins de semana, feriados ou férias.

É importante compreender o ritmo dos espaços urbanos. Eles não são estáticos, são influenciados por muitos aspectos que se comunicam com a utilização e preço do solo urbano, dos mecanismos de políticas públicas, da concentração, das atividades, do meio ambiente, da paisagem natural e urbana, da organização dos territórios, das formas e estruturas espaciais que estão em constante percurso de transformação, principalmente nesta era digital em que todos os meios de

² Ponte construída na década de 20 com o objetivo de ligar a parte insular da capital à sua parte continental. Foi tombada como patrimônio histórico, artístico e arquitetônico no ano de 1992.

comunicação estão interligados por um sistema hoje de linguagem universal, ou seja, a tecnologia avança em todas as áreas da vida humana.

Acrescentaríamos que o espaço urbano é também, por excelência, o espaço do confronto de interesses, do processo histórico de definição dos direitos do indivíduo e da coletividade, permanentemente escrito e reescrito na arquitetura da cidade (RODRIGUES, 1986, p.14).

2.3 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O espaço urbano é também compreendido por Rodrigues (1986) como “arquitetura resultante dos processos de organização social no espaço urbano”, logo então uma arquitetura de relacionamento de edifícios, edificações e espaços livres de uso público, ou seja, um cenário da vida coletiva, ora em espaços de permanência (reunião), ora em espaços de movimento (circulação).

O espaço da cidade capitalista para Corrêa (1989) é dividida em áreas residenciais segregadas que desta forma separam as classes sociais e que assim tem grande papel na produção do espaço urbano destacando os bairros como locais de reprodução dos diversos grupos sociais.

O espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a *organização espacial* da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado (CORRÊA, 1989, p.7).

Segundo os autores, o espaço urbano acontece pelo empirismo, isto é, pelas experiências humanas vividas e pelos resultados que dele se originam o sítio urbano e as cidades formadas. É oportuno ressaltar que o uso do solo tem seus propósitos e classificações determinado por seus agentes sociais. Considerando a classificação do uso do solo como fundamental ferramenta no planejamento físico-territorial, Rodrigues (1986) traz a seguinte contribuição:

A necessidade de um sistema comum de classificação de uso do solo reside em: facilitar a identificação imediata por parte de usuários participantes; permitir fácil comunicação e troca de experiência entre profissionais participantes, e entre estes e administradores públicos; possibilitar estudos comparativos e investigações permanentes; permitir uma atualização periódica e constante dos projetos de organização física (RODRIGUES, 1986, p.20).

Segundo Corrêa (1989) os agentes sociais tem responsabilidade direta com a produção do espaço urbano, dos quais se enquadram: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Donos de indústrias ou comércios de grande porte que necessitam de lotes extensos procuram redução de preço sobre o terreno para depois efetivamente instalarem-se. É uma estratégia de mercado e marketing, pois geralmente após certo tempo implantado em um bairro com pouca infraestrutura, o entorno pode passar a ter valor no mercado imobiliário.

O Estado tem grande papel nas formas de oferta à habitação e na organização da setorização dos usos da terra como um todo. Muitas vezes o modelo de gestão adotado na implementação de tarifas sejam elas de impostos, de estacionamento, de lixo, entre outros pode culminar em mais débitos financeiros para ambas as partes. Diante disso, casos semelhantes a esse são das distribuidoras de energia elétrica que não conseguem controlar o número de ligações clandestinas resultante do número de ocupações irregulares nas cidades.

Nos grupos sociais excluídos sejam eles de pessoas de baixa renda, moradores de rua ou usuários de entorpecentes, por exemplo, é comum o fluxo delas em áreas remotas ou periféricas com pouca infraestrutura. Nestes casos predomina o abandono social, a autoconstrução³ latente que traz riscos a vida humana e a falta de salubridade, pois nem sempre a administração pública consegue resolver esses problemas gerados por falta de planejamento urbano.

Sposito (2018) afirma que o capitalismo tem forte influencia no modo de vida da cidade estimulando a constituição da rede urbana, por isso a segregação espacial nunca diminui, porque depende de ações conjuntas entre os agentes sociais em especial ao Estado que detém o poder.

Em resumo, a segregação residencial pode ser vista como um meio de reprodução social, e neste sentido o espaço social age como elemento condicionador sobre a sociedade. Neste sentido, enquanto o lugar de trabalho, fábricas e escritórios, constitui-se no local de produção, as residências e os bairros, definidos como unidades territoriais e sociais, constituem-se no local de reprodução. Assim a segregação residencial significa não apenas um meio de privilégios par a classe dominante, mas também um meio de controle e de reprodução social para o futuro (CORRÊA, 1989, p.66).

³ Significa construir uma edificação sem projeto e sem responsável técnico. Geralmente as próprias famílias ou amigos são os executores da obra.

3 HISTÓRIA DA CIDADE

3.1 REFLEXÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS

A história da cidade se revela desde o nascimento das primeiras aldeias no período pré-histórico. Os acampamentos ladeados formavam um conjunto seguindo uma lógica do cotidiano da civilização. Os vestígios e materiais encontrados por arqueólogos comprovam o modo de vida e as atividades humanas desta era (BENEVOLO, 1997).

Sposito (2018) discorre sobre a relação do homem primitivo com a morada. Mesmo sendo nômade, a caverna significava abrigo e segurança, havia, portanto uma organização definida pelas descobertas e divisão do trabalho feminino e masculino, sendo estes os primeiros sinais que antecederam a formação das cidades.

Diante disso compreende-se que a organização espacial das cidades antigas era construída mediante as evoluções físicas e sociais. As condições climáticas, o relevo, as planícies, a vegetação e os corpos hídricos influenciavam no planejamento das cidades primitivas. Desta forma o sistema construtivo adaptava-se aos materiais e técnicas de sua época, por isso havia edificações talhadas em pedras, outras em áreas planas ou em níveis.

O homem sempre viveu em grupo, suas necessidades básicas foram a razão para o desenvolvimento de mecanismos que o auxiliassem no trabalho diário. Com isso, eram construídas cabanas e criadas a setorização de ambientes. Igualmente, as disposições das habitações obedeciam a uma hierarquia. Tornava-se essencial a centralidade do acampamento do líder como forma de demonstrar sua autoridade perante a comunidade. Assim, o processo de organização do espaço vai surgindo gradualmente, imprimindo peculiaridades dos costumes e ações no meio ambiente.

Carlos (2007) comenta que no início, o homem relacionava-se com o meio ambiente apenas para sobrevivência porque suas habilidades eram restritas em decorrência da região geográfica o qual estava inserido. A partir de suas vivências, sua percepção passa a transformar-se e sua familiaridade com a natureza é aprimorada.

Por causa disso, os modos de pensar foram evoluindo e as relações sociais expandiam-se com o conhecimento e com as descobertas. O contato com a terra

despertou o cultivo. A agricultura possibilitou alternativas de suprimento e com o passar dos séculos as plantas passaram a servir como suporte medicinal no tratamento de enfermidades até ao uso de ornamentação. O homem, como ser pensante, passa a projetar suas ideias e com elas melhorar objetos e sistemas, logo transfere informações ao espaço e com isso à cidade.

A cidade – local de estabelecimento aparelhado, diferenciado e ao mesmo tempo privilegiado, sede da autoridade – nasce da aldeia, mas não é apenas uma aldeia que cresceu. Ela se forma como pudemos ver, quando as indústrias e os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não têm esta obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total. (BENEVOLO, 1997, p.23).

Os primórdios das habitações, da concepção das ruas, da divisão do trabalho, entre outras coisas mais, significa a cidade de hoje. Antes, o uso do solo limitava-se em moradia e mantimento, depois, passadas gerações, ampliava-se sem perder as bases de sua origem. Carlos (2007) defende que a cidade é um produto social materializada nas ocupações, portanto tem herança a partir dos elementos que formaram sua gênese.

A origem das cidades da antiguidade dava-se por conflitos, batalhas, fugas. A destruição de reinos e impérios dava lugar a novos Estados e províncias. As cidades tomadas se reconstruíam e se aperfeiçoavam, muitas vezes exterminavam toda a população residente para preservarem sua linhagem pura, livre de preocupações com possíveis vinganças de descendentes daquele povo aniquilado.

Para os ancestrais gregos, o berço da cidade é a paisagem natural. As árvores e toda composição paisagística estavam nela, ou seja, era a cidade na paisagem. Segundo Paiva (2004), os jardins gregos não eram planejados devido ao solo rochoso, e ao clima quente e seco, além disso, permitiam a propagação das plantas ao acaso, sem rigidez ou simetria para que se assemelhasse aos da natureza. Suas cidades eram livres no sentido de estimular seus habitantes a expressarem-se das mais diferentes formas, sejam na arte, na escrita ou ciência. Nisto explica-se a origem das cidades helênicas que além de absorverem toda maleabilidade social e urbana associaram aos confortos e prazeres do lugar.

Lefebvre (2001) contextualiza sobre a industrialização e capitalismo em seu livro “O direito à cidade” e de forma objetiva fala acerca das práticas primitivas que as cidades passaram a exercer na era feudal. Neste caso, um papel social de valorização das riquezas, dos produtos disponíveis à venda.

A própria cidade é uma obra e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro). (LEFEVBRE, 2001, p.12).

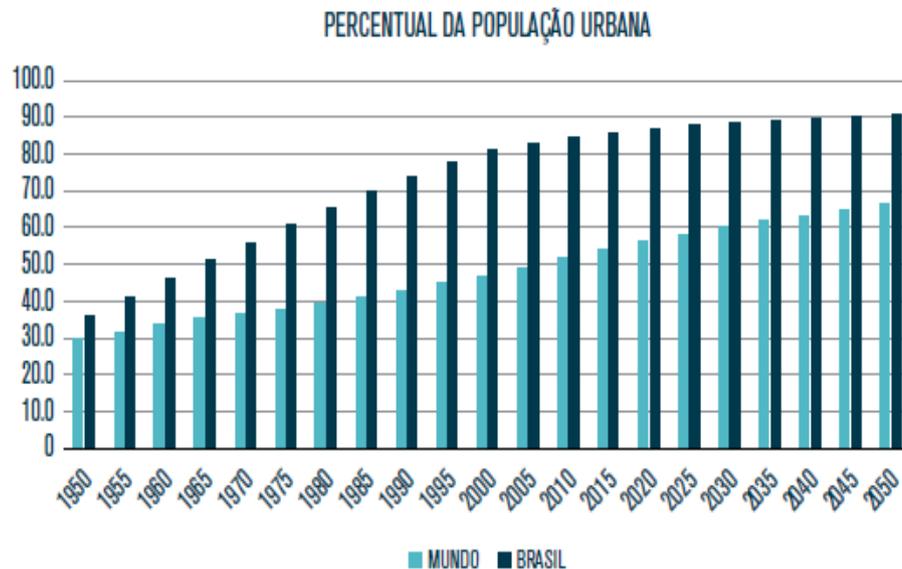
A morfologia das cidades ao longo dos séculos se dá de forma temporal, está em constante transformação, por isso as cidades medievais quer eram construídas com delimitações de território, fechadas por altas muralhas significavam naquela época poder, segurança e emancipação.

A cidade é um todo único, onde não existem zonas fechadas e independentes. Pode ser cercada por muros, mas não subdividida em recintos secundários, como as cidades orientais já examinadas. As casas de moradia são todas do mesmo tipo, e são diferentes pelo tamanho, não pela estrutura arquitetônica; são distribuídas livremente na cidade, e não formam bairros reservados a classes ou a estirpes diversas (BENEVOLO, 1997, p78).

Nunes-Ferreira (2017) faz uma definição de “cidade” entendida e vista em partes específicas que ao todo formam seu conceito tais como: a cidade como fenômeno geográfico, como posto de troca comercial, como símbolo cultural, como centro de poder, como obra de arte, como estado de espírito e por fim como berço da civilização.

O modo categorizado pelo autor traz uma reflexão da diversidade urbana que há na cidade. Em uma análise geográfica, é entendida pelos fenômenos de sua origem, localização assim como pelo clima e relevo. Não abstém a historicidade do relacionamento humano com todos os processos evolutivos envolvendo pessoas, animais, materiais, terra, entre outros. É bem verdade que as necessidades humanas passaram por mudanças desde os primeiros assentamentos e que com isso espaços destinados à cultura como teatros, bibliotecas e cinemas passaram a formar uma cadeia de valores.

Não é a toa que a população urbana ultrapassou a população rural no mundo em 2007 (gráfico 1) segundo Nunes-Ferreira (2017). As manifestações sociais ocorridas no âmbito urbano são infinitas e de certa forma atraem o olhar de todos independente de suas faixas etárias. A monumentalidade dos edifícios e das vastas áreas livres dos parques, praças e calçadas figuram na cidade a imponência, a arte e a permanência de boas memórias.

Gráfico 1 – Percentual da população urbana no mundo e no Brasil

Fonte: NUNES-FERREIRA, Carlos Eduardo. Teoria e história das cidades. p.11, 2017.

3.2 O SURGIMENTO DO URBANISMO

Do mundo antigo ao mundo contemporâneo aumentaram os índices de natalidade. Há muita gente no globo terrestre e pouco aproveitamento do solo urbano para fins de habitação. É um problema de alto grau, mas de baixa complexidade para resolução se os fins para a aplicabilidade de um planejamento urbano sustentável forem prioridade e exequíveis a prazos regulares pelo poder público.

Relacionado a isso, foi a partir da revolução industrial que as metamorfoses nas cidades se tornaram explícitas. O êxodo rural aconteceu e o inchaço populacional para os centros urbanos provocou favelização, miséria, além de epidemias e doenças já comentadas no capítulo anterior. Foi por causa desse grande impacto social que pensadores, estudiosos, urbanistas e demais profissionais preocupados com os rumos da sociedade desenvolveram regras para melhorar a vida na urbe denominando assim o termo “Urbanismo”.

A revolução industrial não trouxe apenas descontentamentos à vida urbana. A economia cresceu assustadoramente proporcionando muito mais vagas de empregos nos centros urbanos europeus. Apesar deste sucesso econômico, as taxas de mortalidade aumentavam e a infraestrutura básica que havia passou a ser

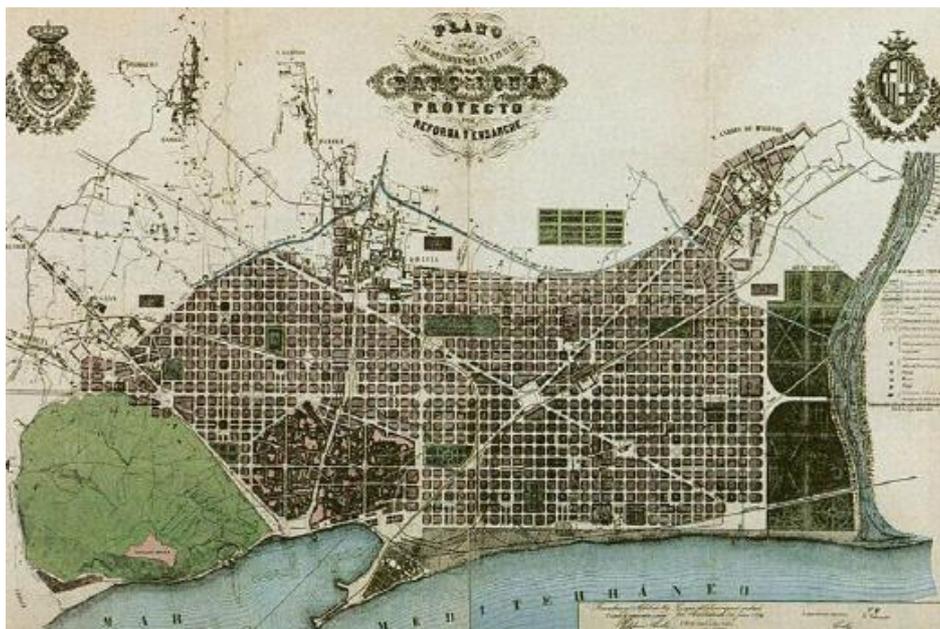
inadequada. Exemplos de grandes intervenções urbanísticas do século XIX são a reforma do centro de Paris pelo Barão Haussmann (Figura 2) e o plano de expansão de Barcelona por Ildefonso Cerdá (Figura 3) como cita Nunes-Ferreira (2017).

Figura 2 – Imagem de Paris (1853) antes e depois da reforma (atual) - Avenida da Ópera



Fonte: NUNES-FERREIRA, Carlos Eduardo. Teoria e história das cidades. p.78,81.

Figura 3 – Plano de Extensão de Barcelona, 1859: Ildefonso Cerdá



Fonte: NUNES-FERREIRA, Carlos Eduardo. Teoria e história das cidades. p.84.

Temos um aporte sobre o conceito de Urbanismo conforme os autores abaixo:

O Urbanismo trata, portanto, da cidade em suas diferentes dimensões: a ocupação construtiva do território, a distribuição de funções e o movimento da população, além dos interesses sociais e econômicos dos diferentes atores (NUNES-FERREIRA, 2017, p16).

Conjunto de disciplinas científicas e artísticas que estudam a problemática da menor unidade territorial, que administrativamente tem por sede uma cidade (Município), abrangendo seus aspectos físico-territorial, social, econômico e administrativo, vinculando seus objetivos aos objetivos maiores de suas regiões envoltentes, desde a microrregião até a macrorregião em escala nacional. Primitivamente, o urbanismo estudava apenas os aspectos físico-territoriais das cidades, atendendo ao significado etimológico do vocábulo. Embora empregados, os termos “urbanismo regional” e “urbanismo nacional” devem ser substituídos respectivamente por “planejamento regional” e “planejamento social”. O mesmo que planejamento municipal integrado. (FERRARI, 2004, p.370).

Ferrari (2004) destaca em seu dicionário que “Urbanismo” pode ser entendido também como modo de vida urbano ou filosofia de vida urbana. Segundo o autor, neste âmbito do conceito filosófico, a vida urbana tem mais importância do que a vida rural. Nesse contexto, é possível analisar a regressão populacional das zonas rurais. O fato não se deve apenas a questões econômicas e de uso do solo, mas também de um sentimento de um não pertencimento mais ao lugar. Um exemplo muito comum disso são os anseios e preferências dos jovens cada vez mais latentes na busca por novas experiências em cidades grandes.

Diante de todo esse cenário, o Urbanismo passa então a ser definido como ciência ou disciplina no século XIX. No século XX, a aglomeração urbana continuava a proliferar-se, por isso, arquitetos e urbanistas passaram a desenvolver estudos para minimizar os efeitos do uso indiscriminado do solo urbano, no qual ocorriam a devastação de áreas verdes e a disseminação de ocupações irregulares, por exemplo, dentre eles destacam-se Le Corbusier por seu plano urbano não executado chamado de *Ville Radieuse* (Figura 4) com tipologias arquitetônicas de grandes vãos e alturas.

Figura 4 – Desenho da Ville Radieuse por Le Corbusier em 1929



Fonte: PEREIRA, José Ramón Alonso. Le Corbusier 24NC
- Un fragmento habitado de La Ville Radieuse, 2014.

3.3 IMAGEM DA CIDADE

As cidades contemporâneas herdam das cidades antigas alguns elementos emblemáticos que fazem parte de sua estrutura. Como já citado anteriormente, a Grécia antiga desponta no cenário urbanístico com a divisão da pólis em duas áreas. A acrópole construída no alto das montanhas figurava poder, controle e nobreza. Lá estavam edificadas os templos, a sede do governo e os palácios reais. O restante da população situava-se na parte mais baixa do relevo, destacando-se assim a diferenciação das classes sociais e a forma de organização espacial.

O desenho urbano desta Grécia representava imponência e beleza associadas aos encantadores prazeres da convivência social iniciada com a criação das ágoras. Nelas, seus habitantes partilhavam de inúmeras ações. A ágora nasce como a “praça do mercado”, funcionava como palco de decisões políticas, local para venda de mercadorias, ponto de encontro, lugar para estudo, ou lugar para expressões artísticas, em outras palavras, tudo isso compunha sua identidade. “A cidade inteira é vista como arquitetura, como obra de arte, como artefato.” (PANERAI, 2006, p. 93).

Lynch (1997) explana que a cidade possui elementos que definem sua imagem e os classifica em cinco: vias, limites, bairros, cruzamentos, pontos

marcantes. São componentes que personalizam a urbe e a fazem ser conhecidas como, por exemplo, pelo aglomerado de comércio, densidade demográfica, folclore, feiras gastronômicas ou de artesanato, vastas zonas residenciais, etc.

Neste sentido, o tecido urbano de uma cidade representa sua historicidade e morfologia. Segundo Panerai (2006), é constituído pela rede de vias, pelos parcelamentos fundiários e pelas edificações. De igual modo cita das relações entre as tipologias dos edifícios, do traçado e do sistema viário que configuram a forma urbana e conseqüentemente a imagem da cidade.

A memória do espaço construído está presente no pensamento, na fala, e no sítio. O que é construído materialmente na cidade como os edifícios, ruas e bairros caminham paralelos com o abstrato e o imaterial. Da mesma forma a paisagem urbana discorre sobre estes aspectos dos sentidos humanos: a visão, o ouvido, o tato, o paladar e o olfato.

Analisando a paisagem, compreende-se que ela se faz presente também nas lembranças dos cheiros dos cafés ao longo das ruas do centro urbano, na textura dos objetos, no fluxo contínuo de determinados tipos de transporte e demais peculiaridades que fazem a interpretação da cidade ao mesmo tempo em que estreitam o relacionamento do indivíduo com seu lugar.

Nesta mesma linha de pensamento, Lynch (1997) discorre sobre a percepção de conhecer o passado histórico de um bairro pela sua forma. O que ele quer dizer é que as fachadas, as cores ou o tipo de pavimentação daquele local pode fazer compreender sua essência, ou denominado por ele de “cenas” que trazem à memória todo este conjunto de associações.

3.4 A VIDA NA CIDADE

Habitualmente cada cidadão tem uma rotina diária durante a semana. Estudar, trabalhar, cuidar dos filhos, alimentar os cães, fazer as refeições, higienizar-se, realizar as atividades diárias em casa, divertir-se, descansar, entre outras coisas mais. Além das práticas rotineiras, as relações humanas são indispensáveis para o bem-estar social de cada pessoa, por isso mantemos desde cedo contato físico com os outros e ampliamos nossa rede de comunicação de acordo com o lugar em que nos encontramos a cada ciclo da vida, seja na pré-escola, no teatro, na roda de amigos, na igreja, na faculdade, etc.

O traçado urbano de uma cidade pode flexibilizar a diversidade de funções e de seus atributos, assim como pode maximizar as adversidades contidas no seu espaço. O fato é que os elementos que a constituem só tem valor se houver a presença da sociedade, sem ela a cidade não existiria, seria apenas uma porção de terra sem significados.

A importância da sociabilidade deveria ser apreciada por todos. Como expressar, manifestar, discordar, refletir se não interagirmos com tudo ao nosso redor? Estas ações citadas como exemplo nada mais são do que atos que mantêm o equilíbrio do corpo e da mente. Portanto, a estrutura urbana com suas vias, espaços públicos, áreas livres, edificações e toda heterogeneidade que há nela são arranjos que cada pessoa deve usar para viver em toda a sua essência.

Se muito antes, nos primórdios da vida humana primitiva o homem soube entender a coletividade, agora nesta era contemporânea é muito mais ávido em utilizar-se disso para benefício de todos. O que se faz em conjunto de forma ordenada, agrega bons resultados do que o homem é capaz de produzir.

Jacobs (2011) faz uma alusão às vivências quando fala sobre a natureza peculiar das cidades. A autora interpreta o movimento e o ritmo da cidade de Nova Iorque na década de 50 sob o ângulo de observação que tem a partir do bairro onde morava seguindo para os fenômenos urbanísticos que estavam acontecendo na época. Fez críticas a respeito das cidades-jardins e a outros urbanistas que durante o século XX tiveram papel importante na concepção de organização espacial e setorização das cidades que documentaram ou concordaram com os princípios básicos da carta de Atenas.

A carta de Atenas foi um manifesto urbanístico elaborado inicialmente a bordo de um navio de propriedade de um armador grego, mas enviado pelo governo soviético em 29 de julho de 1933 liderado por Le Corbusier e seus contribuidores, entre eles críticos de arte, literatos, pintores, arquitetos e urbanistas além de cem delegados que analisaram trinta e três cidades de quatro continentes sendo finalizado em novembro do mesmo ano em Atenas na Grécia (LE CORBUSIER, 1993).

Para Jane Jacobs a vida na cidade não deveria estar sujeita a padrões determinados por propostas urbanísticas que expunham a necessidade de parcelar o solo urbano com usos pré-definidos. Defende a rua como espaço público essencial nas relações humanas do cotidiano e como um componente muito mais seguro do

que os espaços fechados do gênero “condomínio” que atrela para si seus próprios espaços públicos, mas privados, restritos aos moradores.

Nesse âmbito, a autora faz relatos sobre o encurtamento das calçadas para dar espaço às ruas que a seu ver é uma forma desastrosa de urbanização, uma vez que as crianças são impedidas de brincar nelas e induzidas a manterem-se nos quintais ou deslocarem-se para os playgrounds de praças, parques ou de seus condomínios residenciais.

Jacobs (2011) descreve ainda com mais detalhes sobre a insegurança que a população sentia ao deixar as crianças brincarem nas ruas, entretanto contraditoriamente os próprios pequenos se sentiam mais protegidos nela quando relata sobre uma situação verídica de alunos do ensino primário que tinham apenas um único caminho para chegar aos seus apartamentos e por esse motivo eram agredidos por meninos maiores por meio de um corredor humano. Sobre isto faz uma comparação de outras crianças que não moravam em condomínios e por isso tinham opções de ruas para escolherem por serem dotadas de bom movimento, comércios e serviços proporcionando o trajeto mais seguro.

É uma reflexão bastante apropriada para se apreender a função do espaço público e o modo de viver nos bairros. Com o agravamento da violência urbana, com maior relevância às cidades grandes, é compreensível que pais ou responsáveis por crianças e menores de idade tenham temor da rua. O problema na realidade nunca foi e nunca será a rua em si, mas o conjunto que a completa composto por infraestrutura, iluminação, entorno, mobiliário urbano e a redução de vazios urbanos que possibilitam vida e vitalidade ao lugar. Em outras palavras, é a falta desse sistema integrado que causa o insucesso da dinâmica da rua.

O período pós-revolução industrial foi uma fase de muitas discussões entre os arquitetos e urbanistas, entre eles destacam-se Ebenezer Howard, Le Corbusier e Frank Lloyd Wright. Com a carta de Atenas, a preocupação de Le Corbusier era fundamentalmente melhorar as condições e a qualidade de vida da população igualando isso à importância da Arquitetura e do Urbanismo em vários aspectos como moradia, salubridade, higiene, saneamento básico, infraestrutura, conservação do patrimônio histórico, densidade populacional, áreas verdes, etc.

Foi uma época em que houve a disseminação dos cortiços e a crescente desigualdade social advinda das consequências deste período pós-revolução industrial que elevou a miséria em vários países. As vielas escuras e a falta de

superfícies verdes em muitas zonas foram uma das razões da desvalorização imobiliária, isso não apenas causou impacto econômico, mas também social e político, uma vez que a gestão pública alimentava o enobrecimento de certos bairros e permitia o descaso com outros.

A carta, conforme discrimina o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna - CIAM procura atentar para o maior número de situações que desfavoreciam enormemente o “viver na cidade” de forma digna. As condições geográficas, o clima, ventos, áreas verdes e a distribuição dos bairros residenciais onde as casas poderiam receber mais luz natural, por exemplo, foram uma das abordagens do manifesto que preconiza firmemente a importância do planejamento urbano. “O Urbanismo é chamado para conceber as regras necessárias a assegurar aos cidadãos as condições de vida que salvaguardem não somente sua saúde física, mas, também, sua saúde moral e a alegria de viver delas decorrente.” (CARTA DE ATENAS, 1933, p. 15).

3.5 URBANIDADE

Urbanidade não é definida por um único conceito, é, portanto, formada por um grupo de atribuições que explicitam suas formas de agir e se comportar no meio ambiente. Segundo Bisson (2014), há uma elevada discussão sobre a Urbanidade por grande parte dos pesquisadores. Na verdade, há o entendimento de que fazer esta análise demanda sensibilidade em compreender o olhar do outro, em outras palavras quer dizer que é vital a formação de um grupo interdisciplinar de profissionais de várias áreas das ciências para a formulação da definição de urbanidade.

Embora seja trabalhoso construir conhecimento de um termo com um grupo de pessoas oriundas de escolas diferentes, o resultado disso é muito mais consistente e de relevado teor científico para a apreensão da urbanidade em várias esferas. Holanda (2010) diz que há muitas conotações para urbanidade, dentre elas o olhar sobre sociedade e Arquitetura, é o entendimento de que o lugar existe porque há pessoas nele, ou seja, Arquitetura e comportamento seguem o mesmo discurso e se relacionam.

Bisson (2014) expõe uma pesquisa realizada entre pesquisadores de vários ramos da ciência para saber qual o entendimento da urbanidade. A discussão gerou

alguns entendimentos a respeito do tema representados aqui por sinônimos. São estes: interação social, valores e atitudes, mobilidade, acessibilidade, densidade, diversidade e leitura da vida urbana contemporânea.

Para Aguiar, Netto (2012) urbanidade tem definição ampla, mas inicialmente entendida pela relação entre pessoas no meio urbano. No livro “Urbanidades” organizado por eles, o tema é abordado através de várias explicações de como a urbanidade é apresentada, seja na espacialidade contextualizada indiferentemente de onde o homem possa estar, ou no elo entre o homem, o meio ambiente e a cidade.

A efemeridade dos fenômenos urbanos carrega consigo escritos da história vividos e descritos pela humanidade. Embora estes não permaneçam, suas marcas continuam na alma das pessoas, sejam elas boas ou más. O interessante disso é quando a sociedade retém os traços bons e extrai de si as melhores vivências, exalando o perfume da cidade, isso é chamado de urbanidade.

A condição de urbanidade estará portanto no modo como a cidade acolhe as pessoas, recebe as pessoas, o corpo. Alberti falava ainda no Renascimento, na cidade como uma grande casa. A cidade, seja qual for, do tipo que for, é por definição e pré-condição funcional um abrigo – algumas, um mega abrigo – e são, todas, dotadas de urbanidade, de algum *tipo* e em algum *grau*, mesmo Milton Keynes, cidade projetada na Inglaterra (AGUIAR;NETTO, 2012, p.76).

Os autores de inúmeros dicionários descrevem e concordam com o significado de urbanidade referindo-se aos atributos da personalidade das pessoas em cortesia, civilidade, polidez e delicadeza, por isso o termo “urbanidade” na trama sócio urbana é empregado para se compreender o acolhimento da cidade com o cidadão.

Aguiar, Netto (2012) ao discorrer sobre o assunto, fala que o meio urbano tem grande potencial em despertar práticas interpessoais virtuosas. Isto quer dizer que a urbanidade do lugar contribui para o desenvolvimento do respeito mútuo, isso porque a cortesia que um espaço público ou edifício favorece as pessoas reflete diretamente no comportamento social devolvido na prática da convivência.

3.6 URBANIDADE DE ESPAÇOS PÚBLICOS

“Urbanidade é um atributo social que implica visibilidade do outro, negociação de papéis e frágeis fronteiras entre eles, mobilidade social, estruturas

societárias mais simétricas etc.” (HOLANDA, 2010, p. 1). A urbanidade ora apresentada no contexto das relações entre a cidade e a sociedade pode ser melhor apreendida por meio dos espaços públicos. São neles que as pessoas exercem controle em seus territórios, movimentando-se, contemplando e inserindo-se dentro dos fenômenos.

Os espaços públicos de lazer e convivência como praças e parques surgiram exatamente na mudança de ciclos econômicos e sociais das cidades. Já não bastavam o lar, o templo ou o santuário, todas as pessoas precisavam recrear e isto não estava mais restrito às classes dominantes. Nesse contexto, os gregos deixaram um legado para a humanidade tanto de fruição e contemplação do espaço, quanto de marco inicial para a Geografia e outras ciências (CLAVAL, 2006).

Para Mumford (2008), as cidades helênicas expressavam esta urbanidade através de suas áreas livres de convivência e do seu traçado, com largas vias. Isto proporcionava um ambiente confortável e oportuno para as relações humanas.

O espaço público compreende a totalidade das vias: ruas e vielas, bulevares e avenidas, largos e praças, passeios e esplanadas, cais e pontes, mas também rios e canais, margens e praias (PANERAI, 2006, p.79).

A ágora de Atenas era o lugar eclético, um refúgio para a juventude e ao mesmo tempo lugar de reflexão e trocas de ideias entre os filósofos. Acerca disso, Mumford (2008) descreve um pouco desse cotidiano discriminando as múltiplas funções da praça através da venda de mercadorias, das discussões sobre o cenário político, do local para denúncias e trabalho, além de ser o espetáculo da vida humana para os observadores e transeuntes.

Conforme se lê em Arroyo (2011, p.87), “El lugar implica centralidade simbólica y concentración física y se concreta em diversas escalas espaciales y temporales; desde el orden de los objetos presenciales a la extensión geográfica es posible reconocer y organizar el mundo através de *lugares relevantes*.” Esta abordagem do autor explica a relação do espaço público com o lugar, e lugar tem sentido de apreço, apego, sentimento, categorizando-o como uma localidade importante. De igual modo corrobora Panerai (2006, p.78), “os espaços públicos mais importantes atraem a implantação de monumentos (...)” Observa-se então a relevância do espaço público como instrumento de socialização, cidadania e utilidade para a sociedade.

Serpa (2007) ressalta a riqueza do espaço público na cidade contemporânea no sentido de afetar as dinâmicas dos bairros de forma positiva, atraindo valorização imobiliária com seus programas econômicos e culturais. É importante dizer que o estudo para criação de praças e parques, por exemplo, deve ser cauteloso, seguido de pesquisa de viabilidade juntamente com as necessidades dos moradores. “La morfología urbana, el espacio construído, refleja La organización económica, La organización social, las estructuras políticas” (CAPEL, 2002, p.20).

No Brasil, tem sido comum a gestão pública implantar estes espaços sem a devida consulta à população que o frequentará ou sem o prévio estudo socioeconômico, ocasionando assim por muitas vezes o abandono da área. É primordial fazer a leitura dos fenômenos para depois elaborar um programa eficiente que se transformará em um projeto adequado e harmônico com o entorno e a forma urbana.

Sobre a apropriação da forma relacionado ao espaço público, tem-se algumas reflexões e contribuições na literatura a respeito disso:

Os usos do parque se leem na escala da cidade ou do bairro. Eles correspondem às práticas de lugares particulares no interior dos parques: as áreas gramadas, as áreas de lazer infantil, os caminhos... Dito de outro modo, o tempo “encaixa-se” no espaço (SERPA, 2007, p. 76).

Ao que parece, com os processos de apropriação social dos parques públicos, instala-se uma concorrência entre os usos ditos “conformes” com as regras e normas e os usos imprevisíveis ou “proibidos”. O usuário é, como os criadores dos parques urbanos, um agente no espaço do qual ele se apropria (SERPA, 2007, p. 77).

Do passado para o presente o espaço público passou por mudanças que influenciaram na sua dinâmica. Da mesma maneira, o comportamento da sociedade modificou-se e distanciou-se do formato helênico. Hertzberger (1999) cita os centros comunitários projetados por Van Klingerem⁴ na tentativa de recriar as ágoras, entretanto seus objetivos não foram alcançados.

A estrutura do espaço era coberta, sem divisórias e havia barracas em toda a sua extensão. Assemelhava-se a uma feira, mas os ruídos produzidos incomodavam as pessoas, resultando na transformação do ambiente aberto para fechado, com paredes.

⁴ Arquiteto holandês que ficou conhecido por suas obras que interagiam com a coletividade nas décadas de 60 e 70.

Neste contexto da urbanidade, compreende-se que ela favorece o bem-estar social e a qualidade de vida, principalmente neste século em que trabalhar a sustentabilidade e fazer uma cidade saudável está cada dia mais difícil. A população está mais reclusa dentro do mundo digital ou reprimida pela insegurança pública ou talvez tenha perdido as boas maneiras da cordialidade praticada em séculos passados. Não há uma razão definida dentro da sociologia urbana para este fenômeno, embora haja estudos e conjecturas a respeito.

O acontecido no centro comunitário de Klingeren e de dois outros projetos semelhantes a este realizados por ele resultou anos mais tarde na demolição dos prédios. As pessoas já nesta época não se interessavam em comunicar-se com outros que não fossem do seu convívio. Além do mais, a forma destes espaços públicos incomodavam as pessoas. Talvez seja por isso que a proposta de Klingeren da coletividade urbana e da interação social não tenha funcionado.

O envolvimento do homem com a ciência e a natureza o fez mais sociável e articulado, sensível a ponto de perceber as necessidades de convivência em grupo e os benefícios psicológicos e culturais advindos dessas atividades, por isso o termo “fenômeno urbano” é entendido epistemologicamente como complexo (LEFEBVRE, 2004). Compreender todas estas relações e como estas se dão no espectro urbano e no empirismo acabam por exigir um esforço mental, o que corrobora:

Por exemplo, as relações de produção e de troca, o mercado, ou melhor, os mercados, são relações ao mesmo tempo legíveis e não legíveis visíveis e não visíveis. Elas se projetam no terreno em lugares diferentes: a praça do mercado, a bolsa comercial ou de valores, ou do trabalho etc. Essa projeção permite referenciar as relações, mas não permite compreendê-las (LEFEBVRE, 2004, p. 52).

Apesar de toda esta discussão que envolve o espaço, fica claro que a ação do homem na natureza na busca de dar significado a sua existência é representada por suas práticas de organização no meio e seu posicionamento mediante conflitos e adversidades. São por todos estes motivos que cidades passam a nascer e outras a sucumbir e que outras passam a renascer com enormidade superação.

Cabe ressaltar que espaços não habitáveis também têm passado por transformações ao longo dos anos e mudado totalmente sua paisagem. O parque Freshkills⁵ na cidade de New York era o maior aterro sanitário do mundo, hoje é um

⁵ Maior parque revitalizado e construído sobre área de lixão nos Estados Unidos através de técnicas para eliminação dos poluentes. Localizado em Nova Iorque, possui extensão aproximada três vezes maior que o Central Park.

dos maiores eco parques, representação fiel de sustentabilidade e revitalização urbana, uma amostra da capacidade que o homem tem de melhorar o ambiente a sua volta.

Se o indivíduo é capaz de transformar-se, de mudar de opinião e atitudes, quanto mais o fará pelo seu território. Nisto vemos que há uma mudança de ideal refletida na forma de ver o mundo e nas possibilidades de amplitude do pensar. A transformação altruísta do espaço também transforma o intelecto e quando temos mais pessoas pensantes, temos novas contribuições para a melhoria e qualidade de vida do homem no meio urbano.

A Urbanidade do espaço público é oferecida ao homem para que ele seja completo e complete tudo que está ao seu redor, como membro inseparável e participante da matéria-prima que origina uma obra. O valor de um espaço público está no arranjo de elementos que priorizam o prazer da sociabilidade, por isso os mecanismos que propiciam o uso dele devem considerar a escala humana e as sensações produzidas correlatas às formas, escalas, texturas, proporções, além do ritmo, equilíbrio e movimento.

Para Gehl (2015) o planejamento urbano contemporâneo tem carregado heranças do modernismo, onde a monumentalidade e o vislumbre a forma não motivam a “Arquitetura sensual” na qual há tempos atrás se tinha espaços e sinalizações menores à altura do nosso olhar. A discussão, portanto, é sobre as “cidades para pessoas” e primordialmente os benefícios que elas trazem no desenvolvimento social e intelectual do indivíduo.

A invasão do automóvel tem sido nas últimas décadas um agente complicador para a Urbanidade. Há muito estacionamento e mesmo assim sente-se falta de mais vagas porque a população está mais agitada devido aos ataques ao ambientalismo, ao verão ou ao inverno rigoroso sentidos na pele, à poluição visual pelo ajuntamento excessivo de edificações que se aglomeram tortuosamente na paisagem urbana, aos percursos cada vez mais longos ao trabalho, escola, etc.

Se os transportes públicos funcionassem, haveria mais áreas livres para a circulação de pedestres e maiores possibilidades para os ciclistas. Não se trata de utopia, a libertação do automóvel seria algo arrebatador e mudaria radicalmente a relação do homem com seu meio urbano. Fala-se muito sobre qualidade de vida, sustentabilidade, alimentação saudável entre outros assuntos relacionados ao tema,

no entanto, falta ainda muito que fazer, a começar pela decisão individual de cada cidadão em mudar hábitos para a construção de cidades amigáveis.

Os espaços públicos são desenvolvedores de urbanidade capazes de mudar a imagem de uma cidade. Gehl (2015) explica sobre esse fenômeno nas cidades de Copenhague, Melbourne e Nova Iorque quando houve uma remodelação nas áreas livres com grandes vãos de circulação e largas calçadas como a Time Square por exemplo. O novo formato do espaço satisfaz as necessidades de recreação dos nova-iorquinos e tem construído memória afetiva dos lugares. As pessoas não apenas lembram mentalmente dos passeios ou do trajeto percorrido, mas também conhecem o cheiro, se identificam com o mobiliário urbano e desfrutam do tempo nas mais diferentes formas de apreciação e contemplação.

3.7 PAISAGISMO NA PAISAGEM URBANA

O Paisagismo é uma arte e ao mesmo tempo uma técnica que permite organizar ou recriar a paisagem natural utilizando conhecimentos de botânica, ecologia, clima, arquitetura e urbanismo associados às extensões geográficas de cada região. Pode-se dizer também que é uma ação humana no sentido do ato que interfere, manipula, ou transforma o meio social através de elementos embelezadores da natureza.

A paisagem é tudo aquilo que está ao alcance da visão humana, por isso os pintores clássicos criavam belas telas que reproduziam o espaço exterior com lagos ou rios, montanhas ou mares, árvores e toda sorte de vegetação. De acordo com Macedo (1999), a paisagem ocupa e coordena determinados territórios, ligada a um ponto de vista social e que pode representar total ou parcial o ambiente.

Desde a antiguidade, a aproximação do homem com a natureza tornou-o mais criativo. Os primeiros jardins surgiram na Mesopotâmia, no qual hoje, é o atual Iraque. Uma terra de difícil cultivo que proporcionou o estudo de novas técnicas de aclimação de plantas para que estas viessem a se adaptar em solos inférteis. Devido a isto, os palácios reais ganharam belos jardins apesar de serem ecléticos em sua forma de ser, pois havia não somente plantas ornamentais, mas também plantas frutíferas e leguminosas.

Discorrendo sobre os períodos da história da humanidade (pré-história, antiguidade, idade média, modernismo e contemporâneo) observamos que em todas

elas a relação do homem com a natureza e posteriormente seu envolvimento no meio ambiente sempre esteve presente. Como dito anteriormente, a capacidade que o homem desenvolveu em recriar espaços naturais mesmo em solos difíceis demonstra sua necessidade de relaxamento e fruição das áreas verdes e seus demais elementos urbanos e paisagísticos.

Em cada país o significado do Paisagismo tem valores diferentes. Para o oriental, a relação com o verde e a água é primordial. O desejo era sempre o mesmo de alongar a paisagem natural para dentro do recinto. Geralmente as residências possuem um espelho d'água, córrego ou lago com peixes. Para eles a água simboliza o espírito, a purificação através do translúcido. Segundo Paiva (2004) o jardim oriental simboliza a quietude, a contemplação, o descanso e o convite à meditação.

Paisagismo é um termo genérico no Brasil, e costuma ser utilizado para designar as diversas escalas e formas de ação e estudo sobre a paisagem, que podem variar do simples procedimento de plantio de um jardim até o processo de concepção de projetos completos de arquitetura paisagística como parques ou praças (MACEDO, 1999, p.13).

Para os ocidentais, em especial aos europeus do século passado, Paisagismo representava exuberância, formosura, lugar de apreciação. Não que este significado tenha perdido nos dias atuais, apenas era conceitualmente mais forte há tempos atrás. A Itália, por exemplo, perpetua suas esculturas em meio aos jardins, é intrínseco, não estão apenas nos lugares históricos, estão nas residências, nos restaurantes, nos bares ou em qualquer lugar do mundo.

Diferente disto, a Inglaterra passou a usar um paisagismo irregular em pequenas cidades ou vilarejos após a revolução industrial. Paiva (2004) cita que os cottages⁶ tinham jardins utilitários com plantas diversificadas para servir de sustento à família, como ervas e legumes além dos serviços simples de floricultura. O plantio não obedecia a nenhum planejamento, misturavam-se espécies arbustivas com arbóreas, floríferas com frutíferas, entre outros.

O Urbanismo das cidades em cada tempo conta a sua história e forma nelas novas fachadas. Muito se devastou da natureza para produzir novos espaços urbanos. Um exagero de formas construídas e poucas áreas livres. O advento do transporte foi um desses motivos na metamorfose da paisagem urbana.

⁶ Casas de subúrbio construídas em pedra, tijolo ou madeira e com telhados bastante inclinados cobertos de palha. Situavam-se em aldeias da Inglaterra entre os séculos XVIII, XIX e seus proprietários eram de origem humilde.

Cullen (2009), fala da integração das árvores na paisagem urbana como elemento integrador entre o indivíduo, a arquitetura e a cidade. As funções de uma árvore não se limitam ao conforto ambiental e a diminuição de ruídos, pelo contrário, estendem-se na composição paisagística do lugar, na forma de suas copas ao harmonizar com os prédios ou no traçado das vias ou terrenos onde estão inseridas.

Metrópoles como Nova Iorque transformaram-se em um amontoado vertical, em total rigidez e indiferença com o meio ambiente. Foi por causa desse conjunto urbano inexpressivo que o governo resolveu abrir um concurso para a elaboração de um grande parque na cidade no ano de 1853. O projeto ganhador foi de Olmsted⁷ e Vaux⁸, conhecido no mundo inteiro como Central Park.

O Central Park é lugar pitoresco, com lindas paisagens e ambientes para conversar, ler, apreciar, andar de bicicleta ou fazer caminhadas. Tudo foi recriado da natureza, a paisagem foi implantada, não havia nada ali antes. Até o lago que se assemelha ao natural foi produzido. Isso é Paisagismo. Fica evidente que o ser humano não pode ter uma vida saudável se o ambiente não comunica com o ecossistema.

A arquitetura cuida da forma das adaptações do espaço que se constituem em instrumentos para as diversas atividades humanas de produção, consumo, troca e gestão. O urbanismo ocupa-se da forma da aglomeração espacial dessas adaptações. Tendo em vista que os instrumentos são criados a partir do trabalho, para intermediar a ação humana sobre o espaço, está claro que a sua forma é determinada pela forma das adaptações que são construídas e pela forma do espaço natural (SERRA, 2006, p. 38).

A Geografia humana e urbana trata dessas relações, embora muitos não consigam absorver-na em vínculo com o Paisagismo, a Arquitetura e o Urbanismo. Sobre estes aspectos fenomenológicos urbanos, a Geografia descreve e analisa sem desprezar a multidisciplinaridade de outras ciências. Considera estar intimamente ligada a estes na construção cognitiva do criar, adequar, revitalizar, solucionar, adaptar, entre tantos verbos que atuam como ferramenta para o suprimento das necessidades humanas.

A geografia estuda especialmente o sítio da aglomeração e sua situação num território regional, nacional, continental. Associados ao geógrafo, o climatólogo, o geólogo, o especialista em flora e fauna, também fornecem informações indispensáveis (LEFEBVRE, 2004, p. 54)

⁷ Frederick Law Olmsted, arquiteto paisagista, jornalista e botânico norte-americano.

⁸ Calvert Vaux, arquiteto e paisagista inglês.

De igual modo, a Geografia física tem profunda relevância neste contexto, uma vez que as preocupações com o meio ambiente têm gerado muitas pesquisas e trabalhos nas últimas décadas por se tratar da escassez dos recursos naturais no mundo todo. Junto a isso, os esforços das mais diversas entidades para conscientizar a população na mudança de hábitos têm despertado um senso comum a respeito da ecologia.

Paisagismo é também sinônimo de revitalização e sustentabilidade. O caso do High Line Park⁹ é uma fiel amostra. Jardim (2012) cita que Nova Iorque é uma das cidades com menos acres de área verde por habitante e que na época do planejamento do parque foram feitas pesquisas junto à população para saber a viabilidade do projeto quando 82% dos cidadãos norte-americanos afirmaram que as áreas livres são seus lugares preferidos.

O Paisagismo visto como arte estimula sensações e retrata a história através das linhas, cores, formas, proporção, escala, harmonia, dominância, movimento, equilíbrio, sequência e ritmo no tempo. São elementos que compõem um projeto paisagístico e traduzem da melhor forma sua estrutura.

Serpa (2007) faz uma contextualização sobre os parques de Paris e afirma que a implantação deles depende da vontade política. O governo precisa adotar um comportamento perceptivo para aplicar o conceito paisagístico, afinal, é ele quem concretiza no solo urbano as possibilidades de manifestações sociais, culturais e econômicas. Serpa (2007, p. 70), vai além quando afirma que “os parques sempre cumpriram o papel de “emblemas” do poder, mobilizando recursos consideráveis para sua concepção e implantação (...)”.

Ainda sobre o tema, o autor descreve o Paisagismo de dois parques parisienses e o impacto deles na paisagem urbana diante das transformações sociais ao longo dos anos considerando os relatos de pessoas que viveram em outras épocas para a preservação da história do lugar.

Se no parque André-Citroën, o Jardim do Movimento – uma superfície calculada, instável e criativa (Yum, 1993) – simboliza os ciclos naturais e a passagem do tempo, no Parque de Bercy, o objetivo é fazer do próprio tempo a matéria-prima do projeto, implantado no lugar dos antigos depósitos de vinho da capital francesa. Para os criadores do parque, tratava-se de conservar as marcas do passado nos “Jardins de Memória”, conservando o traçado dos caminhos e vias (que datam o início do século XX) e cerca de 400 árvores centenárias (SERPA, 2007, p. 74).

⁹ Parque linear suspenso construído em 2009 numa via férrea desativada em Nova York.

Sob este aspecto, entende-se que o Paisagismo está alinhado com a continuidade das tradições e costumes, por isso cabe entender as dinâmicas do passado e extrair as melhores experiências vividas para a tentativa da perpetuidade das boas práticas de convivência e do relacionamento com o sítio.

São por estas razões que a arborização urbana, os jardins, os lugares de encontro, os lugares de meditação e as áreas de convivência estão progressivamente mais valorizados pela sociedade. O retorno do homem ao início de tudo, ou seja, ao seu contato com a terra, permite alargar as fronteiras do autoconhecimento no sentido de repensar seu modo de vida e de como este afeta a vida dos outros seres vivos.

No Brasil, o Paisagismo surge discretamente no século XVII quando Mauricio de Nassau introduziu nas cidades de Olinda e Recife laranjeiras, tangerineiras, e limoeiros. Dominava no país a influência europeia, pois a maioria das plantas veio importada através das caravelas. A princípio, esta influência era marcada pelo cuidado com plantas aromáticas, medicinais ou destinadas à alimentação nas residências neste período, chamadas de casario. Nesta época, não havia nenhum estilo de jardim ou preocupação com o belo, com exceção apenas dos mosteiros e conventos que preservavam esta cultura da relação natureza e homem como forma de engrandecer a divindade (PAIVA, 2004).

Após séculos de transformações sociais, no Rio de Janeiro é construído o primeiro passeio público inspirado nos espaços livres da Europa. Surge então o “prazer do passeio” copiado do hábito europeu de ser, desfilar, exhibir, notar, ver e ser visto. Nesta época o Rio era a capital federal e para a elite carioca era importante passear com seus belos trajes e carruagens (MACEDO; ROBBA, 2003). Nasce então a praça brasileira com grandes áreas pavimentadas e monumentos centrais, tanto no Rio quanto em outras cidades como Belém, Olinda, Ouro Preto e São Paulo.

O passeio público foi contemporâneo ao surgimento dos primeiros jardins públicos europeus, na segunda metade do século XVIII, símbolos do pensamento iluminista a invocar práticas sociais em que a aristocracia e a burguesia encontravam um lugar comum. Surpreendente foi, em plena vigência do colonialismo português, o vice-rei do Brasil ter-se proposto a construir um jardim público à maneira dos recintos existentes na Europa. Espaços que – no Velho Mundo – serviam de palco para as transformações das formas de sociabilidade na aristocracia, na pequena nobreza, e eram testemunho da ascensão da burguesia. Essa composição social e política soava estranha ao escravocrata meio colonial carioca (FARAH; SCHLEE; TARDIN, 2010, p.39).

Os espaços urbanos foram gradativamente se transformando, trazendo a importância da praça na urbe (MACEDO; ROBBA, 2003). Devido a isto, as praças brasileiras também passaram por fases que mudaram a paisagem urbana, isto é, praças de locais de passagem, comércio e lazer deram lugar à áreas mais humanizadas através dos jardins. Quanto a isto, temos um aporte no conceito de jardins urbanos e praças:

Os jardins urbanos são espaços livres fundamentais para a melhoria da qualidade ambiental, pois permitem melhor circulação de ar, insolação e drenagem, além de servirem como referenciais cênicos da cidade. “Praças são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos” (MACEDO; ROBBA, 2003, p. 16-17).

É importante ressaltar que a paisagem da praça brasileira mudou drasticamente no século XX, justamente por adotar um programa mais naturalista, no intuito de propiciar a contemplação da natureza ora recriada. As pessoas passaram a modificar o seu uso e pouco a pouco acrescentaram tímidos jogos de mesas, esportes, etc. O significado do espaço foi se moldando aos costumes de cada época e atualmente, pessoas de diversas faixas etárias fabricam seus próprios equipamentos de lazer como, por exemplo, piqueniques, ensaios fotográficos ou festas.

O processo de ajardinamento dos espaços livres urbanos como praças, largos e avenidas, que transformou a paisagem urbana na virada do século, modificou também sua forma de apropriação pública. A fusão da tradição contemplativa e serena dos jardins dos séculos XVII e XVIII com o espaço urbano *praça* alterou significativamente sua função: o largo deixa de ser o espaço multifuncional de articulação urbana e passa a ser um belo cenário naturalista para o deleite das camadas mais privilegiadas da população (MACEDO; ROBBA, 2003, p. 54).

Os espaços livres das cidades ajudam na construção da paisagem urbana por isso a arquitetura paisagística é evidenciada através de aspectos materiais e imateriais, ou seja, na relação que o homem tem com o espaço, gerando contribuições para a formatação desta paisagem juntamente com os aspectos físicos naturais do clima, relevo, solo e demais elementos geográficos. Portanto, entendemos que o espaço livre é tudo aquilo que é isento de edificação como as ruas, lagos, praças, parques, quintais e jardins.

A construção da paisagem não é e não será nunca uma obra exclusiva de especialistas, sendo um produto do processo constante de transformação do ambiente terrestre, operado tanto pela sociedade humana e pelas outras comunidades de seres vivos como pelos processos de acomodação geológica e climática do planeta. Somente fragmentos podem ser

totalmente projetados, e muitos desses fragmentos são e serão objeto de ação da arquitetura paisagística.

O projeto do espaço livre e, si (ruas, largos, jardins, praças, entre outros) nunca está dissociado do contexto urbano nos quais se insere, e mesmo que seja ativado sobre um fragmento urbano, como um jardim ou pequeno largo, exige o mesmo cuidado que um grande parque ou loteamento (MACEDO, 1999, p. 15).

O campo de intervenção da Arquitetura Paisagista fica assim definido como todo espaço que rodeia o homem, dele se excluindo o espaço interior dos edifícios, reservado à Arquitectura que se ocupa, antes de mais, da construção de abrigo para o homem, para a coletividade e as suas actividades. Poderíamos, assim, definir o objecto da Arquitectura Paisagista, em contraposição com a Arquitectura, como todo o espaço sem tecto (MAGALHÃES, 2001, p.50).

A pluralidade de opiniões quanto às necessidades humanas de recreação são muito positivas. As cidades-parques são uma realidade no Brasil, onde grandes áreas verdes antes degradadas e com rios poluídos estão fazendo parte de projetos de reconstrução da paisagem. A gestão pública de várias cidades tem estudado maneiras de restabelecer o apego da população com todo o ecossistema. Recife por exemplo, é uma das capitais que já está trabalhando na recuperação da cidade a partir da urbanização às margens do rio. O objetivo é elevar a taxa de área verde pública atual de 1,20m² por habitante para 20m² por habitante até 2037, quando a cidade completa 500 anos (ALGOMAS, 10 jun. 2017).

Nesta linha de pensamento, temos o urbanista inglês Ebenezer Howard, criador do conceito “cidade-jardim” no século XIX. O planejamento das cidades-jardins consistia em resolver os problemas de pobreza, poluição e condições insalubres de vida da população causados pela migração proveniente do campo aos grandes centros urbanos, ou seja, seu projeto visava uma forma de vida urbana vantajosa aliada às belezas e prazeres do campo (ANDRADE, 2003).

Sua preocupação em torno do bem estar social e da qualidade de vida das pessoas da época tinha total fundamentação, uma vez que a revolução industrial trouxe graves consequências para o homem do campo que antes consumia o que produzia. A maioria da população europeia vivia na zona rural, com a mudança drástica do sistema, as famílias, incluindo as crianças, se viram obrigadas a trabalhar em fábricas por baixos salários a começar pela Inglaterra que incentivava o enriquecimento da burguesia, reforçando a ambição dos empresários e a exploração dos operários em até quinze horas de trabalho por dia.

A ideia de Howard era justamente minimizar os danos causados pelo desenvolvimento das cidades modernas criando cidades com baixa densidade demográfica alinhada a zonas de lazer e convívio social, valorizando as áreas destinadas à agricultura, e incluindo os jardins e arborização urbana no intuito de proporcionar conforto ambiental, funcionalidade, higiene pública e o prazer de viver em família e em comunidade em suas habitações e espaços planejados.

Quanto à estrutura física da cidade, a concepção howardiana foi esquematizada também sob a forma de diagramas. O contato mais intenso de Howard com cidades como Londres, Paris, Chicago e Nova Iorque certamente contribuiu para a formulação de seu referencial urbanístico, principalmente quanto à disposição e à dimensão dos espaços. O autor estipulou uma comunidade para 32 mil habitantes – “unidade experimental” –, sendo 30 mil, na cidade, e dois mil, no campo, distribuída em uma área total de 2.400 hectares, cuja parte urbanizada ocuparia uma área central de 400 hectares, pertencendo o restante à zona rural. Entre as funções da zona rural, estaria a de conter a expansão urbana por meio de um cinturão verde formado por parques, bosques e pequenas e médias propriedades agrícolas (LIMA, 2011, p.86).

3.8 FORMAÇÃO DAS CIDADES AMAZÔNICAS: CONTEXTO HISTÓRICO

Os acontecimentos que marcaram a gênese urbana amazônica foram muitos, entre eles a atuação dos colonizadores portugueses quando expulsaram os franceses de São Luiz do Maranhão, fundando as primeiras fortificações, das quais se destaca o Forte de Santa Maria de Belém em 12 de janeiro de 1616 originando a cidade de Belém (SILVA, 2007).

Em 1621, criou-se o Estado do Maranhão e Grão-Pará, que era uma entidade autônoma e independente do estado do Brasil, subordinada diretamente a Lisboa e, a partir do pequeno núcleo, junto ao Forte do Presépio, surgiram novos povoados na região, tais como, a atual Bragança em 1633 e Cameté em 1635 (SILVA, 2007, p.44).

Os confrontos entre portugueses e espanhóis pela posse do Vale do Amazonas estenderam-se até o início do século XVIII. Os aldeamentos localizavam-se às margens dos rios, por isso havia colonos e indígenas nestas áreas. A introdução religiosa foi determinada por Portugal e esta ação missionária alterou a dinâmica do trabalho e das relações sociais dos nativos.

Isto se deve ao fato de que os padres jesuítas impunham seu formato social, com padrões de comportamento, hábitos e costumes europeus. Oliveira (2008) enfatiza que quando os europeus começaram a colonizar a Amazônia, a região não estava desocupada e tampouco era um vazio demográfico.

A ocupação que se seguiu significou “uma forma peculiar de colonização que longe de acrescentar novos contingentes humanos à área, sangrava-os ininterruptamente em suas populações indígenas”. A “ocupação” portuguesa demarca a defesa e a conquista do território como ponto de apoio para a interiorização da região até atingir no século XVIII o extremo oeste consolidando o domínio de Portugal na Amazônia, garantindo a posse do território e praticamente definindo os limites fronteiriços ao Norte e a Oeste, existentes até hoje (OLIVEIRA, 2008, p. 2).

Os índios foram os mais afetados. Foram subjugados e forçados ao trabalho na agricultura e pecuária. Estes povoados fixaram-se no rio Branco, Uraricoera e Tacutú. Com a elevação do marquês de Pombal à organização política de Portugal, tornou-se ministro e influenciou de tal forma o governo que expulsou os jesuítas permitindo apenas os padres franciscanos e carmelitas na Amazônia até o século XIX (BONATTO, 2002).

A primeira expedição brasileira à Amazônia foi chefiada por Alexandre Rodrigues Ferreira¹⁰. Seus estudos contribuíram vigorosamente no meio científico através de observações registradas sobre diversos conteúdos entre eles: a etnografia, a geologia, a zoologia e a agricultura (ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DA INSTRUÇÃO, 1992). No percurso de sua jornada com sua equipe, conheceram diversas aldeias e povoações ao longo das margens dos rios Amazonas até chegar às áreas das fortalezas do Rio Negro (também conhecida por fortaleza da Barra) e do Rio Branco em meados de 1786.

Em 1786, doze anos após a passagem do ouvidor Sampaio pelo Lugar da Barra, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira observou que a povoação se dividia “em dous bairros, ao longo da margem boreal: ambos eles ocupam uma porção da barreira que medeia entre os dous igarapés da Tapera dos Maués, e dito dos “Manaós””. A população do lugar era de 301 habitantes, dos quais 243 eram índios, 47 brancos e 11 escravos (MESQUITA, 1999, p.24).

Costa (2013) relata a cronologia da ocupação do território e formação do núcleo amazônico desde o descobrimento do rio Negro pelo capitão Francisco de Orellana em 1542, em seguida pela expedição portuguesa do general Pedro Teixeira ao rio Amazonas em 1637 até a fundação da capital do Amazonas.

Em 1850, D. Pedro II, referendado pelo ministro do Império, visconde de Monte Alegre, e pela Lei n.º 592, de 5 de setembro de 1850, elevou a Comarca do Alto Amazonas à categoria de Província, passando a capital a se chamar de Manaus, homenagem lembrando os índios Manaós (que significa “mãe dos deuses”) (COSTA, 2013, p.43).

¹⁰ Naturalista brasileiro, nascido no Estado da Bahia. Obteve o grau de doutor em Filosofia pela Universidade de Coimbra em 1778.

O Brasil nesse período não tinha uma divisão regional puramente definida. A região Norte era sediada no Estado do Maranhão no século XVII e estendia-se do Oiapoque até o Cabo de São Roque em São Luís (BONATTO, 2002). A região amazônica não tinha desmembramentos territoriais formais nesta fase.

Souza (1996) destaca a fase áurea da borracha, o monopólio inicial da Grã-Bretanha no século XIX que neste período dominavam a produção gumífera dos seringais amazônicos. Da mesma forma, ressalta o avanço econômico com o dinheiro pago pelo látex ao qual trouxe prosperidade aos territórios do Norte e Nordeste no início do século XX. De acordo com Oliveira (2008), no período da borracha a maioria da população não estava nas poucas vilas que havia, mas sim dentro da floresta.

O autor acrescenta também que tanto vilas quanto as pequenas cidades amazônicas permaneciam com as mesmas funções de representação do poder público para arrecadação de impostos, sede das missões religiosas, base para a circulação de produtos extrativos para exportação além de armazenar alimentos oriundos de outras regiões administrados por Belém e Manaus.

Após essa ascensão, o declínio do ciclo da borracha inicia ainda na primeira década do século XX aumentando a migração dos seringueiros para outras regiões como cita Silva (2007). Desse momento a ocupação de novos territórios expandiu e a formação de outros vilarejos foi se organizando em terras do lavrado ou mata passando a reproduzir tipos de consumo que fortaleceram a economia local. Além disso, os nordestinos que fugiam da grande seca também migraram para estas regiões e contribuíram na produção do espaço urbano.

Segundo Costa (2013) a população da antiga província do Amazonas no ano de 1858 era de aproximadamente de 55.000 habitantes e em Manaus em torno de 4.500 habitantes. A autora explica o desenho urbano da cidade através de uma planta croqui (figura 5) do mesmo ano mostrando seu desenvolvimento pelas margens do rio Negro crescendo do igarapé da Cachoeira Grande (São Raimundo) até ao igarapé da Cachoeirinha (Educandos).

Figura 5 – Planta (croqui) da Cidade de Manaus (1852). Autor: J.B.de F. Tenreiro Aranha



Fonte: COSTA, Graciete Guerra. Manaus: um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano. p.43.

Silva (2007) discorre sobre a urbanização das cidades amazônicas evidenciando Manaus e Belém como as metrópoles regionais, Porto Velho e Rio Branco como centros regionais, Macapá, Boa Vista, Palmas, Santarém, Marabá, Castanhal, Ji-Paraná e Araguaína como centros sub-regionais de níveis 01 e 02 classificados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Quadro 1). O autor destaca ainda que a hierarquia dos núcleos amazônicos em termos quantitativos são superiores à macrorregião Centro-Oeste brasileira.

Quadro 1 – Brasil e Região Norte – População total e urbana

Classificação da rede urbana amazônica	
Metrópoles regionais	Belém e Manaus
Centros regionais	Porto Velho e Rio Branco
Centros sub-regionais de nível 01	Macapá, Boa Vista e Palmas
Centros sub-regionais de nível 02	Santarém, Marabá, Castanhal, Ji-Paraná, Araguaína.

Fonte: SILVA, 2007.

De igual modo, o referido instituto (IPEA) registra o crescimento demográfico e classifica os Estados pertencentes à divisão setentrional a partir das décadas de sessenta e setenta. Observa-se o elevado crescimento da população urbana do Estado de Roraima na década de 90, entre os anos de 1991 e 1996 (Quadro 2). O quadro registra a menor densidade populacional para Roraima comparado aos outros estados da região norte.

Quadro 2 – Brasil e Região Norte – População total e urbana

Região e Estado	População Total				População Urbana			
	1970	1980	1991	1996	1970	1980	1991	1996
Norte	4.120.307	6.619.152	10.029.703	11.290.093	1.754.589	3.330.592	5.924.150	7.039.327
Roraima	40.885	79.159	217.583	247.131	17.481	48.734	140.818	174.277
Amapá	114.359	175.257	289.397	379.459	62.451	103.735	234.131	330.590
Amazonas	955.235	1.430.089	2.103.243	2.389.279	405.831	856.617	1.502.754	1.766.166
Pará	2.167.018	3.403.391	4.949.207	5.510.849	1.021.966	1.667.356	2.597.964	2.949.017
Rondônia	111.064	491.069	1.132.692	1.231.007	59.564	228.539	659.327	762.864
Acre	215.299	301.303	417.718	483.726	59.307	132.169	258.520	315.404
Tocantins	516.447	738.884	919.863	1.048.642	127.989	293.442	530.636	741.009

Fonte: IPEA, 2002.

3.8.1 O Estado de Roraima

A história de Roraima nasce com a capitania de São José do Rio Negro no século XVIII em meio aos encontros de apropriação do território por espanhóis, holandeses e portugueses. O forte São Joaquim do Rio Branco fora construído pelo alemão Felipe Frederico Sturm em 1775. Localizado propositalmente no encontro dos rios Tacutu e Uraricoera, foi projetado para coibir a entrada de espanhóis e holandeses sob a ordem do rei D. José I (COSTA, 2015).

Com isso são criadas as fazendas reais de São Marcos, São Bento e São José, despontando um cenário de desenvolvimento espacial com o início embrionário do núcleo urbano. Décadas depois, em 1850 a capitania de São José do Rio Negro foi elevada à categoria de província do Amazonas ainda na gestão de Manuel da Gama Lobo D'Almada, criando assim a freguesia de Nossa Senhora do Carmo, onde se situava a Fazenda Boa Vista antes fundada pelo capitão Inácio Lopes de Magalhães em 1830.

Entretanto, apontamos o Forte de São Joaquim como um marco na história de ocupação de Roraima e antecipamos que esse proporcionou o início da ocupação ordenada desse espaço, quando a partir dele se fundou aldeamentos e fazendas, nacionais e particulares (SILVA, 2007, p.89).

A pecuária foi a estratégia de ocupação destas áreas, assim como a agricultura do arroz. A construção do forte São Joaquim e a instalação destas fazendas e, posteriormente a da igreja matriz às margens do rio Branco, são os primeiros marcos da interferência do homem na formação da cidade.

A lei nº 132, de 29 de junho de 1865, determina que toda região compreendida das corredeiras do Rio Branco para o norte passou a fazer parte da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, vinculada à Província do Amazonas, município de Moura. O Decreto nº 49, de 09 de julho de 1890 cria o município de Boa Vista do Rio Branco, pelo então governador do Amazonas, Augusto Ximeno de Ville Roy. O mesmo decreto eleva a antiga Freguesia à condição de Vila, com a denominação de Vila Boa Vista do Rio Branco (LIMA, 2011, p.50).

Segundo Veras (2009) a Vila era pequena, crescia desordenadamente à margem direita do Rio Branco. Os terrenos urbanos pertenciam à Província do Amazonas, resultando posteriormente na legalização destes imóveis por parte do governo, das famílias influentes, dos comerciantes e de todos os que detinham alto poder aquisitivo na época. Esta ação acabou prejudicando os mais pobres e exigiu do poder público um estudo urbanístico para adequar as necessidades sociais e econômicas da população alinhado às melhorias do setor produtivo.

3.8.2 A cidade de Boa Vista

A vila de Boa Vista do Rio Branco se consolidou ribeirinha por fatores de mobilidade. O transporte fluvial até então era o único meio comunicação na província do Amazonas. O comércio se favorecia das embarcações para a chegada de mercadorias. As casas eram dispostas em alinhamentos direcionados das margens do rio Branco. Veras (2009) afirma que em 1924 havia 164 casas, algumas construídas em alvenaria e pau-a-pique, possuindo um agrupamento de 1200 habitantes sendo estes portugueses, brasileiros, mestiços, índios e negros.

As diversas transformações na vila também influenciaram as práticas religiosas – estas trazidas pelos portugueses e incorporado pelos padres carmelitas- como o de frequentar as missas por exemplo. Assim, essa atividade acabou por ser uma necessidade do povoado ganhando expressão vívida através das procissões. A esta época as únicas instituições públicas eram a igreja da matriz Nossa Senhora do Carmo, a sede da Intendência e o hospital Nossa Senhora de Fátima administrado pelas madres beneditinas.

No ano de 1926, a vila, distrito sede do município, foi elevada à categoria de cidade, se tornando cidade-sede de município e, em 1938, ocorreu a simplificação do nome passando a se denominar somente Boa Vista, sendo acrescido de dois distritos: Caracaraí e Murupu (SILVA, 2007, p.102).

Entre as décadas de 20 e 30 a realidade sócio urbana passa por mais uma transformação com a introdução da mineração. Silva (2007) cita os diversos grupos de interessados na atividade garimpeira, em busca do ouro e do diamante no norte de Boa Vista e a caracteriza como a terceira economia da região depois da pecuária. Sobre isto vale ressaltar que a atividade garimpeira impulsionou a economia local, territorializando áreas em agrupamentos de lojas de venda e compra de ouro mudando, mais uma vez, a paisagem urbana.

A partir do ano de 1943 o município de Boa Vista desvincula-se do Estado do Amazonas e passa a ser constituído como Território Federal do Rio Branco. O presidente Getúlio Vargas institui o primeiro governador de Roraima, capitão Ene Garcez dos Reis. O Brasil vivia um panorama de alerta devido a II guerra mundial, por isso o presidente não tardou em tomar as providências para proteger as fronteiras da Amazônia desmembrando o município do Amazonas e criando pelotões.

De vila a cidade, as territorialidades construíram-se mediante a posse e a força advinda do poder político, econômico e social. O traçado urbano da cidade limitava-se a cinco avenidas e quatro ruas assemelhando-se a uma forma geométrica trapezoidal (figura 6). A morfologia da cidade permaneceu assim até o ano de 1944 (figura 7) de acordo com Veras (2009).

Figura 6 – Planta (croqui) da vila de Boa Vista em 1924



Foto: Acervo de Luiz Mario Severo Ávila

Figura 7 – Foto aérea de Boa Vista em 1924



Foto: Acervo de Antonio Tolrino de Rezende Veras

O governador Ene Garcez fez uma análise da cidade por aproximadamente quatro meses e diagnosticou as causas que deixavam a população desolada, pela falta de salubridade e alimentos. Os moradores alimentavam-se apenas de carne, farinha e peixe, a maioria das habitações era construída em taipa, salvo as sedes públicas, além disso, a população sofria acometida por diversas enfermidades das quais a malária, a sífilis e a tuberculose enquadravam-se como as mais graves das causas de morte (VERAS, 2009).

Sem sede, o governo instalou-se na Prelazia (figura 8) e logo após o levantamento realizado sobre as necessidades da população, encaminhou relatório para a sede nacional do governo Vargas para a vinda de recursos e tomada de providências. Observando as mazelas sobre a sociedade e prevendo a entrada de estrangeiros, Ene Garcez através do governo federal resolveu contratar uma empresa para elaborar o Plano Urbanístico da cidade.

Figura 8 – Prelazia em 1930

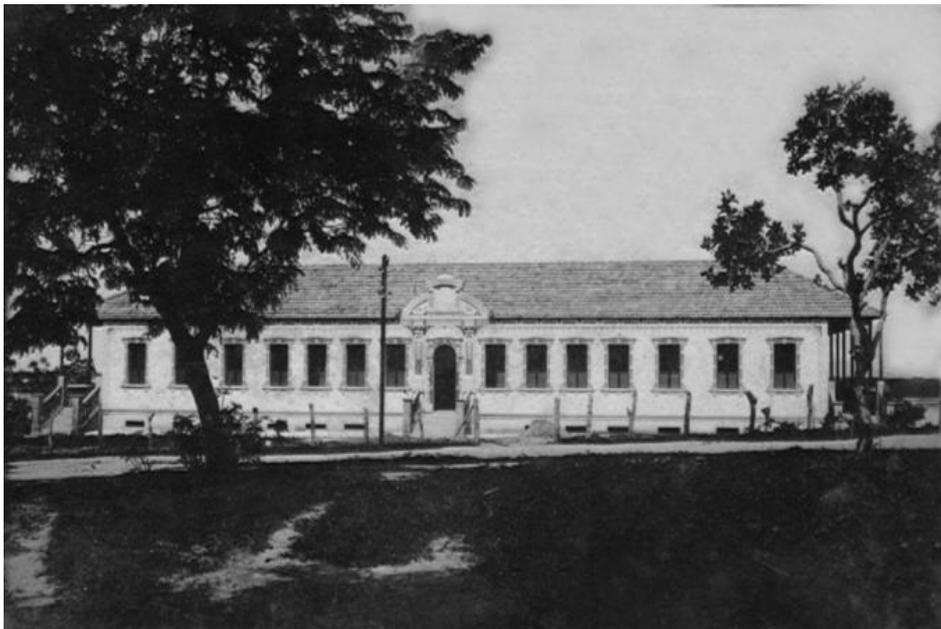


Foto: Acervo de Paulina Ramalho

De acordo com Veras (2009) a firma oriunda do Rio de Janeiro chamava-se Riobras e pertencia ao engenheiro Darcy Aleixo Derenusson, o qual elaborou o projeto entre os anos de 1944 e 1950 semelhantemente às ideias de Ebenezer

Howard¹¹ e seguindo a proposta das radiais concêntricas. A finalidade do plano era proporcionar a reunião dos três poderes através do desenho urbano partindo de um polo central marcado pela sede do palácio do governo (figuras 9 e 10).

Figura 9 – Maquete do Plano urbanístico em 1946



Foto: Acervo de Darcy Romero Derenusson

Figura 10 – Foto aérea de Boa Vista em 1962



Foto: Acervo de Luiz Mario Severo Ávila

¹¹ Urbanista inglês conhecido por seu livro “Cidades-jardins de Amanhã” que defendia a criação de cidades sustentáveis com integração aos elementos paisagísticos e uma melhor organização espacial do tecido urbano visando melhoria e qualidade de vida à população.

Por meio da Lei n.º 4.182, de 13 de dezembro de 1962, o Território do Rio Branco passou a denominar-se Território de Roraima. Enquanto os processos de organização social e urbanístico aconteciam, paralelamente a garimpagem se desenvolvia. A atividade sofria oscilações até a década de 60, mas volta a ascender entre as décadas de 70 e 80 conhecida como o período do ouro.

Foi um ciclo de crescimento demográfico e econômico. Pessoas de todos os lugares do país e de outros países que conseguiam adentrar as terras roraimenses clandestinamente buscavam a realização de um sonho.

Nesta época o aumento de ourives e de comerciantes de compra e venda do ouro lotava algumas ruas do centro da cidade, em especial a rua Araújo Filho. A disputa entre os vendedores era grande porque estas lojas ficavam uma ao lado da outra e isso favorecia ao comprador negociar bons preços.

Boa Vista se desenvolvia já com seu plano urbanístico implantado e rodeado pela beleza das primeiras praças, da Catedral Cristo Redentor e dos primeiros prédios institucionais, como o palácio do governo, a biblioteca pública, as primeiras escolas Lobo D'Almada (figura 11), Monteiro Lobato, Euclides da Cunha, o hospital Coronel Mota e as demais obras que ao longo dos anos foram compondo sua paisagem.

Figura 11 – Escola Lobo D'Almada



Foto: Acervo de Antonio Tolrino de Rezende Veras

Grande parte da estrutura arquitetônica da Escola e do hospital Coronel (figura 12) estão preservadas, embora não sejam obras tombadas pelo patrimônio histórico nacional constituem-se como identidade e memória da cidade.

Figura 12 – Hospital Coronel Mota



Foto: Acervo de Paulina Ramalho

Algumas edificações foram demolidas como a escola Monteiro Lobato e a biblioteca pública. A escola foi demolida para atender um novo projeto de “escola padrão” adotado na época do então governador Neudo campos e depois reconstruída em dois pavimentos. A antiga biblioteca foi transferida para o atual palácio da cultura Nenê Macaggi e no seu lugar hoje há a Assembleia Legislativa.

A Avenida Jaime Brasil (figura 13) permaneceu junto ao centro histórico da cidade, área da antiga fazenda Boa Vista expandindo-se gradativamente com o passar dos anos para as áreas do entorno. Algumas edificações que fazem parte desse conjunto arquitetônico são patrimônio histórico da cidade embora não estejam tombados pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como no caso da Igreja Matriz e Casa da Petita Brasil.

A antiga casa de Inácio Lopes de Magalhães (figura 14) passou a exercer novo uso e há muitos anos se mantém no mercado oferecendo serviços de bar e restaurante, possui uma filial no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva.

Figura 13 – Av. Jaime Brasil – Boa Vista/RR – Década de 70



Foto: Acervo de Antonio Tolrino de Rezende Veras

Figura 14 – Bar Meu Cantinho – Antiga fazenda Boa Vista



Foto: Acervo de Paulina Ramalho

No ano de 1996 a PMBV resolve recuperar a edificação que estava bastante comprometida com o intuito de preservar a história da cidade de Boa Vista e para que principalmente turistas e visitantes compreendam o valor desse patrimônio (figura 15).

Figura 15 – Memorial do Bar Meu Cantinho – Antiga fazenda Boa Vista



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2017.

3.8.2.1 O Plano Urbanístico e o Espaço Público da cidade de Boa Vista

A conclusão das obras do Plano Urbanístico - PU estendeu-se pelas décadas de 50 e 60. Não havia mão-de-obra local qualificada, por isso, foram trazidos trabalhadores de vários Estados brasileiros, dos quais se destacam: Manaus (AM), São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). O tecido urbano, portanto, ganhava nova configuração com amplas avenidas e espaços públicos no centro e no entorno do palácio do governo. Observa-se a evolução urbana da cidade desde sua primeira sede em 1924 até 1975 através das fotos aéreas registradas com o PU implantado (Mapa 2) e na década atual por fonte consultada pelo IBGE em 2010 (Mapa 3).

Segundo o Jornal Folha de Boa Vista (2013), Derenusson explicou o significado do propósito das vias radiais que entrecruzam com as longas e largas avenidas circunscritas. “As avenidas radiais partindo de um centro gerador, buscam

os confins do Norte de nosso território, irradiando a energia de seu povo, como a protegê-lo, Roraima, guardião do Norte” (FOLHA DE BOA VISTA, 2013, p.17).

O Espaço Público nasce na antiga vila em forma humanizada e não urbanizada. A sociedade da época tinha poucos acessos e poucos lazeres, todavia manifestava suas expressões em atividades religiosas, no esperar para conversar em frente à igreja Matriz, no negociar mercadorias às margens do Rio Branco ou apenas no olhar, no ficar ou no estar na Praça Barreto Leite.

O porto fluvial também era localizado junto a essas primeiras ocupações. Não havia rodovias e toda mercadoria provinha dos barcos ou por via aérea através da instalação do aeroporto entre as décadas de 60 e 70. O primeiro aeroporto localizava-se paralelo a Praça do Centro Cívico. Anos depois foi transferido para o local em que atualmente funciona o terminal de cargas da companhia aérea TAM.

A rua era o principal espaço público durante esta época de transformações sociais. A Avenida Jaime Brasil, localizada a partir do centro histórico convergindo até a Praça do Centro Cívico foi o lugar das manifestações artísticas e culturais durante décadas até consolidar-se como centro comercial da cidade. Nela aconteciam os desfiles da Independência do Brasil e os desfiles carnavalescos.

Os primeiros bairros criados foram o Centro, Porto da Olaria (atual Calungá), Rói-couro (atual São Pedro), Caxangá e Ipase (Conjunto habitacional destinado ao 6º Batalhão de Engenharia e Construção). A mobilidade urbana vagarosamente foi melhorada com a finalização da pavimentação das principais ruas e avenidas que compunham o plano urbanístico. Inicia-se no final da década de 60 a expansão automobilística da cidade e o planejamento das rodovias 401(Boa Vista – Normandia – Guiana) e 174 (Manaus – Boa Vista- Venezuela) pelo 6º BEC.

À medida que a capital crescia os espaços públicos também cresciam. A urbe foi ficando conhecida por ser a “Boa Vista das praças”. O clima tropical úmido e a predominância dos ventos proporcionava conforto ambiental durante o verão, mesmo em picos de altas temperaturas.

A prefeitura municipal desenvolvia projetos de implantação de arborização urbana em vários locais, primeiramente pelo centro radial do Palácio do Governo, Praça do Centro Cívico (figura 16), o Coreto, prolongando-se às áreas livres.

Figura 16 – Palácio do Governo e Praça do Centro Cívico em 1974

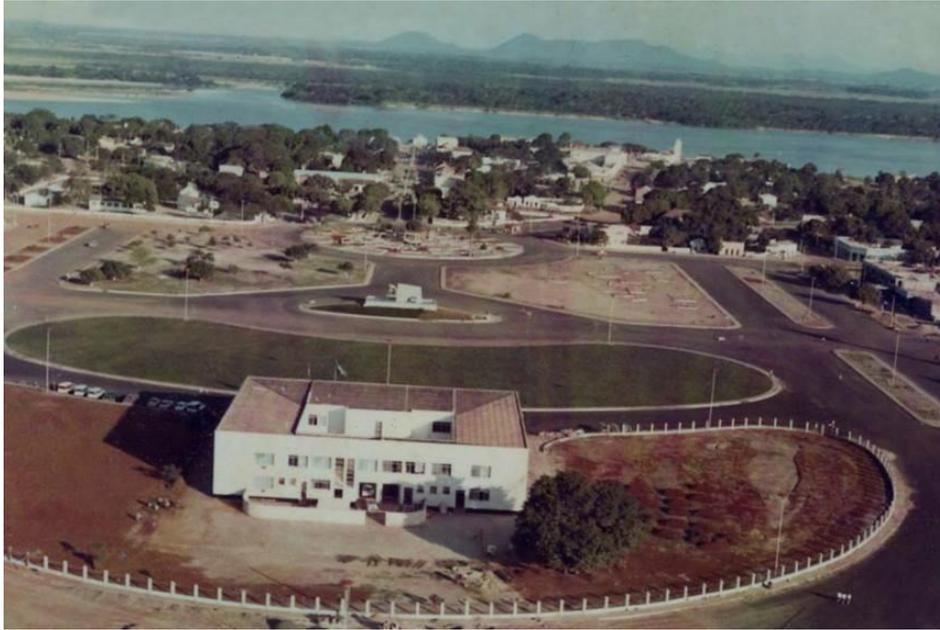
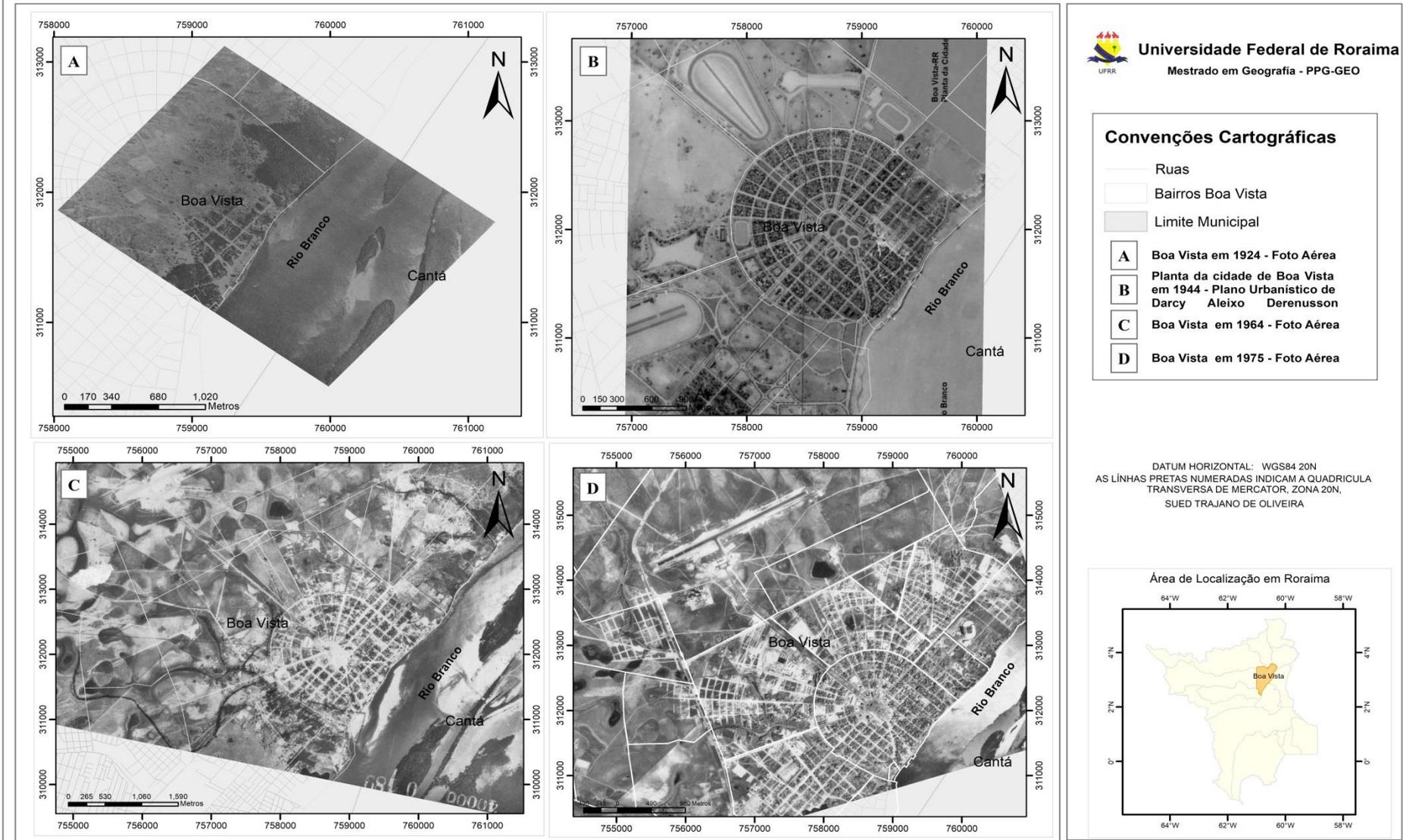


Foto: Acervo de Luiz Mario Severo Ávila

O mapa 2 registra a evolução urbana da cidade de Boa Vista desde o seu núcleo embrionário em forma trapezoidal até sua transformação espacial com a implantação do plano urbanístico. O autor do projeto, Darcy Aleixo Derenusson incorporou o núcleo que originou a cidade dentro dele a fim de resguardar a história da formação inicial da urbe, preservando seu traçado, ruas e edificações. Para Trevisan (2009) Boa Vista é uma “cidade nova”, pois antes da execução do plano ela já existia, diferentemente do que ocorreu em Brasília quando nada havia e tudo foi primeiramente projetado, depois executado e por fim habitado.

Mapa 2 - EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DE BOA VISTA - RORAIMA



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Figura 17 – Praça Capitão Clóvis



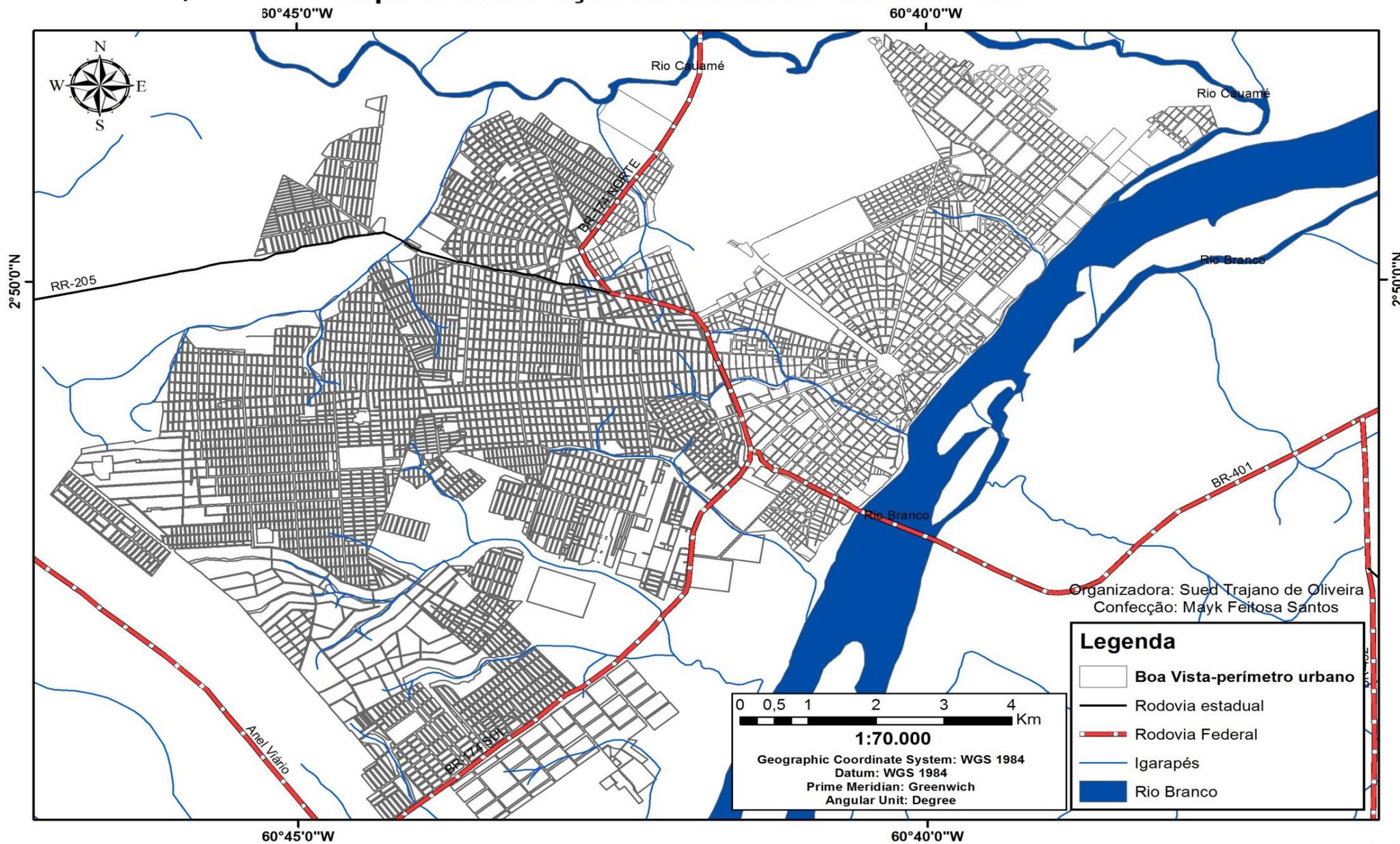
Foto: Acervo de Antonio Tolrino de Rezende Veras

As praças nascidas após a implantação do plano urbanístico ficavam nos arredores como a Praça Capitão Clóvis (figura 17) e a Praça da Bandeira. A Capitão Clóvis, embora pequena, surgiu para agregar valor recreativo com quadra de basquetebol, quadra de tênis e parque infantil. O lugar evidencia a ligação entre a “gênese da cidade” com a criação da “nova cidade”. A forma da praça é preservada apresentando arquibancada, banheiros e vestiários da proposta inicial.

Finalmente, em 05 de outubro de 1988 o Território Federal passa a ser Estado de Roraima, e Boa Vista sua capital. Com extensão territorial de 224.298,980 km², faz divisa com os países da Venezuela e Guiana. É considerado o extremo norte do Brasil estando acima da linha do Equador. Atualmente com 15 municípios em ordem cronológica da gênese de suas cidades: Boa vista, Caracaráí, Bonfim, Uiramutã, Normandia, Mucajaí, Cantá, Alto Alegre, Iracema, Amajari, Pacaraima, São João da Baliza, São Luiz, Caroebe e Rorainópolis (GALDINO, 2016). Segundo dados da Secretaria de Desenvolvimento e Planejamento de Roraima – SEPLAN/RR em outubro de 2018, Roraima possui população estimada de 576.568 mil habitantes.

A cidade de Boa Vista embora tenha passado por uma intervenção urbanística nas décadas de 50 a 70 não conseguiu dar continuidade a sua malha urbana planejada. O índice de ocupações irregulares, a falta de recursos para a realização de um estudo urbano de acompanhamento permitiu um crescimento desordenado que afetou significamente o projeto inicial de Derenusson (mapa3).

Mapa 3 - Mapa de localização da Cidade de Boa Vista-RR



Fonte: Dados compilados do IBGE/2010. Elaborado por: Sued Trajano de Oliveira, Mayk Feitosa Santos, 2017.

4 URBANIDADE: COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA

4.1 A AVENIDA ENE GARCEZ

A Avenida Ene Garcez esculpiu-se diante dos fenômenos urbanos sucedidos a partir de sua urbanização. Derenusson (2019) explica que para seu pai foi um desafio criar o projeto de uma cidade onde faltava-lhe um governo preponderante comparando Boa Vista a uma terra sem lei, pois a pequena população na sua maioria tinha pouquíssimo ou nenhum conhecimento das normas e regulamentações federais. Para Darcy Aleixo Derenusson, a nova paisagem urbana da cidade deveria estar centralizada, em destaque como sede do poder.

Derenusson (2019) enfatiza que quando o governo resolveu implantar a capital de Boa Vista o “poder” precisaria ser simbolizado para que os filhos da terra pudessem olhar as ruas e vissem que todas elas convergiam para o palácio do governo que está localizado no centro, assim como o poder executivo e judiciário inseridos no seu entorno.

Sobre a comparação de uma terra longínqua e sem lei, de fato, isso acontecia em um período a qual as atenções do mundo estavam no fim da segunda guerra mundial. Boa Vista era uma cidade totalmente isolada do restante do país, com muita dificuldade de comunicação e ainda iniciando a formação de unidades escolares que acontecia vagarosamente nas décadas subsequentes, o acesso a informação nesta época até meados da década de 50 era moroso.

Com a inserção do palácio do governo e a finalização da execução das obras do PU, não havia como não intervir no eixo que ficava adiante deles, pois sem isso a paisagem ficaria comprometida, sem harmonia com o traçado e o desenho urbano planejado por Derenusson.

Diante disso, foi inevitável a pavimentação da avenida que homenageava o primeiro governador de Roraima, Ene Garcez. A alameda, no projeto, foi mensurada em 100 m (cem metros) aproximadamente (DERENUSSON, 2019) e possui dois sentidos, separada por um largo canteiro central ao longo de seu percurso.

Não havia composição paisagística, tampouco arborização, apenas raras espécies arbóreas nativas, trechos com recursos hídricos e muito solo arenoso (figuras 18, 19).

Figura 18 – Avenida Ene Garcez – década de 40



Foto: Acervo de Luiz Mario Severo Ávila

Figura 19 – Avenida Ene Garcez – início da urbanização

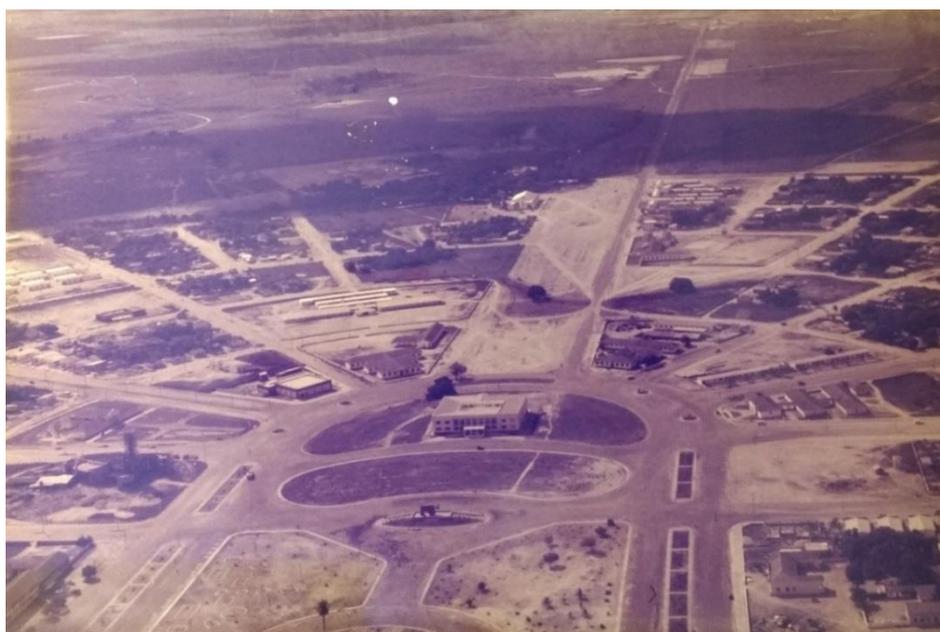


Foto: Acervo de Luiz Mario Severo Ávila

A paisagem urbana da Av. passou por mutações incisivas a começar na década de 40 até a década de 80 quando os canteiros centrais estavam finalizados (figuras 20 ,21).

Figura 20 – Avenida Ene Garcez – década de 1970



Foto: Acervo de Antonio Tolrino de Rezende Veras

Figura 21 – Avenida Ene Garcez urbanizada – década de 80



Foto: Acervo de Luiz Mario Severo Ávila

Com muitas áreas livres ociosas era vital elaborar um estudo que integralizasse esse espaço com o entorno e primordialmente com o PU da cidade. Como a formação inicial das áreas livres não possuía pavimentação, a prefeitura passa então a cultivar árvores de grande porte e muitos bambus nos primeiros canteiros.

A urbanização brotava do novo núcleo de Boa Vista e irradiava pelas suas vias paralelas. O 6º BEC inicia a pavimentação em um dos lados do eixo central sobre um curso d' água e o governo do Estado contrata a empresa "Irmãos Prata" em 1972 para dar continuidade ao projeto de expansão de urbanização da capital (ÁVILA, 2018). O exército então registra o desenho do plano de urbanização em 09 de agosto de 1973 (anexo I).

A conclusão da pavimentação foi imprescindível, pois fazia o trajeto até ao aeroporto. O embelezamento do caminho mudou a paisagem. Prédios públicos, escola, hotel, sede do Batalhão de Engenharia e Construção, áreas militares, hospital e sede da Secretaria de Segurança Pública compunham todo o percurso (figura 22).

Figura 22 – Sede da Secretaria de Segurança Pública



Foto: Acervo de Luiz Mario Severo Ávila

As primeiras praças da avenida surgem no sentido centro-aeroporto como a Praça da cultura e Praça João Alencar. Na Praça João Alencar havia um

monumento representado por um busto de bronze. O homenageado era jornalista e foi assassinado no ano de 1982 por motivo de possível perseguição política.

Alencar faleceu ao lado da escola Monteiro Lobato, quase em frente à praça que levaria seu nome três anos depois. Soares (2007) menciona que o profissional ganhara destaque durante o auge do jornal impresso “Folha de Roraima” quando escrevia artigos em oposição ao governador da época.

O espaço dedicado ao memorial sofreu vandalismo mas foi restaurado pela prefeitura em 1989, que realizou uma solenidade de reinauguração com a presença de alguns jornalistas (figura 23). Infelizmente ainda no início da década de 90, a escultura foi roubada e nunca mais restituída, ficando assim a praça anos mais tarde desativada.

Figura 23 – Memorial da Praça João Alencar



Fonte: SOARES, 2007.

As áreas livres localizadas em frente à escola Monteiro Lobato serviam para o lazer dos estudantes após as aulas. Conversas, brincadeiras de rua, passeios na banca de revistas e o prazer de comprar lanches nos arredores ou compartilhá-los entre os colegas eram atividades entusiásticas neste tempo sem telefonia móvel.

A dinâmica social da avenida se intensificava à medida que grandes eventos passaram a ser realizados lá, como por exemplo: os desfiles do dia da Independência – 7 de setembro e os bailes carnavalescos. Ambos eram

tradicionalmente realizados na Av. Jaime Brasil, entretanto com a expansão da cidade e a mudança do “Poder” por meio do projeto de Derenusson com a disposição do palácio do governo e outras sedes administrativas para o novo núcleo da cidade, a Ene Garcez passou a ser o palco das manifestações populares.

O comércio e o setor hoteleiro instalavam-se e fortaleciam-se na Avenida Ene Garcez durante as décadas de 80 e 90. O hotel Uiramutam começou a ser construído em 1986 e inaugurado em 1988, assim como outros empreendimentos: pizzaria, rádio, clubes/ginásio militares, entre outros. A informalidade de comerciantes em bancas, tendas improvisadas ou de vendedores ambulantes destacava-se fortemente nestes eventos de carnaval e desfiles. Não se via pedintes, tampouco crianças desoladas, era um tempo diferente, de muita simplicidade e de costumes familiares típico de cidades pequenas.

4.2 CONTEXTUALIZAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DO PROJETO

Transcorridas mais de três décadas após a implantação do plano urbanístico, Boa Vista ainda permanecia no anonimato para o restante do país. A BR 210 conhecida como Perimetral Norte (Pará-Roraima-Manaus) que serviria de interligação ao Estado do Pará e conseqüentemente a todo o Brasil nunca foi concluída.

Os esforços do Governo Federal de povoar a Amazônia com o projeto “Calha Norte” em parte foram supridas através da migração de sulistas e nordestinos. Estes fomentaram o desenvolvimento econômico e as bases da Educação até o advento do Ensino Técnico e Superior pelo Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET/RR e a Universidade Federal de Roraima – UFRR.

A finalização da BR 174 aconteceu somente em 1998, embora sua construção tenha sido iniciada no governo militar. Isto permitiu um aumento no tráfego para viagens ao Estado do Amazonas, aos municípios do sul do Estado de Roraima e ao país de fronteira: Venezuela. A BR 401 também faz fronteira com outro país, a Guiana, e cada vez mais as relações entre estes países se fortaleciam por meio do turismo.

Ávila (2018) conta que a Guiana abastecia Boa Vista com alimentos e bebidas enquanto a Venezuela com gasolina desde a década de 60 justamente pela

dificuldade de chegada de mercadorias a capital boa-vistense vindas somente por via aérea ou por barcos durante a época de chuvas, pois só assim o rio era navegável.

Com mais pessoas e turistas circulando na cidade,urgia a criação de mais espaços públicos para recreação, esporte e entretenimento. Diante desse cenário e analisando a riqueza de áreas livres, a prefeitura propõe um projeto inovador concebido a partir de uma compreensão topológica partindo do desenho urbano assinado por Darcy Aleixo Derenusson.

Ávila (2018) comenta que no ano de 1993 foi apresentado um croqui (figura 24) elaborado por um colaborador de sua empresa a pedido da Prefeitura municipal de Boa Vista com a proposta inicial de um espaço público dotado de características recreativas. Isso poderia ter inspirado a prefeita Teresa Surita na idealização do espaço.

Figura 24 – Croqui apresentado a Prefeitura municipal de Boa Vista

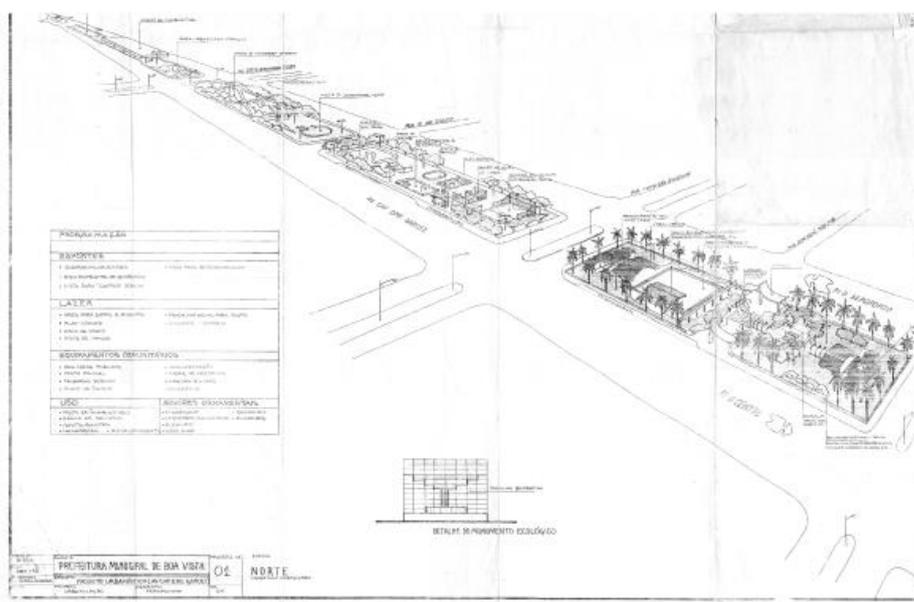


Foto: Acervo de Luiz Mario Severo Ávila

No mesmo ano a prefeita reúne sua equipe e solicita a criação de um projeto arquitetônico e urbanístico voltado à qualidade de vida e bem estar do roraimense. Veras (2019) relata que na época, a equipe era bem pequena, composta por ela (arquiteta e urbanista Sandra Veras), um técnico em edificações e uma desenhista. Todos os desenhos foram feitos manualmente e por isso foi necessária a

contratação de terceirizados para finalizar o projeto, visto que não haviam disponíveis recursos digitais em desenho computadorizado.

Ainda de acordo com Veras (2019), o projeto inicial passou a ser desenvolvido no ano de 1993 e executado as primeiras etapas dos dois segmentos no sentido aeroporto-centro no ano de 1994 (figuras 25,26).

Figura 25 – Início da construção do Complexo - 1994



Foto: Acervo de Tiago Orihuela et al Veras, 2009.

Figura 26– Início da construção do Complexo - 1994



Foto: Acervo de Tiago Orihuela et al Veras, 2009.

Havia recursos hídricos no centro dos “futuros canteiros” (figuras 27,28) sendo necessário um trabalho minucioso por parte da equipe técnica da Secretaria de Obras e Urbanismo do município.

Figura 27 – Valas abertas: recursos hídricos



Foto: Acervo de Tiago Orihuela

Figura 28 – Valas abertas: recursos hídricos



Foto: Acervo de Tiago Orihuela

O programa de necessidades adotado inicialmente contemplava: quadras de vôlei de areia e de basquete, chuveiros ao ar livre, pista de corrida, pista de patins, pista de bicicross, um parquinho infantil, bateria de banheiros adaptados para pessoas com deficiência, pista para caminhada e para bicicleta, bancos, lixeiras, além dos quiosques com banheiros para abrigar lanchonetes. Antes da implantação do complexo havia calçamento e bancos metálicos instalados (figura 29).

Figura 29 – Calçamento e bancos metálicos existentes antes da construção do complexo



Foto: Acervo de Tiago Orihuela

O partido arquitetônico¹² que inspirou a arquiteta baseou-se na natureza da região amazônica. Veras (2019) descreve que não havia muitas opções de materiais de acabamento na época, por isso decidiu utilizar nas lanchonetes a madeira da região e a telha de barro, que ainda começava a surgir na cidade. Optou-se também por uma estrutura de telhado independente, por causa do calor, com estrutura em

¹² Ideia inicial do projeto, conceito.

madeira e cobertura com telha cerâmica, com laje pré-moldada na área das lanchonetes, para evitar roubos. Os brinquedos do parquinho foram projetados e fabricados em Boa Vista, valorizando a mão de obra local, utilizando pneus, madeira e ferro. Na estrutura dos quiosques foi utilizado tijolo aparente, nos banheiros louças e azulejos branco e no piso acabamento rústico cerâmico, todos estes materiais comercializados na região.

A autora do projeto destaca que as madeiras de lei empregadas nas pranchas dos bancos foram suficientes fortes e resistentes ao tempo, pois após reforma recente foram retiradas intactas. O intuito da escolha do material foi de dificultar a ação de vândalos que ocorria com muita frequência naquela década.

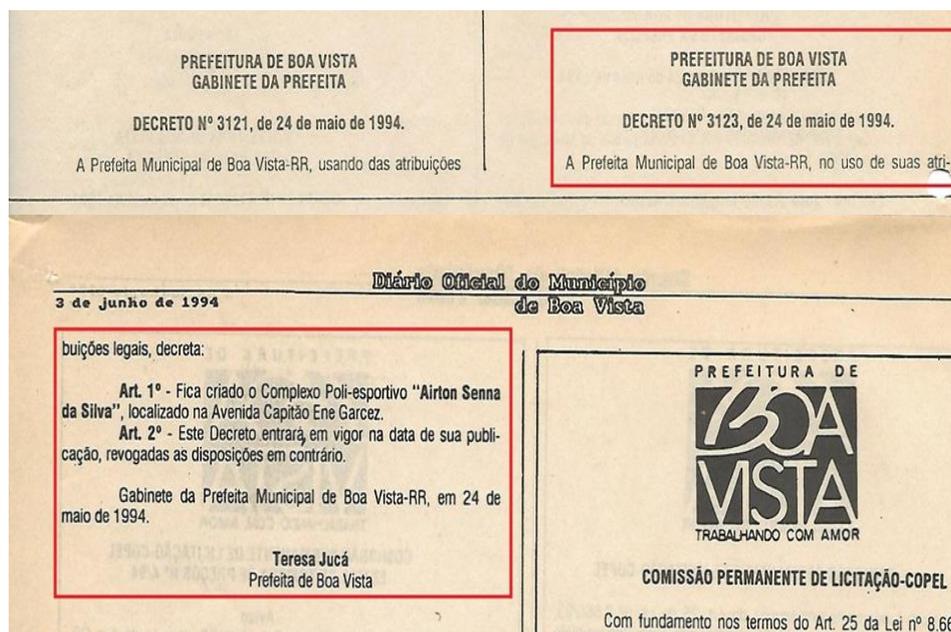
A intenção foi harmonizar natureza e construção da forma mais fluida possível, por isso também a opção pelo telhado independente da construção, visto que a madeira já traz um ar mais robusto a qualquer edificação. Houve uma preocupação em respeitar a arborização já existente, optando pela harmonia entre espaços edificadas, espaços para caminhadas e pistas para bicicletas (VERAS, 2019).

O projeto foi elaborado (anexo II) e executado para homenagear o piloto brasileiro tricampeão mundial de Fórmula I Ayrton Senna da Silva ainda em vida, entretanto, infelizmente durante a execução das obras no ano de 1994, o piloto veio a falecer em um trágico acidente no primeiro dia do mês de maio enquanto participava de uma corrida oficial de Fórmula I na cidade de Ímola – Itália.

No dia 24 de maio de 1994 o Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva tem sua criação oficializada conforme decreto de nº 3123 publicado no Diário Oficial do Município (figura 30). Para Veras (2019) foi uma honra ter participado deste projeto, principalmente em uma época de grandes desafios, com tão poucas opções de materiais e nenhuma ajuda tecnológica.

Após esse ano, durante a gestão da prefeita Teresa, outros profissionais atuaram no projeto obedecendo a sequência desse sentido aeroporto-centro até o encontro com a Avenida Major Williams. As obras foram concluídas anos mais tarde na gestão do então prefeito Ottomar de Souza Pinto e posteriormente voltando à administração da prefeita Teresa Surita.

Figura 30– Decreto de criação do CPASS: páginas 1 e 2



Fonte: Diário Oficial do Município – Prefeitura Municipal de Boa Vista.

Durante a gestão do então prefeito Ottomar Pinto, foram criadas mais duas praças pelo projeto do arquiteto e urbanista Maruem Hatem. A primeira denominada Portal do Milênio homenageava a passagem do milênio, dessa forma o programa de necessidades previa um monumento, um espelho d'água com movimento, iluminação especial para o monumento e praça, bancos, lixeiras e uma grande área plana pavimentada para os transeuntes (HATEM, 2019).

A segunda Praça, denominada Praça das Águas, homenageava nosso principal recurso amazônico, nosso Aquífero superficial e subterrâneo, sendo composto de quatro fontes luminosas, sendo:

- Fonte Bi-frontal essa com efeitos através da variação das águas através de vários tipos jatos especiais, incluindo efeito de névoa, tudo isso com acompanhamento musical, criando um espetáculo lúdico, contemplativo e singular (figura 31);
- Fonte da Luz é o mais singelo dos efeitos ornamentais com água proposto para a Praça das Águas. Trata-se de uma pequena fonte luminosa, cujas formas e volumes do seu monumento são tão imponentes quanto os efeitos em água propriamente ditos. Como o próprio nome já sugere, nesta fonte foi dada uma ênfase especial a iluminação, buscando criar um diferencial em relação as demais fontes luminosas previstas para esta praça (figura 31);
- Fonte Rosácea é composta por duas bacias de concreto circulares concêntricas criando vários efeitos ornamentais e de iluminação, recebe este nome por estar inserida no centro de uma rosácea construída no piso da praça com pedras portuguesas e variadas cores (figura 31);

- Corredeira Inca (figura 31) é formada por três conjuntos de jatos aerados e um conjunto de cascatas ornamentais. Esta fonte foi construída em platôs visando valorizar os diversos degraus. No platô superior existem três espelhos d'água de formatos geométricos. Em cada um dos espelhos d'água será implantado um conjunto de jatos aerados, divididos em três subgrupos. O segundo efeito ornamental dessa fonte luminosa será a criação de uma grande cascata que precipitar-se-á do platô superior para o espelho d'água, passando pelos diversos degraus em formas geométricas (HATEM, 2019).

Figura 31 – Indicação das fontes



Foto: Sued Trajano de Oliveira/Daniel Luiz Oliveira, 2018.

Segundo Hatem (2019), o projeto original contemplava quatro praças. A terceira seria para homenagear a flora e a fauna de Roraima, dessa forma o programa previa um monumento escultural com escala considerável, constituído por vários *Cavalos Selvagens* em bronze, todos inseridos dentro de um espelho d'água com vários efeitos aquáticos e luminosos. A quarta praça previa a instalação de um mirante e todo o tipo de equipamento urbano, sanitários, praça de alimentação, caixas eletrônicos, terminal de ônibus entre outros, todavia não foram construídas.

O autor do projeto justifica que a razão do partido arquitetônico buscou reunir as pessoas no horário noturno especialmente para que pudessem contemplar todos os elementos monumentais sob um clima ameno por meio das atividades lúdicas, artísticas e esportivas fazendo um contraponto ao “Verdismo”.

A concepção inicial previa a construção de pelo menos quatro praças sequenciais em parte do Conjunto denominado Complexo Poliesportivo Ayrton Senna. É importante frisar que o objetivo maior era o de utilizar essas praças principalmente no horário noturno, onde não teríamos a intensidade solar, e poderíamos desfrutar do " ...ficar na Praça..." por bastante tempo, de modo a propiciar variadas atividades esportivas, musicais, lúdicas e contemplativa. Tudo isso em um clima ameno, com boa umidade relativa do ar, proporcionada pela água em movimento e pela ventilação natural (HATEM, 2019).

Conforme consta no Relatório de Atividades da Prefeitura de Boa Vista do período de jan./1993 a mar/1996 a implantação do Complexo foi um sucesso, com área de 75.000m², foi considerado o maior projeto de urbanização em execução no Norte do Brasil na época.

Hatem (2019) menciona que sua participação como autor do projeto do Portal do Milênio e Praça das Águas foi de grande satisfação por se tornarem espaços públicos de referência para o boa-vistense. Sua atuação no projeto e acompanhamento das obras deu-se no biênio de 1998-1999 com o Portal do Milênio e a Praça das Águas em 2004.

4.3 ANÁLISE DA URBANIDADE

4.3.1 Exposições preliminares

O conceito de urbanidade aqui focalizado se refere ao modo como espaços da cidade *acolhem* as pessoas. Espaços com urbanidade são espaços hospitaleiros. O oposto são os espaços inóspitos, ou, se quisermos de baixa urbanidade (AGUIAR; NETTO, 2012, p.61).

Consoante a Aguiar; Neto (2012) a urbanidade do complexo Ayrton Senna é analisada mediante estes fatores de acolhimento e que tornam o lugar aprazível. Sua localização no eixo central do PU de Derenusson mudou a paisagem e os sistemas de mobilidade urbana. Parte dele é concentrado na zona central S-2 e zonas institucionais 2 e 3 em conformidade com a lei municipal nº 926/2006 de uso e ocupação do solo.

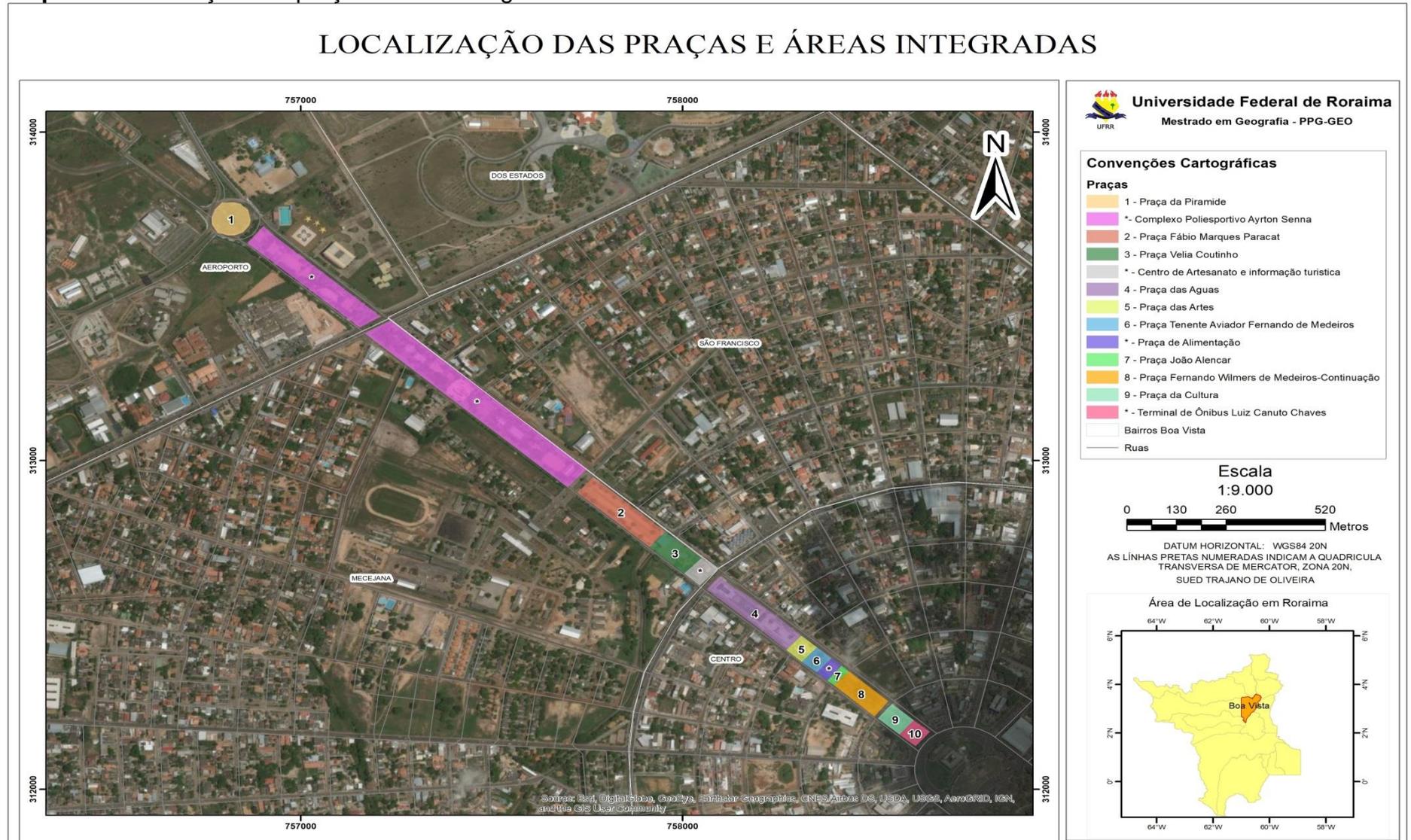
Pelo georreferenciamento realizado, há 9 praças dentro do complexo, são estas: Praça da Pirâmide, Praça Fábio Marques Paracat, Praça Velia Coutinho, Praça das Águas, Praça das Artes, Praça Tenente Aviador Fernando de Medeiros, Praça João Alencar, Praça Fernando Wilmers de Medeiros (continuação) e Praça da Cultura (Mapa 4). O Portal do Milênio é denominado de monumento pelo GPS.

A Praça Ten. Aviador Fernando de Medeiros ocupa a mesma área da praça de alimentação e é interrompida pela Praça João Alencar, continuando após esta. Algumas áreas livres são integradas a estas praças como o caso do centro de artesanato Velia Coutinho e Praças de alimentação das praças do tenente aviador (Mapa 4).

A segunda praça de alimentação da Praça Fernando Wilmers de Medeiros¹³ possui área de estacionamento, sendo este pouco utilizado devido ao aglomerado de barracas itinerantes de alimentação e brinquedos desmontáveis como camas elásticas e tobogãs infláveis que ocupam as vagas dos automóveis.

¹³ É a mesma praça que homenageia o tenente aviador, separada pela Praça João Alencar. O GPS mostra nesta segunda seção o nome completo do piloto sem atribuir sua patente e função.

Mapa 4 – Localização das praças e áreas integradas



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Toda a área do Complexo, (sem as ruas, somente os canteiros centrais) é de 151. 911,36 m² (Cento e cinquenta e um mil, novecentos e onze e trinta e seis metros quadrados), como segue no quadro 3 abaixo especificando cada segmento no sentido aeroporto-centro .

Quadro 3¹⁴ – Área detalhada do CPASS (Praças e áreas integradas)

Nº	NOME	ÁREA (m ²)
1	Praça da Pirâmide	8.174,75
2	Complexo Desportivo Ayrton Senna	24.998,22
3	Complexo Desportivo Ayrton Senna	50.451,80
4	Praça Fábio Marques Paracat	15.903,23
5	Praça Velia Coutinho	7.740,68
6	Centro de Artesanato e informação turística	3.574,10
7	Praça das Águas	15.732,17
8	Praça das Artes	3.231,54
9	Praça Tenente Aviador Fernando de Medeiros	2.997,19
10	Praça de Alimentação	2.107,98
11	Praça João Alencar	1.375,84
12	Praça Fernando Wilmers de Medeiros-Continuação	8.145,11
13	Praça da Cultura	4.339,59
14	Terminal de Ônibus Luiz Canuto Chaves	3.139,18
TOTAL ÁREA		151.911,36

Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

As Praças da Pirâmide e da Cultura são áreas integradas ao complexo, assim como o terminal de ônibus porque estão ligadas ao eixo central do plano urbanístico de Darcy Aleixo Derenusson e compõem a paisagem urbana da Avenida Ene Garcez. O primeiro projeto iniciou a partir do canteiro localizado após a rotatória em frente a entrada da UFRR e AABB.

Nota-se que até o ano de 1996 a área total do complexo equivalia à metade do que há hoje. Isso se deve ao fato das modificações realizadas ao longo dos anos que culminou em eliminar algumas ruas como, por exemplo, a que se localizava em frente à Praça João Alencar.

¹⁴ Os nomes relacionados no quadro 3 estão de acordo com as informações do GPS. As maiores áreas de canteiros interligados são denominadas por Complexo Desportivo Ayrton Senna.

Dentre as praças que fazem parte do complexo, quatro delas fazem homenagens a cidadãos que se destacaram no Estado de Roraima. Abaixo segue o quadro com uma breve descrição de todas as praças, monumento e seus respectivos nomes, justificativa do tributo e o ano de inauguração em ordem cronológica.

Quadro 4 – Praças e Monumentos do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva

PRAÇA	DESCRIÇÃO	JUSTIFICATIVA	PREFEITO (A)	ANO
1. JOÃO ALENCAR ¹⁵	Jornalista	Figura pública atuante no jornal “Folha de Roraima”.	Getúlio Cruz (Governador)	1985
2. PIRÂMIDE	Monumento	-	-	-
3. CULTURA	Anfiteatro e Monumentos	Testemunha uma parte da história de Roraima representado por três monumentos.	Barac Bento	1992
PORTAL DO MILÊNIO (agregado a Praça das Águas)	Monumento	Homenagem ao povo de Roraima e a passagem do milênio.	Ottomar Pinto	1999
4. VELIA COUTINHO	Artesã	Roraimense engajada no artesanato comunitário.	Teresa Surita	2003
5. ÁGUAS	Chafarizes e fontes	Homenagem ao recurso hídrico amazônico.	Ottomar Pinto	2004
6. ARTES	Quiosques e praça de alimentação	Incentivo a produção cultural de Roraima.	Teresa Surita	2004
7. TENENTE AVIADOR	Piloto da Força Aérea	Sacrificou-se para não deixar o avião cair sobre a	Iradirson de Souza	2007

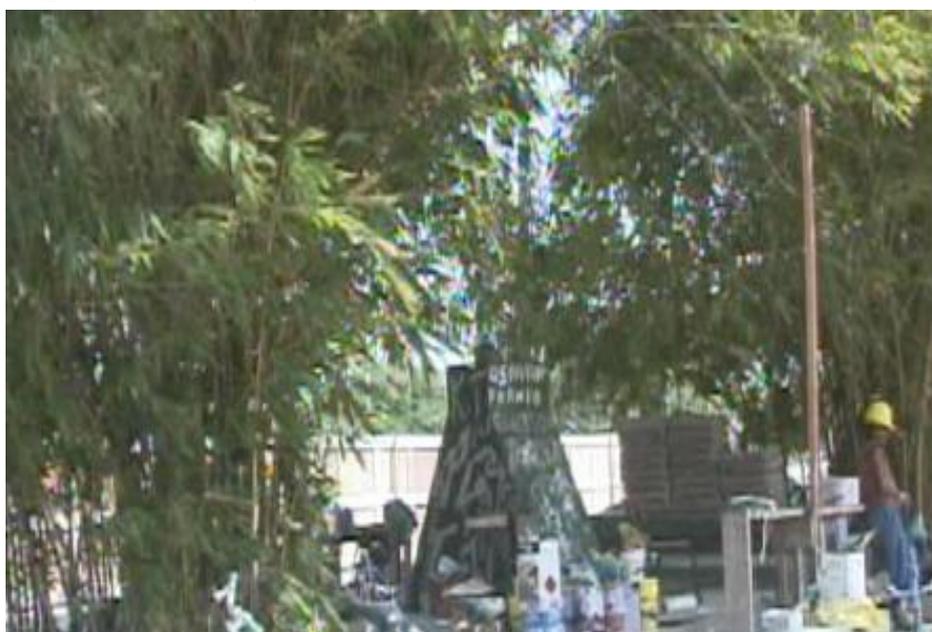
¹⁵ A Praça João Alencar foi a única implantada sob a gestão de um governador. Roraima ainda era Território Federal.

FERNANDO WILMERS DE MEDEIROS (dividida em duas partes)	Brasileira	área residencial do River Park.		
8. FÁBIO MARQUES PARACAT	Estudante	Jovem roraimense falecido em acidente de trânsito.	Teresa Surita	2015

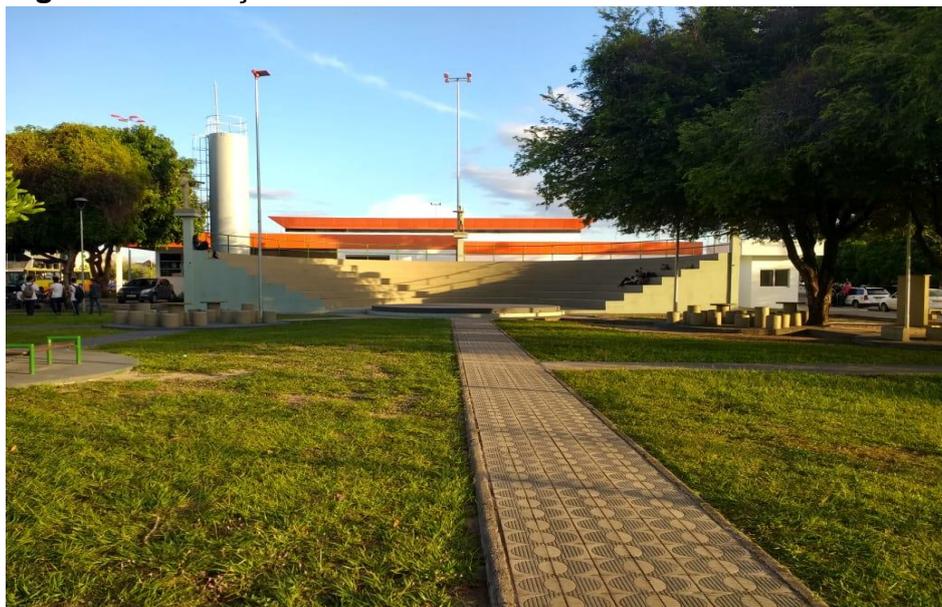
Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2019.

A distribuição das praças é constituída por dois aspectos: praças existentes anteriores ao projeto do CPASS e praças projetadas após a criação do complexo. As que existiam antes do projeto são: Praça João Alencar inaugurada em 1985 (figura 32) na gestão do governador Getúlio Cruz e Praça da Cultura inaugurada em 1992 (figura 33) na gestão do prefeito Barac Bento.

Figura 32 – Praça João Alencar: Década de 80



Fonte: SOARES, 2007. Adaptado pela autora.

Figura 33 – Praça da Cultura**Foto:** Sued Trajano de Oliveira, 2018..

A antiga Praça João Alencar como se vê na foto acima era cercada por bambus¹⁶ e marcava o memorial do jornalista, entretanto perdeu suas características originais. No local hoje há apenas a placa de identificação, funcionando como área de recreação infantil com pista para carrinhos elétricos (figura 34).

Figura 34 – Praça João Alencar**Foto:** Sued Trajano de Oliveira, 2018.

¹⁶ Os bambus percorriam grande parte deste canteiro. O plantio destas espécies foi promovida pela prefeitura da época.

4.3.2 Paisagismo e Conforto Ambiental

A arborização nas áreas livres é seccionada. Os canteiros que se aproximam do palácio do governo possuem pouca ou nenhuma arborização. A partir dos trechos em frente ao 6º BEC até a Praça da Pirâmide há espécies arbóreas nativas e amazônicas. Durante todos esses anos desde a década de 70 foram experimentadas várias espécies, algumas destas originárias de outras regiões.

Cada prefeito (a) em sua gestão teve participações nas ações de arborização urbana do Complexo (figura 35). As mutações paisagísticas foram muitas. Corte de árvores para implantação de pavimentação, adoção de plantio de plantas de pequeno porte, gramados retirados e replantados em outros locais foram algumas das intervenções ocorridas.

Figura 35 – Plantio de árvores na Av. Ene Garcez na gestão do prefeito Barac Bento durante seu mandato 1989 – 1992



Foto: Acervo de Barac da Silva Bento.

No ano de 2016 foi aberto o inquérito civil 910004 de nº interno 022/16/PJMA/2ºTIT/MPRR (figura 36) na Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente do Ministério Público de Roraima para averiguar possíveis irregularidades ambientais no corte de árvores das praças do Ayrton Senna pela empresa COPAN LTDA. O teor da investigação buscou esclarecer a supressão de árvores nativas e exóticas através de comprovação de licença ambiental especial.

Figura 36 –Capa do Inquérito – PJMA/MPRR

MINISTÉRIO PÚBLICO DE RORAIMA
PJ Meio Ambiente - 2º Titular

Data: 03/04/2017

INQUÉRITO CIVIL
910004

Nº Interno: INQUÉRITO CIVIL- IC Nº 022/16/PJMA/2ºTIT/MPRR- VOL.III

Assunto: DIREITO PENAL: Crimes Previstos na Legislação Extravagante: Crimes contra o Meio Ambiente e o Patrimônio Genético: Crimes contra a Flora

Descrição: AVERIGUAR POSSÍVEIS IRREGULARIDADES AMBIENTAIS NO CORTE DE ÁRVORES NA PRAÇA AYRTON SENNA - COPAN LTDA

081908040521619

Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

A empresa se manifestou e procurou atender as solicitações da PJMA enviando relatórios fotográficos e demais documentos, todavia não suficientes para comprovação dos fatos, visto que não havia laudos técnicos por profissionais que pudessem consubstanciar os argumentos do corte das árvores. Os relatórios contidos no inquérito mostram árvores atrofiadas, secas, infestada por cupins ou com risco de queda de galhos.

Neste íterim, a procuradoria geral do município da prefeitura municipal de Boa Vista encaminha cópias de licenças de operação que autorizavam o serviço de manutenção e substituição das espécies a PJMA. Conforme termo de declarações documentado no dia 12/09/2017 pela PJMA/MPRR, o sr. Albernardo Gomes da Silva alegou perante o Promotor de Justiça Zedequias de Oliveira Júnior que é funcionário da empresa COPAN atuando como encarregado de equipe desde o mês de abril do ano de 2016 e que fez a retirada de 25 (vinte e cinco) árvores de espécies variadas em dois dias.

A Secretaria Municipal de Serviços Públicos e Meio Ambiente - SPMA procurou atender todas as exigências documentais solicitadas pela PJMA/MPRR. Após quase dois anos, a PJMA conclui o inquérito informando que foram adotadas todas as medidas efetivas para correção pela “notificada”, não carecendo de maiores questionamentos e diligências. O promotor então enfatiza o empenho da SPMA em cumprir todas as recomendações, dirimindo as irregularidades na emissão das autorizações especiais para corte de árvores. A investigação foi encerrada e encaminhada para arquivamento no dia 22 de fevereiro de 2018.

A execução das obras do complexo até sua conclusão seguiu-se por décadas por diversos motivos entre eles: mudança de gestão, indisponibilidade de recursos, tempo para estudo e planejamento da continuidade do projeto. A Praça das Artes, por exemplo, passou a ser construída em 2004 (figura 37), quatro anos após a inauguração da Praça das Águas e Portal do Milênio.

Figura 37 – Construção da Praça das Artes – 2004



Foto: Acervo Cerimonial – Prefeitura municipal de Boa Vista

A sequencia das áreas livres começou logo após a rotatória onde localiza-se atualmente a Praça da Pirâmide (figura 38). Dentro desse plano foram instalados o miniterminal rodoviário urbano (nomeado após a reforma de 2017 de Terminal Luiz Canuto Chaves) e a Praça da Cultura. Embora estas duas áreas pareçam não pertencer ao CPASS por serem implantadas em épocas diferentes da ordem cronológica de construção do complexo, são inerentes ao projeto porque estão ligados ao eixo central do plano urbanístico de Derenusson.

Houve retirada de árvores em várias áreas do Ayrton Senna percebidas por moradores antigos que lembram do espaço arborizado antes de sua construção principalmente nas áreas hoje ocupadas pela Praça Fernando Wilmers de Medeiros (segunda parte onde fica o estacionamento) e Praça de alimentação.

Figura 38 – Praça da Pirâmide



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Atualmente a arborização se apresenta de forma insuficiente nos trechos do terminal de ônibus até a Praça Fábio Paracat (figuras 39,40). Durante o dia esses lugares são pouco frequentados e entende-se o fato por três razões:

- Sistema de usos: Praças de alimentação, Chafarizes da Praça das Águas, quiosques de alimentação e comércio itinerantes, pizzaria, academia aberta entre outros só funcionam à noite;

- Permeabilidade do solo: muita pavimentação e raras superfícies verdes não tornam os lugares estimulantes para ficar durante o dia;
- Clima: calor intenso impede a permanência de frequentadores e transeuntes.

Figura 39 – Arborização: a partir da Praça da Cultura



Foto: Sued Trajano de Oliveira/ Daniel Luiz Oliveira, 2018.

Figura 40 – Praça Velia Coutinho e Praça Fábio Marques Paracat



Foto: Sued Trajano de Oliveira/ Daniel Luiz Oliveira, 2018.

Nestas áreas, as poucas árvores são concentradas nas laterais com jardineiras centrais e/ou também laterais dependendo do trecho. Espécies floríferas contidas nas jardineiras são de “Sol Pleno”¹⁷ garantindo maior resistência e durabilidade durante o período com temperaturas elevadas de calor.

A outra etapa integrante do primeiro projeto do CPASS localizado após a Praça Fábio Marques Paracat denota outra paisagem, com mais árvores e mais superfícies permeáveis por intermédio dos gramados. Estes elementos incentivam práticas esportivas de caminhada e Cooper além de proporcionar prazeres de sentar, conversar, passear, frequentar quiosques de lanches, sorveterias, café da manhã e recreação infantil gratuita.

Durante o dia esses lugares são bastante frequentados e entende-se o fato por algumas razões:

- Conjunto de equipamentos esportivos: quadras de várias modalidades, pista de bicicross e skate, aparelhos de treinamento aeróbico;
- Pavimentação planejada: Pistas para cooper, caminhada e patins;
- Áreas livres: momentos para piqueniques, ensaios fotográficos, encontro com amigos, prática religiosa de estudos bíblicos, etc.;
- Paisagismo e Conforto ambiental: sombreamento das árvores, cores e texturas das plantas, jardins, lugares para ficar, apreciar, meditar, etc.;
- Mobiliário urbano: muitos bancos, lixeiras seletivas, sinalização, etc.;
- Alimentação: quiosques de lanches, sorveteria, guaraná, café da manhã;
- Recreação infantil: playgrounds, áreas livres para correr e brincar.

O incentivo de exercícios físicos ao ar livre é importante para minimizar os problemas relacionados à obesidade e doenças crônicas. A disponibilidade de áreas verdes, com abrigo do sol, cria um ambiente propício para caminhada e outras formas de exercício, como corrida e ciclismo. Parques e *playgrounds* arborizados estimularam a interação entre adultos e crianças, o que é importante para o desenvolvimento cognitivo delas, e promoveram mais brincadeiras ao ar livre (NICODEMO; PRIMAVESI, 2009, p.14).

Para Nicodemo; Primavesi (2009) a vegetação causa bom impacto no ambiente urbano, pois a cidade apresenta microclima diferente do meio rural. Isso quer dizer que as árvores principalmente tornam o ambiente mais agradável, pois

¹⁷ Uma das categorias de luminosidade que cada planta pode obter de acordo com suas características fisiológicas.

protegem as pessoas da radiação solar direta, uma vez que o calor também é produzido pelas atividades humanas além de ser refletido nos materiais das construções.

Ocorrem no mesmo complexo dinâmicas sócio espaciais diferenciadas e propósitos distintos. Apreende-se que no primeiro bloco analisado (Da Praça Wilmers de Medeiros até a Praça Fábio Paracat), o objetivo da configuração desses espaços é a monumentalidade ligada ao comércio e serviços. A implantação de novos arranjos paisagísticos poderia interferir neste conjunto de elementos nos lugares onde há maior atratividade no caso da Praça das Águas.

Segundo Hatem (2018), as fontes luminosas da Praça das Águas são acompanhadas de mudanças na iluminação dos jatos, criando efeitos visuais de grande impacto que só podem ser mais bem percebidas no horário noturno.

As extensas áreas pavimentadas das Praças Velia Coutinho e Fábio Marques Paracat foram projetadas para receber grandes públicos em eventos como: shows, festas juninas, exposições variadas, feiras de artesanato, manifestações populares, concentração de corridas de atletismo, entre outros, por isso possuem pouca arborização.

Em uma superfície pavimentada descoberta, não há proteção da luz solar incidente, o calor absorvido pelo pavimento é armazenado no chão e aquece o ar (nenhuma parte é usada para evaporação e ou transpiração vegetal). A alta temperatura do pavimento emite grande quantidade de radiação de onda longa, de modo que as pessoas sobre esse pavimento recebem radiação solar incidente e refletida, além da radiação de onda longa emitida pelo chão (NICODEMO; PRIMAVESI, 2009, p.15).

Como a cidade de Boa Vista possui clima tropical e recebe muita luz natural na maior parte do ano, áreas como estas se tornam inviáveis para o uso durante o dia, além do mais a função da arborização urbana excede ao de sombrear. Estudos realizados pela Embrapa-SP (PRIMAVESI; NICODEMO, 2009) comprovam que as árvores ajudam na redução da poluição do ar, pois tem a capacidade de absorver gases pelas folhas e contribuem eficazmente na diminuição de ruídos ocasionado principalmente pelo tráfego de veículos.

O segundo bloco analisado citado anteriormente (Após a Praça Fábio Paracat até a Praça da Pirâmide) não aglomera muitas pessoas em um único lugar. As atividades propostas estão dispersas e cada equipamento carrega em si um número limitado de usuários. Isso propicia um melhor fluxo de pessoas tanto no horário diurno quanto noturno.

4.3.3 Dinâmica socioespacial, Movimento e Pertencimento ao Lugar

A formação dos espaços aconteceu gradualmente, de trecho a trecho. Após a finalização das obras dos dois maiores canteiros do primeiro projeto de 1993, houve transformações em várias áreas construídas. Uma delas foi o memorial do piloto Ayrton Senna da Silva localizado em frente ao cinema Cine Super K. O local abrigava quadros com fotos do piloto, capacete e roupa originais doados pela irmã dele, Viviane Senna. Os visitantes assinavam um livro de registro de sua passagem e se emocionavam com a história e carreira de Senna. Infelizmente o espaço foi demolido e hoje no mesmo lugar há quiosques de lanches e bebidas.

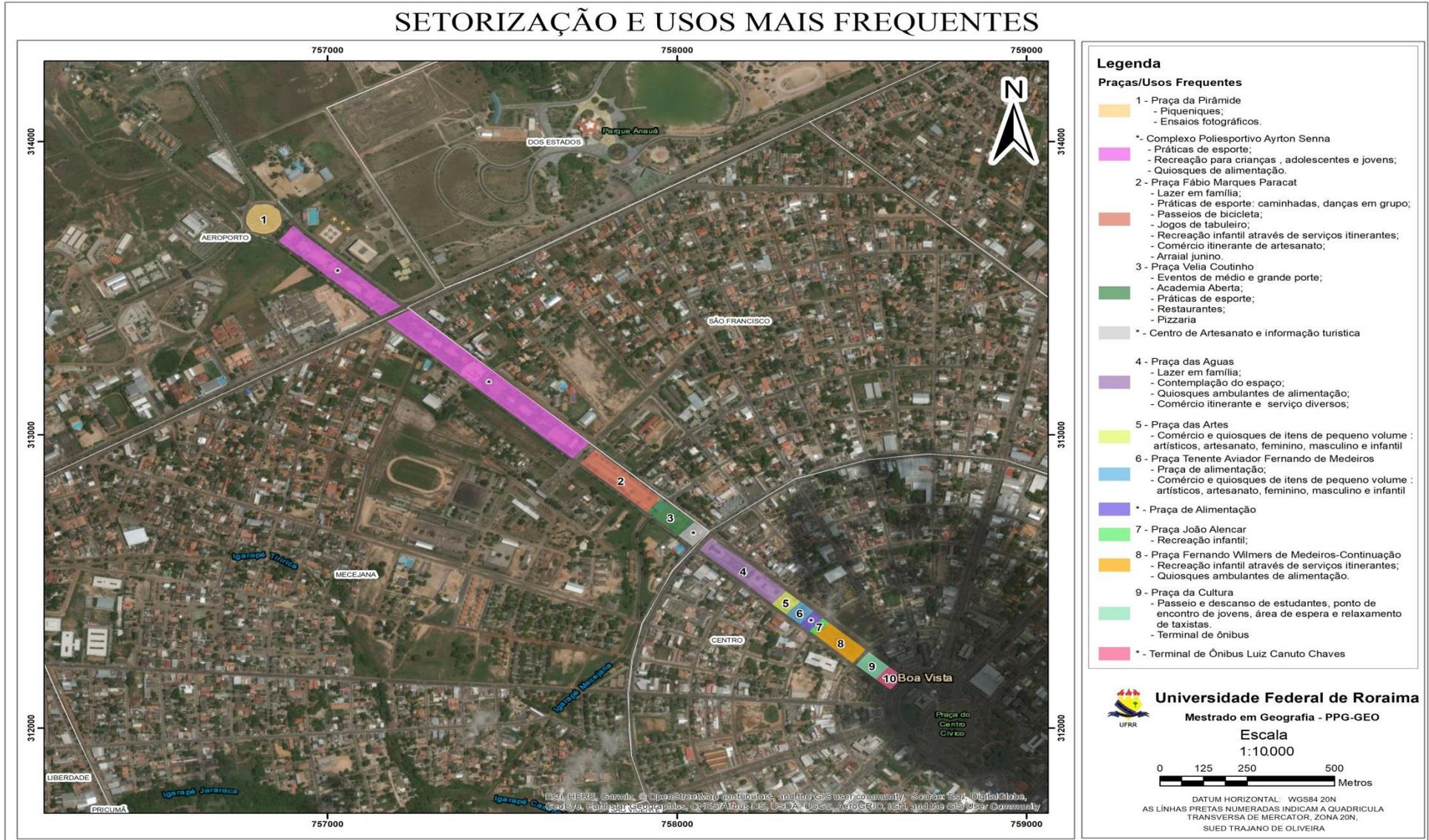
As praças são conectadas pelo fluxo de pessoas. São elas a principal comunicação e elo entre as áreas livres. A leitura urbana que se faz de quem circula as vias em automóveis ou motocicletas é totalmente diferente da leitura do pedestre que permeia dentro das áreas, sendo afetado positivamente em seus estímulos sensoriais. Esta é uma das razões que Gehl (2015) trata em seu artigo quando fala de uma Arquitetura feita à escala humana e não feita a velocidades.

Certamente o nome do complexo sucedido pela palavra “poliesportivo” seria outro hoje. A forma como o espaço é ocupado transcende seu propósito inicial de promover lazer e recreação através do esporte. Pessoas têm percepções diferentes, cada um tem estilo de vida e maneira dissemelhante de responder ao ambiente urbano.

A variedade de fenômenos que se processam no CPASS é infundável. Há mecanismos próprios definidos pela gestão municipal e há mecanismos inusitados delineados pela sociedade, ou seja, há usos pré-determinados e há usos que apenas surgem e acontecem naturalmente pela dinâmica socioespacial das vivências particulares de cada pessoa (Mapa 5).

Tuan (1980) nos apresenta um neologismo intitulado por “Topofilia” em seu livro quando nos instiga a entender o mundo que habitamos. Para ele a topofilia se manifesta através de nossas emoções ao meio em que vivemos. Isso nos dá a entender a diferença de um simples “local” se transformar em “lugar”. No lugar há a associação de sentimentos com o meio ambiente, há intensidades e formas de expressão distintas para cada pessoa. “O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1980, p. 129).

Mapa 5 – Setorização e Usos mais frequentes



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

O mapa apresentado indica uma análise realizada para classificar os tipos de ocupação em setores, expondo os usos mais frequentes. Conforme o mapa há dentro das nove praças e áreas integradas propostas diferenciadas para o atendimento ao público que frequenta.

Considera-se que há perfis distintos de usuários para cada fase do complexo. Uns preferem as áreas esportivas, outros as áreas contemplativas ou áreas de recreação infantil por exemplo. Há quem goste de parar apenas para se alimentar e há quem goste apenas de observar o movimento e as ações que ocorrem na praça.

Roraima continua sendo o Estado da federação brasileira menos populoso e todas as constantes que formatam sua essência estão unidas a história da cidade de Boa Vista. Desde o seu nascimento, as práticas de passeios em áreas livres continuam a acontecer mesmo depois das transformações urbanas e econômicas ocorridas nas últimas três décadas. A instalação de dois shoppings na cidade foi motivo de grande alívio para muitas famílias. Com o clima tropical, os picos de calor nos horários vespertinos impediam basicamente as saídas para o lazer infantil, entretanto nunca substituíram os prazeres de interação com as praças.

Bento (2019) relata sobre suas memórias nas décadas de 60 e 70 e destaca que nesse tempo os percursos eram muito longos. Havia pouquíssimos carros da marca Jeep e alguns caminhões que trabalham junto às obras dos prédios que compunham o centro radial da cidade. Não havia motocicletas e os raros Jeeps pertenciam a famílias abastadas. Como o transporte de mercadorias era realizado por meio fluvial, tudo era mais difícil, principalmente quando o rio não estava navegável no verão.

Na Boa Vista antiga, os trajetos aos balneários e ao palácio do governo para quem não morava no núcleo embrionário da cidade eram extremamente extensos e cansativos porque não havia paisagem urbana para olhar, afirma Bento (2019). Para ele, que mora no mesmo endereço desde a juventude, o complexo Ayrton Senna contribui no fomento ao lazer do boa-vistense, incentiva a economia local e congrega muitas pessoas que procuram distração e recreação.

A relação do cidadão amazônico com sua cidade engendra essa “topofilia” com os espaços abertos, áreas verdes e os rios. Em vista disto, muitos preferem morar em Boa Vista a grandes centros urbanos. Por aqui se tem abundantes superfícies terrestres livres, árvores nativas e muitas opções para construir habitações inteligentes e sustentáveis.

A dinâmica social e espacial do complexo é multifacetada. As atividades e possibilidades de ações também, como no caso da Praça Velia Coutinho (figuras 41,42), muito utilizada pela prefeitura para apresentações de fim de ano e incentivo a qualidade de vida pelo Projeto da academia aberta gratuito ao publico.

Figura 41 – Apresentação de coral infantil na programação de Natal - 2004



Foto: Acervo Cerimonial – Prefeitura municipal de Boa Vista

Figura 42 – Projeto Academia Aberta - 2004



Foto: Acervo Cerimonial – Prefeitura municipal de Boa Vista

A Arquitetura do espaço planejada às necessidades humanas cria ambientes hospitaleiros. A inclusão de academias ao ar livre contendo aparelhos aeróbicos tem se mantido funcional desde sua inauguração em 2015 (figura 43) e o incentivo ao comércio promovido pela Praça das Artes é um estímulo à economia e um evento atrativo ao visitante (figura 44).

Figura 43 – Equipamentos para atividade física aeróbica e muscular



Foto: Acervo SEMUC – Prefeitura municipal de Boa Vista

Figura 44 – Quiosques da Praça das Artes

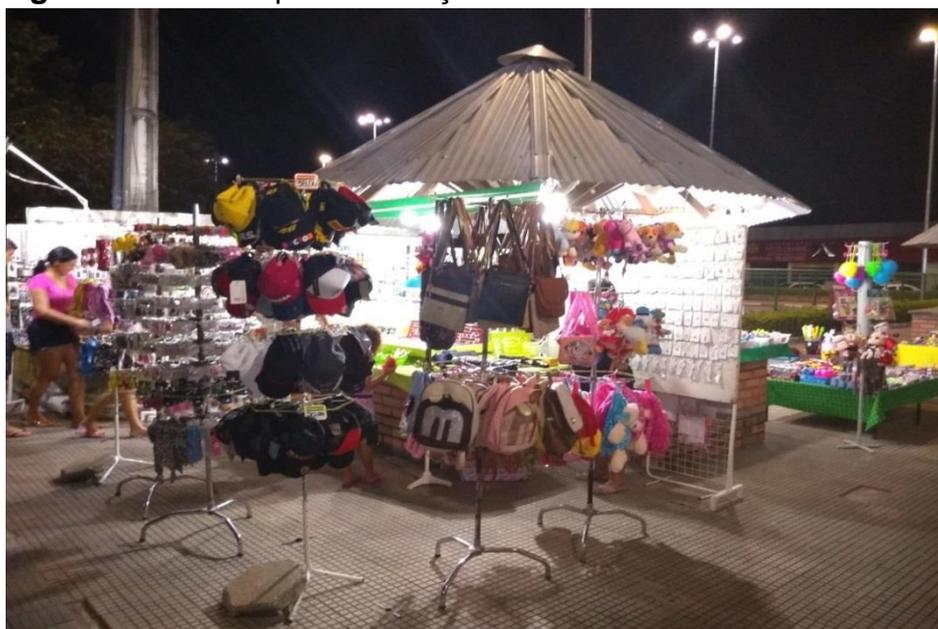


Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

O fenômeno do inesperado acontece facilmente quando pessoas planejam ir a certos ambientes tais como: praça de alimentação, áreas de recreação infantil, Portal do Milênio e Praça das Águas e acabam parando nos quiosques de venda para olhar ou negociar produtos por exemplo.

Os lugares nas praças são delineados pelas pessoas, mas o arranjo da localização dos usos é pré-definido pela gestão pública. Neste caso, a praça de alimentação faz comunicação direta com os quiosques de vendedores para que um auxilie o outro na permanência rentável, ou seja, o frequentador pode ter o objetivo de levar seus filhos às áreas de lazer infantil, entretanto é surpreendido no meio do trajeto pelo que vê e muda seu roteiro.

Desde o ano de 2013 a prefeitura municipal trabalha no projeto de revitalização de praças da cidade a qual o CPASS se inclui. Segundo o site informativo da PMBV, a partir do ano de 2015 foram iniciadas as obras de troca de calçadas, reforma das quadras esportivas, playgrounds para crianças, melhorias na iluminação pública de vários trechos do complexo.

Em 2016 foi concluída a reforma da Praça das Águas (FOLHA DE BOA VISTA, 07 jan. 2019) e nos anos de 2017 a 2018 concluídas algumas obras de infraestrutura as quais se inclui o terminal de ônibus Luiz Canuto Chaves (figura 45) e quiosques de alimentação (PMBV, 07 jan. 2019).

Figura 45 – Terminal de ônibus Luiz Canuto Chaves



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

4.3.4 Apropriação do espaço e Territorialidades

O sentido da praça é agregar pessoas que criem sistemas de ações. Sem a participação da comunidade é impossível vivermos a praça. Penteado (1998) ratifica que a praça é o povo, e o que se entende disso é que o povo faz a praça. Souza (2017) fala da celeridade da vida contemporânea e da valorização da vida privada como elementos apartadores da convivência em grupo, por isso a vida pública tem deixado de fazer parte do cotidiano da sociedade.

As áreas livres podem ser arquitetonicamente e urbanisticamente projetadas para contribuir com o fluxo, o movimento e proporcionar qualidade de vida na sua real grandeza de existir para as pessoas. Muito embora haja espaços pré-definidos ou planejados, sabe-se que o modo de pensar de cada um é singular, e são essas particularidades que fazem surgirem ambientes dentro de ambientes.

Neste enredo tem-se a Praça Fábio Marques Paracat, criada através de uma intervenção em um espaço já criado e utilizado como pista de Kart. O local possuía um canal central com recurso hídrico. A pista ficava no seu contorno (anexo IV). Com as obras iniciadas em 2014 a nova praça foi concluída e inaugurada no ano seguinte, 2015.

Antes, o público era composto na sua maioria de jovens e famílias que tinham crianças que gostavam da atividade. Após a obra, a forma e a função da praça mudaram substancialmente. Conforme informação do site da Rede Amazônica (2014), o kartódromo foi transferido e implantado no Parque Anauá com uma pista bem maior (700m) sob a responsabilidade da PMBV para que a prática do esporte não fosse prejudicada na cidade. As principais mudanças no espaço com a inserção de novos elementos foram: pavimentação com paginação de piso, canteiros, floreiras, retirada e plantio de novas árvores, bancos e lixeiras seletivas.

Desta maneira, uma nova dinâmica se apresenta. Com a longa extensão da pavimentação, ciclistas passaram a usar o espaço, criando um ponto de encontro demarcado por meio de uma placa. O propósito principal da PMBV era de garantir um local mais apropriado para a realização de seus arraiais juninos (figura 46), por isso as áreas de sentar estão nas laterais e no início próximo ao pórtico de entrada (anexo III). A ocupação do espaço se dá em horário noturno, pois devido à vasta impermeabilização, há pouca drenagem e com isso a emissão de calor passa a ser maior durante o dia.

Figura 46 – Arraial junino: Praça Fábio Marques Paracat



Foto: Acervo SEMUC – Prefeitura municipal de Boa Vista

Nas praças Fábio Paracat e Praça das águas, onde há maior concentração de pessoas no horário noturno, a apropriação do espaço se dá de várias formas, algumas são para:

- Encontro de familiares e/ou amigos para jogos de mesa ou apenas para contemplar os elementos expostos no ambiente;
- Passeios entre casais;
- Encontros com amigos para escutar som nos seus carros;
- Passeios com crianças pequenas que utilizam triciclos, bicicletas e crianças maiores em patinetes, skates, patins, etc.;
- Brincadeiras de rua entre crianças;
- Exercícios físicos: Caminhadas, aulas de dança e ginástica;
- Encontros de associações de pilotos de fusca, ciclistas, etc.;
- Comércio itinerante de artigos de artesanato;
- Comércio informal de pipoqueiros, doceiros, vendedores de balões, brinquedos luminosos, etc.;
- Dramatizações com peças infantis de voluntários em época natalina;
- Serviços de recreação infantil;
- Outras manifestações artísticas, etc.;

Figura 47 – Lazer para crianças: Praça Fábio Marques Paracat



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

As cores e desenhos do piso possibilitam a realização de atividades lúdicas entre crianças e adolescentes principalmente. Adotam por várias vezes a configuração da forma para criar uma ação dentro dela, como correr em círculos ou brincar em partes alternadas. O mesmo acontece com grupos de jovens e adultos que se aproveitam das reentrâncias entre os bancos de concreto (figura 47).

A demarcação da área de recreação infantil pelos brinquedos infláveis ao lado do estacionamento e em frente ao pórtico de entrada é entendida pela facilidade de visibilidade. Geralmente pais de crianças pequenas preferem estacionar o carro dentro da praça do que fora dela por medidas de segurança e por causa disso na maioria das vezes são seduzidos pela atratividade, além do que as crianças pedem para ir ao local (figura 48).

Cullen (2009) ao discorrer sobre algumas praças de Londres argumenta que espaços públicos com muita pavimentação são usufruídos como destino para a vida noturna justamente pela variedade de entretenimento que nela existe, como os cafés, cinemas, bares e restaurantes das quais lhe são conferidas adjetivo de praças pedonais. É o que semelhantemente acontece na Praça Fábio Paracat, que além dos fatores de microclima contribui na fluidez dos pedestres e na liberdade de uso oferecido pelo espaço.

Figura 48 – Serviços de recreação infantil: Praça Fábio Marques Paracat



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

O espaço público é guarnecido de imprevistos e improviso. É o que faz dele um potente espelho das concretudes sociais. São capturas de momentos por vezes eternizadas na memória humana e que comunicam diretamente com o modo de vida na cidade e com suas metamorfoses econômica-sociais. Souza et al.(2017) destaca portanto, que o termo “pracialidade” significa existência de eventos que se situam no tempo-espaço, isto é, que pode ocorrer em diferentes lugares em função de apropriações eventuais independente de sua funcionalidade principal.

A produção da urbanidade é uma esfera que contem elementos-chave que caracterizam um ambiente propício ao convívio e ao bem-estar. Os “participantes” de urbanidade nada mais são do que seus próprios construtores, logo, entende-se que quem atua no meio, prioriza a forma e o conteúdo do espaço, cuida, valoriza e desenvolve estima pelo lugar ou pelo que faz.

Pode-se falar em sistemas de objetos potencialmente mais ou menos aptos a se prestarem à condição de praça, mas diante de uma prática espacial efetiva da esfera da vida pública caracterizadora da praça é que se concretiza a sua pracialidade. Dessa forma, vários logradouros oficialmente denominados praças não o são se não estiverem comportando um sistema de ações voltado para o convívio no âmbito da esfera de vida pública (SOUZA, et al., 2017, p.151).

A Praça das Águas apresenta formas de apropriação que se tornaram rotineiras e parte do cotidiano da vida pública. São pessoas que circulam com smartphones em busca de melhores ângulos para registrar uma foto (figura 49) ou expectadores do movimento e som das águas e música, personagens infantis fantasiados que criam momentos lúdicos (figura 50), cultos religiosos (figura 51) ou apresentações artísticas realizadas por anônimos por exemplo.

Figura 49 – Praça das Águas



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

A composição paisagística da praça, no tocante aos elementos contemplativos e da escala monumental como o Portal do Milênio foram projetados com uma finalidade significativa: de promover a socialização ou em outras palavras de garantir a sociabilidade que vai além do sentido de espírito coletivo, pois está ligada ao prazer da convivência pública.

Sob este aspecto é importante entender o papel do arquiteto e urbanista ao planejar um espaço público. Suas ferramentas de trabalho vão além do conhecimento técnico, pois são baseadas também no empirismo para que o projeto esteja estruturado em bases da funcionalidade, beleza, acessibilidade e conforto. Para isso são necessárias pesquisas que primeiramente busquem os anseios e

necessidades da população e não apenas conjecturar possibilidades. Isto torna um projeto de viabilidade real e não imaginária.

Figura 50 – Praça das Águas

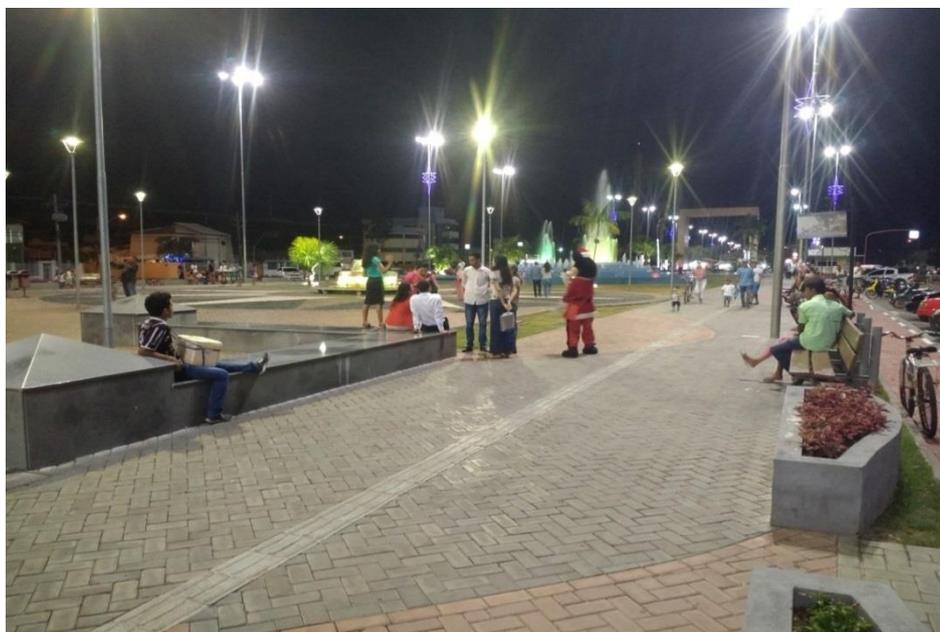


Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Figura 51 – Praça das Águas

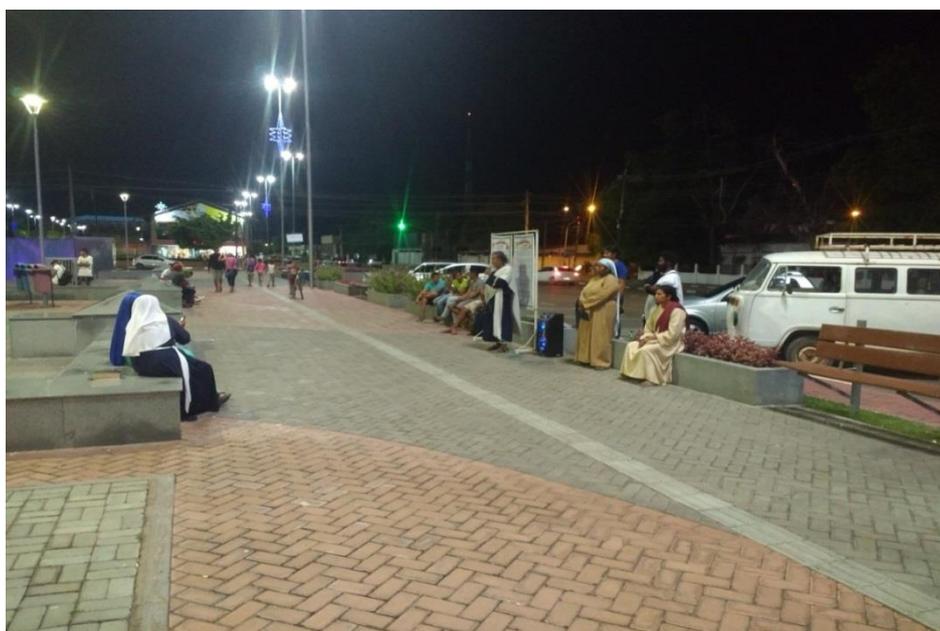


Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

O que se discute hodiernamente na Arquitetura e no Urbanismo é que são as pessoas as mais importantes “peças” das moradas ou dos logradouros. Então, criar espaços sem pensar em sociabilidade, funcionalidade e agradabilidade não tem nenhum sentido já que o que é proposto como espaço físico é para uso da humanidade.

Ainda falando em “pracialidades”, Souza et al.(2017) contextualiza sobre a importância da praça nos dias atuais. Cita que os ricos têm deixado de frequentar a praça por considerar pouco atrativa ou por não querer participar das diferentes formas de apropriação que estão ali expostas como o mercado, o ócio e a comunicação, salvo em bairros verticalizados das elites. Esta abordagem também está ligada ao tamanho das cidades, quanto menor, mais participação do povo.

Em Boa Vista, é recorrente o uso do espaço público, mesmo que este não esteja em condições satisfatórias de infraestrutura, pois ainda assim apresentam vida e são repletos de manifestações culturais da esfera pública como cita Souza et al.(2017). A cidade é classificada de porte médio segundo parâmetros do IBGE sendo a única capital brasileira situada completamente no hemisfério norte, portanto, a mais setentrional.

É importante evocar que por ser uma cidade amazônica, as relações de uso do espaço estão intrinsicamente ligados ao modo como as pessoas lidam com a paisagem natural e urbana, a mobilidade, o rio, o cenário, entre outros. Para o boavistense não é penoso circular pelas vias de bicicleta, mesmo debaixo de um forte sol que queima a pele em minutos, faz parte do modo de vida dele. Nesse contexto, é fácil compreender a facilidade de integração do roraimense com o espaço público mesmo quando desafortunado de boa infraestrutura do equipamento urbano.

Compreende-se isso fortemente nas territorialidades constituídas pelas necessidades humanas sejam elas em níveis básicos para a sobrevivência ou para formação de valores e caráter. Outra análise que envolve a urbanidade nesse quesito são justamente estas territorialidades observadas e constatadas na Praça Fernando Wilmers de Medeiros.

Como já citado anteriormente, a praça possui um estacionamento que foi criado com a finalidade de facilitar o deslocamento até a praça de alimentação, entretanto não é utilizado. Durante os horários da manhã e tarde, o local é solitário (figuras 52,53), contudo ao cair da noite, o espaço se transforma e cria cenários totalmente adversos aos horários diurnos.

Figura 52 – Praça Fernando Wilmers de Medeiros durante o dia



Foto: Sued Trajano de Oliveira/ Daniel Luiz Oliveira, 2018.

Figura 53 – Praça Fernando Wilmers de Medeiros durante o dia



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Observa-se que as áreas com vagas de carros ficam livres e no local configura-se nova forma determinada por sistema de ações que visam o serviço e o comércio. O lugar então se torna ambiente gastronômico e de recreação infantil (figuras 54). É interessante que quase a totalidade dos frequentadores e transeuntes

nem entram com seus carros ao estacionamento, quem estaciona são os donos dos brinquedos. Tem-se neste caso clara manifestação de territorialidade.

Figura 54 – Praça Fernando Wilmers de Medeiros: Territorialidades



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2019.

4.3.5 Simbologia e Significado dos Monumentos

Os monumentos em uma cidade trazem um significado, uma história revelada através da arte. São obras que ficam eternizadas na memória do lugar e das pessoas que moram na urbe ou a visitam. Segundo Lynch (1997), são também considerados como elementos marcantes que identificam, sinalizam ruas, associam informações ou de longe permitem ser visualizados como bússola.

Dentro do eixo central do CPASS, temos alguns marcos que estabelecem identidade com o espaço e com a história de Roraima (Mapa 6). Um deles é o Portal do Milênio. Conforme o memorial temático e descritivo do arquiteto e urbanista Maruem de Castro Hatem, o monumento foi projetado com 16 m (dezesseis metros) de altura composto por dois pilares verticais em estrutura metálica revestido em ACM (Aluminium composite Material) na cor champanhe.

Mapa 6 – Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva: Monumentos



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

A forma adotada remete aos primórdios da evolução do homem em seu habitat e faz uma alusão aos roraimenses natos ou não que ajudaram a construir o Estado (figura 55).

A primeira interferência do homem em seu habitat, nos primórdios de sua evolução, estava relacionada a inventividade, que possibilitou a criação um elemento diferenciado em relação a seu ambiente natural, o fato é que ao dispor duas pedras verticalmente alinhadas e sobre elas depositar uma outra pedra no sentido horizontal, surgia um objeto denominado pórtico, simbolizando o início da arquitetura humana. Todas as grandes civilizações que se seguiram sempre homenagearam seus feitos através de sua arquitetura, que independentemente de região ou nação, sempre tiveram como referência este primeiro marco da história humana, o pórtico de pedra, que sob novas formas e materiais passaram a ser erigidos pelas gerações vindouras, sempre confirmando a ideia de passagem para um outro universo, uma outra dimensão, uma nova cidade, uma nova vila, uma nova estrada, um novo templo, uma nova casa...Com a evolução do homem houvera a evolução da arquitetura e conseqüentemente dos materiais e tecnologias, permitindo a expressão plena de novos conceitos estéticos e funcionais (HATEM, 1999, p.1).

Figura 55 – Portal do Milênio



Foto: Sued Trajano de Oliveira/Daniel Luiz Oliveira 2018.

Juntamente ao monumento, está a Praça das Águas (anexo III) contendo quatro fontes luminosas realçadas por iluminação colorida, formas e volumes distintos. A fonte bi-frontal exhibe além do movimento dos jatos, áudio com músicas clássicas para atrair o fascínio do público. Para Hatem (2019) os elementos principais do projeto são a monumentalidade, a acessibilidade e a contemplação na

busca do equilíbrio e da beleza. “Numa política de arranjo de espaços públicos que se pretenda completa, deverá haver lugar para tudo, incluindo as manifestações de puro Monumentalismo.” (CULLEN, 2009, p.103).

Na época, o prefeito Ottomar Pinto estava na busca de um espaço que marcasse a passagem do milênio (1999-2000) e obteve sucesso em seu objetivo, pois o monumento exuberante é conhecido em várias regiões do Brasil e segundo Hatem (2019) exprime o valor da cultura e da história roraimense registrado por ele mesmo na placa de inauguração com o seguinte texto:

Na imensidão deste lavrado de horizontes sem fim.

No alto destas montanhas silenciosas onde habitam Deus e os anjos.

Nas vastas florestas amazônicas, densas e verdes.

Um povo indômito juntou-se aos índios há mais de um século.

Espalharam fazendas de gado e plantações extensas de grãos e de frutas

*Vadeavam os rios na atividade extrativa, da castanha, da balata e das
essências madeireiras.*

Modelaram com suor e sangue o perfil desta sociedade, deste povo.

Um povo simples e operoso.

Uma sociedade de trabalhadores.

Ottomar de Sousa Pinto

A Praça das Águas e o Portal do Milênio após uma década passaram a apresentar problemas em sua infraestrutura. Os pisos, lajotas e outros revestimentos estavam danificados, as águas das fontes e do portal não funcionavam. Em razão disso a PMBV resolveu revitalizar o espaço, alterando alguns elementos do projeto original como a cor do ACM, mudado para “bronze”, a retirada de algumas peças de granito amazônico e a inclusão de painéis do artista Francisco Brennand¹⁸. Para Hatem (2019), a mudança da cor e a retirada do granito descaracterizam o conceito original do projeto, contudo a obra do artista foi de bom grado e enriquecedor ao conjunto arquitetônico (figura 56).

¹⁸ Artista plástico brasileiro mais conhecido por suas obras em cerâmica

Figura 56 – Painel do artista Brennand – Praça das Águas



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

A Praça da Cultura criada na gestão do ex-prefeito Barac Bento dispõe de uma estrutura em arquibancada formando um pequeno anfiteatro, destaca, portanto algumas esculturas sobre ela. De acordo com Bento (2019) a simbologia e o significado desta praça e de seus monumentos especialmente, é uma homenagem aos garimpeiros, fazendeiros e indígenas pioneiros do município (figura 57).

Figura 57 – Praça da Cultura: Monumentos



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

A Praça Fábio Marques Paracat possui um vultoso pórtico de entrada com formas geométricas. A empresa contratada para atuar no projeto de requalificação foi a PDCA Engenharia Ltda. localizada no bairro Caimbé na cidade de Boa Vista. Os recursos para a execução da obra vieram do Ministério do Turismo em parceria com a PMBV. Foi disponibilizada pela SMOU uma parte dos projetos complementares para esta pesquisa, entretanto sem o projeto de Arquitetura e memorial descritivo que pudessem justificar o partido arquitetônico adotado da Praça e do pórtico.

A Praça da Pirâmide, conhecida por muitos como Praça do triângulo, abriga outro monumento em formato de pirâmide de estrutura metálica situado ao centro. O lugar além de ser empregado como uma rotatória é um espaço dedicado ao encontro, lazer entre amigos, família, ensaios fotográficos, piqueniques entre outros. Em datas especiais como natais e datas alusivas de combate a doenças ou contra violências, o monumento é ornamentado com emblemas e iluminação na cor da data homenageada (figura 58).

Figura 58 – Monumento da Pirâmide



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

4.3.6 Gentilezas urbanas

A teoria da evolução publicada por Darwin no século XIX foi um grande acontecimento e revolução para a sociedade da época. Primeiro, porque quebrava o paradigma da criação do homem por Deus e segundo, porque suas pesquisas e observações registradas minuciosamente em suas viagens pelo mundo afora lhe garantiram a afirmação de que os seres vivos se modificam e se adaptam ao meio ambiente, denominando assim, o termo de “teoria da seleção natural”.

Fazendo uma analogia a esse argumento, apreende-se que o ser humano também se modifica e se adapta ao seu meio, embora às vezes seja de formas duras e tristes. Existe uma luta pela sobrevivência em todos os sentidos, quer sejam no âmbito das relações de trabalho, pessoal ou de convívio coletivo, isto é, o comportamento social diferencia-se por um conjunto de sistemas que envolvem cada pessoa.

É notório que as condições físicas de um ambiente produzem incontáveis sensações em todos os seres vivos, precipuamente para os humanos que detém o poder de interferir no ciclo da vida, sobretudo, alterando seu modo e sua condição no meio social. Neste sentido entendemos reações e atitudes diferentes de pessoas que foram criadas em lugares diferentes, por culturas ou valores diferentes.

Em se tratando de ambiente físico, este muito contribui para o desenvolvimento cognitivo. Não é a toa que a cada dia, profissionais trabalham na humanização de espaços transformando-os em lugares acolhedores, dotados de tal urbanidade que auxiliam até tratamentos médicos como no caso dos jardins terapêuticos¹⁹ implantados em hospitais dos Estados Unidos e do continente europeu. O Brasil, timidamente vem adotando a proposta em alguns hospitais e unidades de saúde, mas em número considerado ínfimo.

Vários estudos comprovam a melhoria de pacientes submetidos à exposição a estes ambientes. Os elementos que o tornam espetaculares são elementos da própria natureza como: luz natural, aroma das plantas, formas, cores, texturas, movimento das águas, som de animais etc. Produzem, portanto sensações de serenidade, alegria e bem-estar que afetam diretamente o sistema nervoso do

¹⁹ Espaços criados para ajudar na recuperação de doenças. São jardins planejados com bastante critério por profissionais paisagistas que atuam em várias áreas afins da ciência como Arquitetura e Urbanismo, Agronomia, Engenharia e Biologia.

cérebro humano podendo atingir a cura dos doentes. Toda essa contextualização é necessária para entender as mais diferentes expressões da urbanidade, principalmente nos espaços públicos.

A gentileza urbana é um vocábulo empregado na Arquitetura e no Urbanismo que agrega conceitos de sustentabilidade, acessibilidade, funcionalidade, mobilidade, projeto paisagístico, entre outros, definem em conjunto o que de fato significa a Urbanidade.

Neste caso, voltado ao estudo da urbanidade no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva, os fenômenos são atemporais, contudo aplicam-se aos espaços físicos idealizados com fins distintos, mesmo que seu uso seja substituído momentaneamente por outro.

Temos alguns exemplos de gentileza urbana na área em estudo:

- Áreas destinadas ao esporte;
- Áreas destinadas ao treinamento aeróbico;
- Áreas ajardinadas e arborizadas;
- Mobiliário urbano;
- Vida noturna: bares, restaurantes, pizzarias, etc.;
- Quiosques, praça de alimentação;
- Incentivo ao turismo e cultura local;
- Recreação infantil;
- Paisagens e Belezas;
- Acessibilidade;
- Cores, formas, texturas.

Na gentileza urbana, são os detalhes que fazem a diferença, visto que explicitam o cuidado com as pessoas e atuam como importante tratamento sobre a fadiga mental. É como se a vida ganhasse mais brilho, aumentando os níveis de satisfação com o lugar.

A forte relação entre praça e o lugar não significa que a praça resulte apenas das determinações do lugar, mas diante da dialética espacial a praça compõe o lugar, podendo contribuir para a permanência ou a ampliação da vida urbana do lugar. Praças com boa manutenção auxiliam na qualificação geral dos espaços públicos, valorizam os transeuntes e, portanto contribuem para a esfera da vida pública (SOUZA, et al., 2017, p.154).

Limpeza dos espaços, disposição de lixeiras e possibilidades de atividades físicas através de quadras e equipamentos (figuras 59,60).

Figura 59 – Gentilezas urbanas: esporte

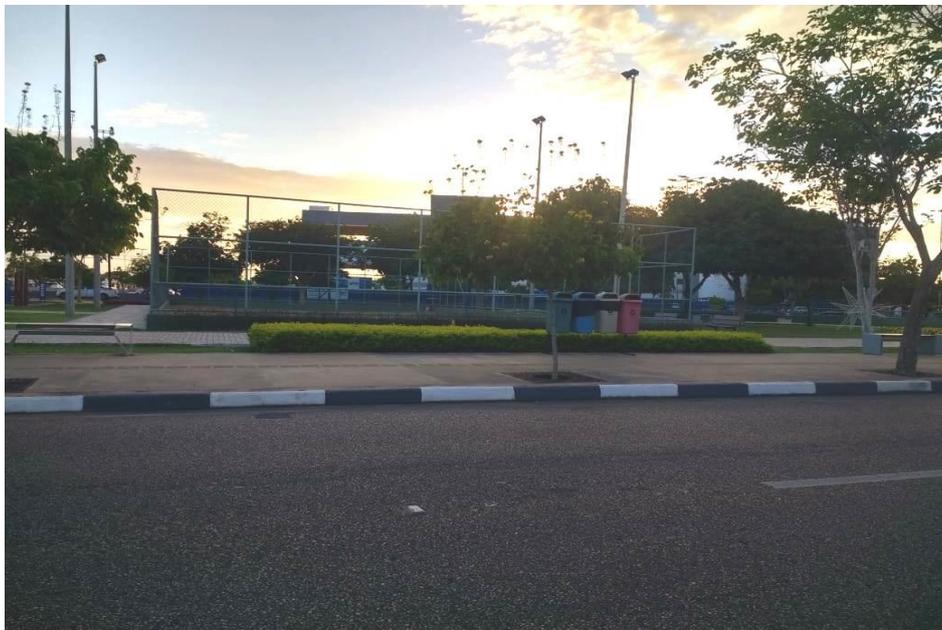


Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Figura 60 – Gentilezas urbanas: aparelhos de treinamento aeróbico



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Arborização urbana, trabalhos paisagísticos e calçamentos com piso intertravado com formas geométricas são alguns dos elementos que tornam o ambiente belo e agradável (figuras 61,62).

Figura 61 – Gentilezas urbanas: Paisagismo



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Figura 62 – Gentilezas urbanas: Paisagismo



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Bares, lanchonetes e restaurantes trazem o regalo da vida urbana noturna. A frente tem-se a iluminação da Praça como destaque da foto realçando cores, texturas e materiais (figura 63).

Figura 63 – Gentilezas urbanas: vida noturna



Foto: Acervo SEMUC – Prefeitura municipal de Boa Vista

Os quiosques localizados nos trechos sentido-aeroporto são muito utilizados durante o dia. Fornecem serviços de sorveteria, guaraná regional e lanchonete (figura 64).

Figura 64 – Gentilezas urbanas: Quiosques

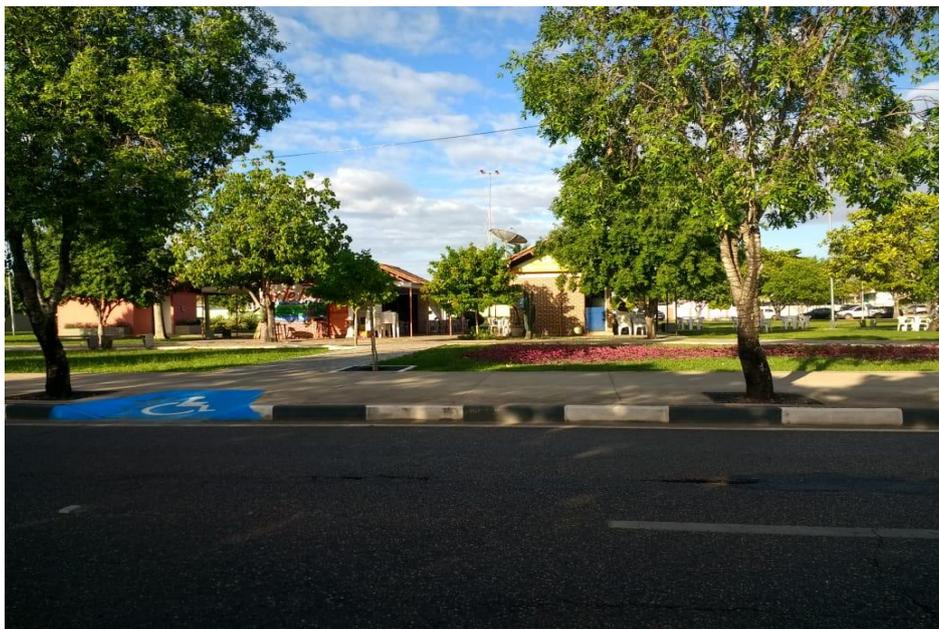


Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Existem duas praças de alimentação com comidas típicas regionais e lanches em geral. São localizadas após a Praça das Águas. Funcionam somente à noite, com exceção de algumas lanchonetes que oferecem salgados rápidos e tacacás (figura 65).

Figura 65 – Gentilezas urbanas: Praça de alimentação



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Figura 66 – Gentilezas urbanas: Centro de artesanato



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

O centro de artesanato é um incentivo ao turismo, cultura e comércio local. O lugar faz parte da área da Praça Velia Coutinho, apresenta delicadeza nos detalhes em pérgolas revestido com plantas em afinidade com a beleza rústica da edificação (figura 66).

Há dois parquinhos no complexo, sendo um com brinquedos fabricados em madeira e o outro em metal. Estão localizados nos canteiros sentido aeroporto onde são os mais arborizados. São bastante utilizados em horários de fim de tarde (figura 67) e especialmente à noite. Áreas públicas para crianças são essenciais para o seu desenvolvimento social porque promovem integração ao grupo e aproximam o vínculo com a família. Os locais dos parquinhos continuam conforme o projeto original. Houve mudança total no piso, alambrado e brinquedos depois da última reforma.

Figura 67 – Gentilezas urbanas: Recreação infantil



Foto: Acervo SEMUC – Prefeitura municipal de Boa Vista

Dentro desse contexto, é possível analisar que a interação no brincar promove além do desenvolvimento mental, também, o social que culminará em uma definição de pessoa no futuro através de suas ações do presente. É notável que as atividades lúdicas promovam em todos, ou na maioria que participam uma integração, que lhes permite sentir prazer e dinamismo, desenvolvendo aspectos afetivos, cognitivos e sociais (ANAIS ENAREL, 2013, p.3).

Aguiar; Neto (2012) se refere à urbanidade como criadora de sociabilidade, ou seja, a que favorece possibilidades de convívio. Entende-se disto que espaços receptivos são convidativos a uma permanência presencial, pois são providos de atributos belos, confortáveis, acessíveis e funcionais (figuras 68,69).

Figura 68 – Gentilezas urbanas: Beleza



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

Figura 69 – Gentilezas urbanas: Acessibilidade



Foto: Sued Trajano de Oliveira, 2018.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para avaliar os níveis de urbanidade nas praças do Complexo, foi adotado um questionário em formato de pesquisa de satisfação. Os temas das perguntas foram divididos em: Perfil socioeconômico, apreciação do lugar, periodicidade de uso do espaço, mobilidade urbana, acessibilidade, conectividade, serviços oferecidos mais atrativos, segurança, selo pelo patrimônio, relação do usuário com o lugar. Em algumas perguntas, os participantes omitiram algumas informações como idade, escolaridade e bairro onde reside. Não foi solicitado o nome de nenhum participante na pesquisa.

Os gráficos do primeiro item apresentam dados relacionados ao perfil socioeconômico de cada participante. Os participantes interessados na pesquisa de satisfação foram compostos por jovens adultos a partir de 30 anos, adultos, jovens, adolescentes e idosos. As praças são heterogêneas e frequentadas por pessoas de várias faixas etárias. Durante as visitas a campo observou-se maior concentração de famílias nos horários noturnos, e após as 23h a concentração se dá por jovens e adultos em bares, restaurantes e quadras de vôlei de areia e basquete.

O Complexo Poliesportivo Ayrton Senna tem espaços agradáveis, onde adultos e crianças têm entretenimento. Os dados sobre o estado civil apontaram que a maioria de seus frequentadores são casados (47,6%), o que denota que sua abrangência o intitula como um lugar apreciado para o lazer da família, por oferecer uma variedade de características que permitem a sua ocupação para desfrutar do tempo livre ou do tempo forjado para o lazer, principalmente na companhia de crianças ainda muito pequenas. As famílias usam o Complexo com estratégias diferentes, já que no caso dos menores de 4 anos de idade, eles demandam mais atenção e são usuários dos parquinhos, dos brinquedos infláveis ou eletrônicos e das áreas verdes.

Os solteiros também são bastante assíduos no Complexo, já que somam 41,9% dos frequentadores. Possivelmente o que muda entre estes usuários é a prática que fazem do Complexo e, no caso dos solteiros, a ausência de parentesco com as companhias com as quais desfrutam o ambiente, já que poucos se atrevem a permanecer em um espaço tão diversificado sozinho.

Os solteiros possivelmente estão mais dispostos a conhecer pessoas e a

praticar atividades que envolvem estranhos, como é o caso do Programa Academia Aberto, na Praça Velia Coutinho que é gratuita para a população. Interessante esses espaços de aglomeração de pessoas porque no tempo em que as redes sociais estão na vanguarda da mídia de comunicação, e onde o entretenimento é significativamente concentrado em telas para ocupar o cotidiano das pessoas, a maneira como as pessoas estruturam a sociabilidade deixam uma lacuna para o encontro dos corpos. No caso do Complexo ele resgata esse convívio.

O Complexo Ayrton Senna é o lugar de todos, não só dos casados e solteiros, ainda que se destaquem. Também é o lugar dos divorciados (7,3%) e dos separados (4%). Na amostra só não apareceram os viúvos, que certamente também o frequentam depois de superada a dor da perda, ou até mesmo para o propósito de superá-la.

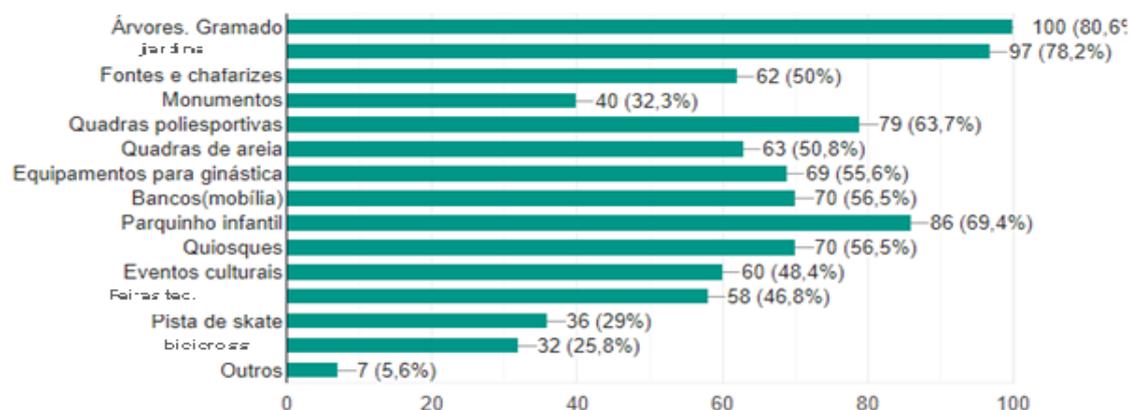
As afirmações sobre o uso familiar do Complexo ficam mais evidentes quando 50,8% dos respondentes desta pesquisa declararam que possuem filhos. O quantitativo de 49,2% respondeu que não o tem, mas sabemos que além dos filhos e animais de estimação, os adultos também podem estar acompanhados de sobrinho, netos e primos.

Independente do parentesco constata-se pelos dados sobre o que os frequentadores acham interessante no Complexo, que os elementos naturais se destacam, seja o gramado, as árvores e jardins. Em seguida vem os parquinhos infantis, justamente pelo fato de o Complexo se estruturar como um ambiente para o lazer da família, das crianças.

Cabe destaque para o uso coletivo dos espaços diante dos resultados obtidos para quadras de areia, quadras de ginástica e equipamentos para ginástica. Isso não tira a importância que é dada a rede social e jogos, já que um percentual de 56.5% destacou os bancos, os quais foram repensados no Complexo para atender ao público usuário da *wifi* que pratica uma sociabilidade dos corpos distantes e dos *emojis* dóceis e afáveis. .

Um dado revelador foi a localização do bairro dos pesquisados. Demonstra uma informação importante para saber se os frequentadores eram pertencentes aos bairros do entorno ou próximos ao Complexo ou se eram oriundos de outros. O resultado evidencia, portanto uma diversidade de localizações. Comprova de fato que as pessoas saem de suas casas sem se importar com a distância do trajeto e que usam o espaço mesmo que seus bairros tenham suas próprias praças.

Gráfico 2 – Da lista abaixo marque o que você acha interessante na praça



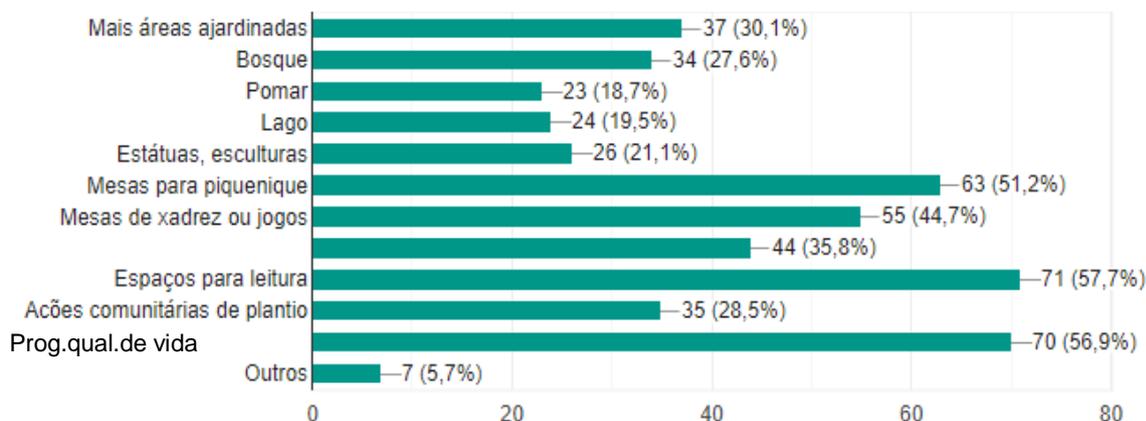
Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2019.

Além dos itens descritos no gráfico 2, os respondentes citaram que eles acham interessante também: calçamentos para caminhar, espaços para leitura, pistas para corrida/caminhada, ciclovias, pavimentação e iluminação. Ou seja, isso permite afirmar que o público, em geral, aprecia os equipamentos urbanos do Complexo, os quais se encontram em bom estado na época da coleta de dados por causa de uma reforma recente.

Apesar disso, os usuários do Complexo apontaram que existem alguns incômodos, a exemplo do comércio informal aos arredores de algumas praças, falta de policiamento e os brinquedos do playground. A pista de bicicross aparece como irrelevante e não necessária, assim como a pista de skate. Das opções do que gostariam que as praças tivessem, foram destacados os programas de bem-estar e qualidade de vida, espaços para leitura e mesas para piqueniques (gráfico 3).

Ainda neste quesito, os utentes sugeriram que o Complexo tenha pontos para hidratação com bebedouros, banheiros com vasos para crianças, fraldários, espaços com obstáculos para crianças da primeiríssima infância, parques para animais domésticos, mais políticas públicas voltadas para o local e mais arborização urbana.

Gráfico 3 – Da lista abaixo marque o que você acharia interessante TER na praça

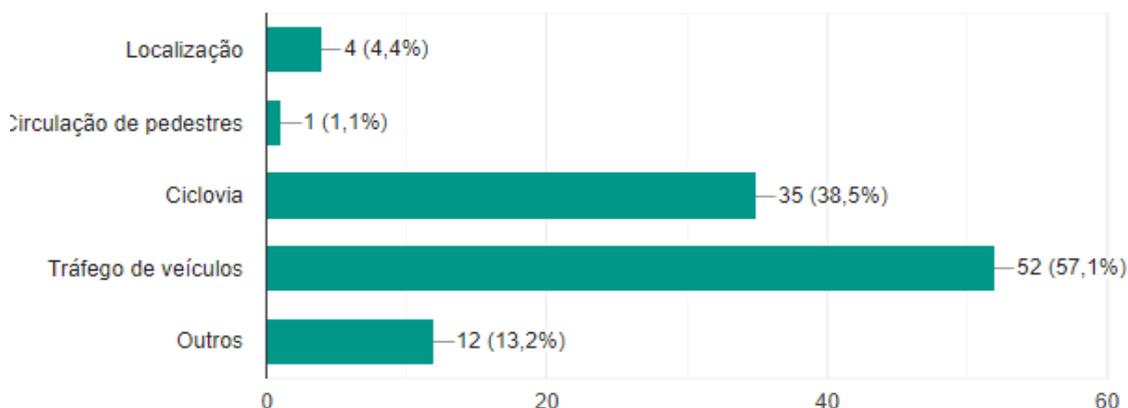


Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2019.

Sobre a preferência de horário, quase 80% dos informantes preferem frequentar o Complexo à noite, justificando essa opção pelo fato de o clima ser mais agradável e sem insolação nesse horário. Outros 14,5% responderam que preferem à tarde, neste caso, no final da tarde, quando a temperatura está mais branda. Durante as observações notou-se pouco movimento nas praças durante o horário da tarde. Apenas 5,7% o frequentam pela manhã e destas a maioria no início dela para fazer caminhada ou outro tipo de exercício físico. Os lugares mais utilizados nos horários da manhã e tarde são os primeiros canteiros, que pertencem ao projeto inicial de implantação, datado de 1994, justamente as áreas mais arborizadas.

Os frequentadores também veem de maneira positiva a mobilidade urbana do Complexo, já que ao serem perguntados sobre o que achavam que não funciona nas praças do complexo quase não se manifestaram quanto a circulação de pedestre, ao contrário do que responderam sobre o tráfego de veículos (gráfico 4). Destaca-se aqui que as praças do Complexo ficam localizadas no centro da cidade, na movimentada Avenida Ene Garcez, o que torna sua travessia perigosa para todos os transeuntes e frequentadores, principalmente ao grupo de crianças, idosos, gestantes, e pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, a despeito da existência das faixas de pedestre e de os motoristas da cidade de Boa Vista serem dos poucos do Brasil a respeitá-las.

Gráfico 4 – O que você acha que NÃO funciona na praça?



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2019.

Ao apontar outros itens que não funcionam na praça, mencionaram que os grandes eventos não deveriam acontecer naquele espaço e que as pessoas não deveriam patinar em áreas exclusivas para pedestres, já que podem provocar acidentes. A praça de alimentação da Praça Fernando Wilmers de Medeiros foi criticada porque os boxes de alimentação estão distribuídos nas laterais, bloqueando aberturas do ambiente para a ventilação e iluminação natural, o que impede a vista ao seu exterior e a interação das pessoas com o espaço.

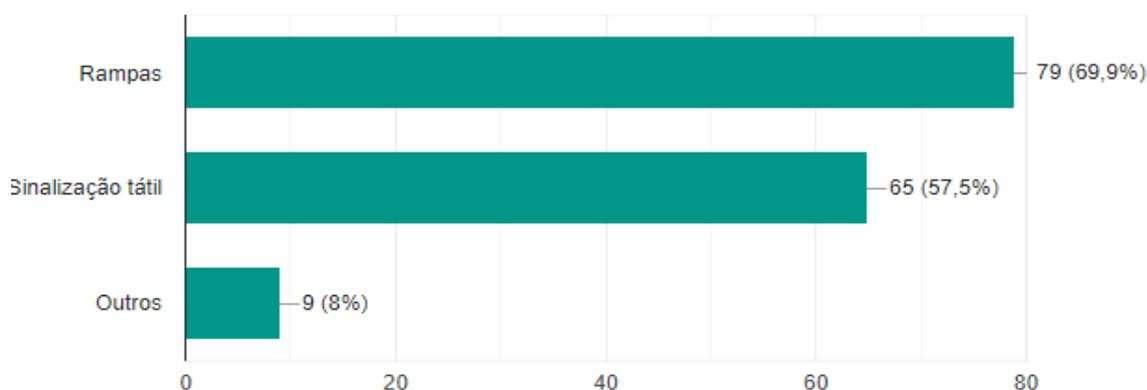
O design da praça de alimentação provavelmente foi pensado para ser à prova de pedintes, ou seja, para isolar os grupos e sujeitos indesejáveis, mas protegeu as pessoas apenas do acesso a uma paisagem mais agradável.

O estacionamento da Praça das Águas também causa insatisfação porque não é funcional, isso se deve ao fato de que os carros ficam em frente ao lugar, obstruindo a paisagem e a mobilidade, além de impossibilitar a permanência de pessoas para uso do calçadão. Pelo ponto de vista urbano, criar muitos estacionamentos incentiva o fluxo e o consumismo por veículos motorizados.

Se houver um transporte público adequado às necessidades da população com horários certos de partidas e chegadas e de estrutura física confortável e segura, haverá menos carros nas ruas, com mais pedestres e ciclistas. Pelo ponto de vista social, utilizar menos o carro é uma questão de sustentabilidade. São menos poluentes deixados no ar e fomenta as práticas de atividades físicas.

Ao se referir à acessibilidade, os usuários do Complexo indicaram como funcional a localização de rampas e sinalização tátil (gráfico 5). Elogiaram os trechos reformados em frente ao cinema e ao Ginásio Poliesportivo Vicente Ítalo Feola, conhecido como Totozão, pois possuem boa iluminação, acessos e mobiliários urbanos bem projetados. Apontaram insatisfação com o fluxo cruzado porque dificulta a locomoção da pessoa com deficiência (PCD) para atravessar os canteiros, assim como um dos participantes destacou que faltam *playgrounds* e equipamentos para PCD, entre os quais um deles destacou os bebedouros públicos adaptados.

Gráfico 5 – O que você acha que funciona na praça?



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2019.

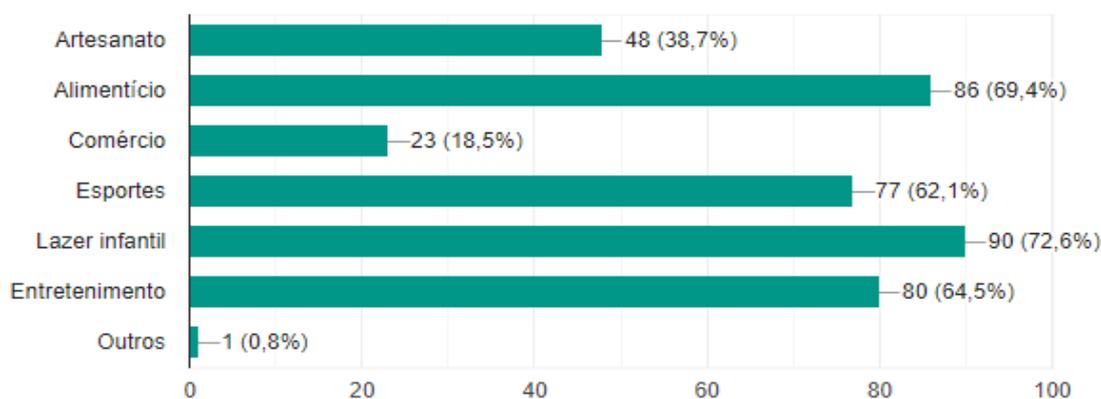
A reforma recente do Complexo Ayrton Senna atendeu as novas demandas em termos de sociabilidade. Assim, como os utilitários da Internet são diversos, porque hoje é uma ferramenta que permite que as pessoas se comuniquem e interaja sem os corpos presentes no mesmo espaço, a Internet se tornou uma parte importante da vida das pessoas e nos últimos anos a exigência de wifi se intensificou, o que fez com que seu acesso fosse disponibilizado no Complexo.

Para 91,9% dos usuários do Complexo Ayrton Senna o acesso à wifi é necessário. Isso se justifica porque o surgimento de dispositivos móveis contribuiu para aumentar o acesso à Internet e ensinar as pessoas a lidarem com entretenimento perpassado pelo acesso imediato as redes sociais e as informações.

No contexto de aumento considerável no uso de internet móvel no Brasil e do acesso pago à internet móvel, as pessoas não querem só o acesso a wifi, querem que a conectividade também seja satisfatória. Por outro lado há aqueles que rejeitam essa forma de sociabilidade em espaços de entretenimento ou que não têm

domínio da ferramenta e não a consideraram importante, como é o caso de 8,1% que não consideram importante o acesso a wifi nas praças do Complexo.

Gráfico 6 – Serviços mais atrativos



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2019.

Os serviços mais atrativos aparecem: em primeiro lugar a recreação infantil, em segundo lugar o alimentício, em terceiro o entretenimento e em quarto lugar o esporte (gráfico 6). Uma pessoa sugeriu mais políticas públicas que envolva prática de artes marciais.

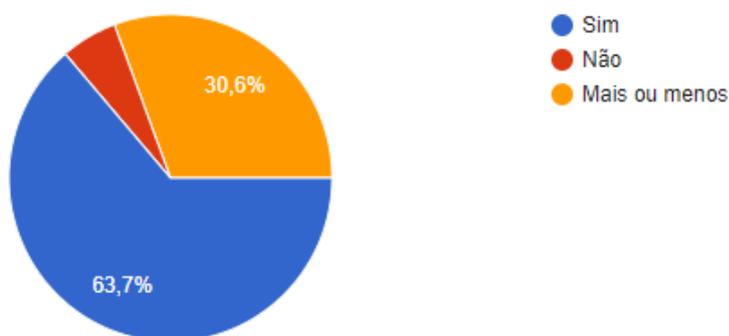
Na Segurança pública foram apurados 70,2% que avaliam que o local é seguro e 29,8% disseram que não. A violência urbana tem aumentado nos últimos anos em Boa Vista por isso uma parte das pessoas disseram que o lugar precisa de mais segurança. Há um posto policial apenas na Praça das Águas. Como o Complexo é muito grande, faz-se necessário ao menos um patrulhamento pedonal. Nestes dois últimos anos já houve relatos de diversos furtos de celulares e desaparecimento de pessoas que estavam em shows musicais.

A sensação de insegurança presente nos espaços públicos tem tirado as pessoas desses espaços, já que a violência social constrói território. Por esse motivo, as políticas de segurança urbana têm sido usadas para justificar a transformação do espaço público. Em vista da convivialidade no complexo Ayrton Senna, uma vez que a infraestrutura de segurança está no centro das preocupações da sociedade moderna. No caso do Complexo, os seus usuários se sentem relativamente seguros uma vez que 70,2% consideram o lugar seguro e outros 29,8% não o consideram, possivelmente pela quantidade de pedintes e moradores

de rua que ocupam o centro da cidade atualmente. Esse dado faz um alerta e indica um pedido de reforço na segurança do espaço, especialmente porque nossos dados indicam um uso familiar do espaço.

A respeito de zelo do patrimônio, 63,7% qualificaram como preservados e 30,6% como mais ou menos (gráfico 7). Justificaram como não ou mais ou menos preservados em maior grau, o mobiliário urbano pelo mau uso, vandalismo e falta de manutenção.

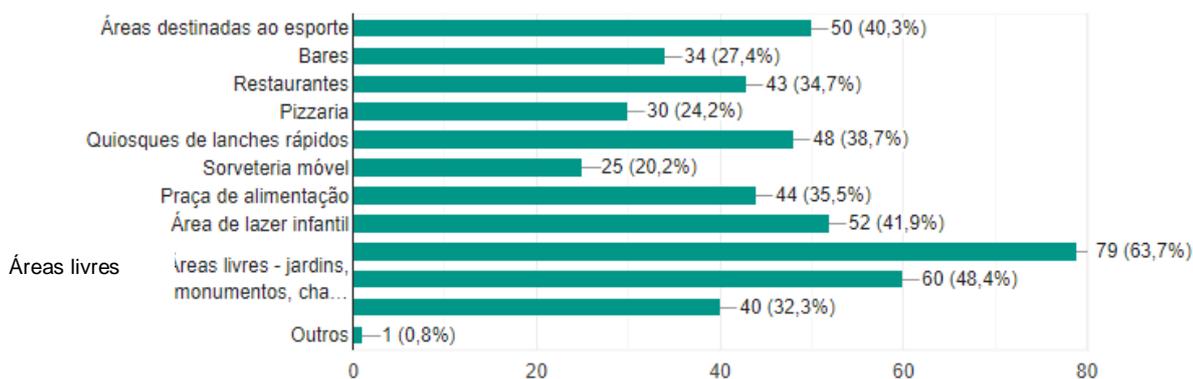
Gráfico 7 – As praças que fazem parte do Complexo Ayrton Senna estão em boas condições de preservação?



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2019.

A relação do usuário com o lugar surge como preferência às áreas livres (63,7%), os monumentos (48,4%) e áreas de esporte (40,3%) (gráfico 8). Pelo gráfico percebe-se um equilíbrio entre as informações coletadas, ou seja, há preferências de vários locais do Complexo.

Gráfico 8 – Qual (is) lugar (es) preferido(s)?



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2019.

Em cada segmento do complexo foi analisada a diferença do perfil dos usuários. Os canteiros localizados a partir do 6º BEC concentram áreas de esporte com público mais jovem. Adolescentes gostam muito das pistas de bicicross e skate. Por ser uma cidade amazônica, à tarde, os quiosques de guaraná natural e açaí são bem frequentados.

Parquinhos infantis concentram famílias, Praça das Aguas possui a maior diversidade de usuários. Há nela a construção de multiterritorialidades, inúmeros usos e grupos sociais, fenômenos espontâneos que aparecem e desaparecem constantemente. Neste trecho, da Praça Fábio Paracat até a Praça Wilmers de Medeiros o setor alimentício é forte, por isso o fluxo é mais intenso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Urbanidade foi o tema central desta pesquisa partindo do seu objetivo geral de analisar o recorte feito a partir do eixo central e radial da cidade de Boa Vista que originou o Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva sob os aspectos do planejamento urbano e paisagístico. Foram enriquecedoras todas as fases de exploração e busca de informações porquanto oportunizaram conhecimentos que ajudam a sociedade e o poder público a compreenderem a importância de políticas públicas voltadas para a qualidade de vida da população.

O desenvolvimento deste trabalho foi árduo pela escassez de informações do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva pelos órgãos municipais. Devido a isso, foi decisivo investigar por outras fontes como pelos próprios autores do projeto as quais são arquitetos e urbanistas, morador antigo que acompanhou grande parte da evolução urbana da cidade, além de contato com o herdeiro do criador do plano urbanístico de Boa Vista e um dos ex-prefeitos.

Por meio desta investigação foi possível compreender fatos históricos que explicam a morfologia urbana da cidade e os critérios que levaram a implantação do Complexo. Estes foram elementos imprescindíveis na análise da urbanidade em espaços públicos em especial o do sujeito dessa pesquisa ora apresentado.

Neste estudo foram encontrados apenas dois autores do projeto. Algumas praças que foram requalificadas e revitalizadas não informam dados de autor do projeto, memorial descritivo ou memorial de especificações. Por fim, a análise da urbanidade foi realizada mediante profunda pesquisa bibliográfica na busca de subsídios que fortaleceram o embasamento teórico do tema e foi finalizada com as visitas de reconhecimento e observação dos fenômenos de cada área livre associada aos depoimentos de cada entrevista que contribuíram para um entendimento preciso do objeto em estudo.

Com base de tudo o que foi pesquisado e coletado chegou-se a conclusão que a urbanidade em espaços públicos é vital para o desenvolvimento social do cidadão. A teoria que fundamenta seu conceito está nas experiências empíricas ora examinadas para a construção deste estudo.

Os resultados demonstram que o espaço sofreu metamorfoses juntamente com a evolução urbana da cidade e que cada parte deste espaço foi construído em várias gestões de prefeitos municipais justamente por ser vasto em extensão e por

acompanhar os estágios de ascendência e decadência econômica da capital e do Brasil.

O georreferenciamento foi decisivo na demarcação e localização correta das praças além de nomeá-las. Através dos mapas foi possível explicar a dinâmica socioespacial da interação das praças com áreas integradas e o ritmo da evolução urbana da cidade. Os registros capturados em câmera e drone foram fundamentais durante a análise para perceber detalhes e nuances do comportamento social e das gentilezas urbanas que configuram o ato de ter “urbanidade”.

O questionário apresentado demonstrou o resumo das informações em forma de gráfico para melhor compreensão dos dados apurados sobre a Urbanidade do CPASS. Os participantes da pesquisa de satisfação cooperaram significativamente para assimilação dos temas nas respostas e nos comentários sugestivos que intencionam em melhorar a qualidade do espaço público.

A análise revelou as peculiaridades de cada Praça ou área livre que compõe o Complexo. Os níveis de agradabilidade foram apurados através da observação aliado ao estudo teórico na pesquisa bibliográfica juntamente com a pesquisa de satisfação como meio de avaliar a Urbanidade do espaço.

Foram muitas visitas a campo para conhecer os fenômenos urbanos e entendê-los, embora as praças estejam unidas fisicamente, os processos que ocorrem nelas são diferentes. Foi possível registrar e comparar os dados, falar com pessoas que de forma direta ou indireta acompanharam o nascimento deste espaço público. O prazer da vida pública, ou melhor, da coletividade precisa ser preservado. Tornar-se mais humano e desenvolver práticas saudáveis tanto na esfera espacial como mental urge em nossos dias.

Dado a isso, constatou-se ao final da pesquisa que há Urbanidade neste espaço público mesmo em períodos em que as áreas estavam comprometidas em sua infraestrutura. Os motivos da “vida latente” nas praças do Ayrton Senna não se devem apenas aos atrativos espaciais implantados nele para suprimento das necessidades emocionais do roraimense ou do roraimado²⁰ mas também da própria relação de afetividade com o lugar, com a cultura local e especialmente com a paisagem amazônica.

²⁰ Expressão popular que caracteriza pessoas migrantes que adotaram sentimentalmente a cidade de Boa Vista ou o Estado de Roraima como sua terra natal.

REFERÊNCIAS

1- Livros, teses, dissertações, artigos e periódicos:

AGUIAR, D.; NETTO, V.M. (Org.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. 280p.

ARROYO, J. **Espacio público: Entre afirmaciones y desplazamientos**. 1.ed. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2011.182p.

ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DA INSTRUÇÃO. **Viagem Philosophica: Uma Redescoberta da Amazônia - 1792 - 1992**. Rio de Janeiro: Editora Index Ltda., 1992.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia Urbana**. 2 ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997. 525p.

BENEVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo, 1997. 729p.

BERGAMINI, C. E. **Paisagismo contemporâneo: Estratégias para o projeto de praças**. 2009. 159 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do espaço habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2009.

BISSON, B. **Urbanity: Looking into the discourse of researchers**. UMR ESO - 6590 CNRS / Université Rennes 2. France, 2014.

BOA VISTA. Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Lei de uso e ocupação do solo urbano do município de Boa Vista**. Gabinete do prefeito: 2006. 139 p.

_____. Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Relatório de Atividades da Prefeitura de Boa Vista**. Período: Jan/1993 a Mar/1996. Gabinete da prefeita: 1996. 157 p.

BONATTO, F. **Transformações na Paisagem Natural de Boa Vista, Roraima: Um diagnóstico ambiental por geoprocessamento**. 2002. 346p. Dissertação (Mestrado em Geografia – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Programa de Pós Graduação em Geografia). Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, 2002.

XII COLÓQUIO - QUAPÁ-SEL, 2017, São Paulo. Rumos da rede de pesquisa Quapá-SEL: Consolidações e Proposições. São Paulo: FAUUSP, 12 e 13 de outubro de 2017. P. 1-146.

CAPEL, H. **La morfología de las ciudades**. Barcelona, 2002.544 p.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.98p.

CAVALCANTI, A. P. B.; VIADANA, A. G. Fundamentos históricos da geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia Antiga. Termo In: GODOY; P. R. T.

de. (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 11-34.

CLAVAL, P. **História da Geografia**. Lisboa, 2006.p.79-138.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989. 94p.

COSTA, G. G. **Manaus: um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de cultura, 2013.p. 29-45.

_____. **Fortes Portugueses na Amazônia Brasileira**. 2014.148p. Tese (Pós-doutorado no programa de Pós-graduação em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. Lisboa, 2009.199p.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2011.

DIAS, L.C; FERRARI, M. (Org.). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Florianópolis: Insular, 2011. 264p.

ENAREL, 2013, Minas Gerais. **Anais do Encontro Nacional de Recreação e Lazer/SESC**. Ouro Preto: 2013. 5p.

FARAH, I.; SCHLEE, M. B.; TARDIN, R. **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Senac ,2010. 230p.

FERRARI, C. **Dicionário de Urbanismo**. 1. ed. São Paulo: Editora Disal, 2004. 452p.

FERNANDES, A. C. T. D. **Metodologias de avaliação da qualidade dos espaços públicos**. 2012. 112 p. Dissertação (Mestrado integrado em Engenharia Civil) – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal, 2012.

GALDINO, L. K. A. **Sociedade, política, cultura e meio ambiente: Subsídios ao planejamento socioambiental à comunidade indígena Boca da Mata, na Terra Indígena São Marcos – Roraima**. 2017. 204p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

HAESBAERT, R. **Regional – Global: Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p.164-169.

_____. **Viver no limite: território multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. Rio de Janeiro, 2014. p.53-86.

HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura**. Tradução: Carlos Eduardo Lima Machado. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 272p.

HATEM, M. C. **Memorial temático e descritivo do Portal do Milênio**. Boa Vista: Architec, 1999.5p.

HOLANDA, F. **Urbanidade: Arquitetônica e social**. In: I ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO. 29, 2010. Rio de Janeiro. p. 1-23.

HOWARD, E. **Cidades-jardins de amanhã**. São Paulo: Annablume, 1996. 100p.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Série Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil: Desenvolvimento Regional e Estruturação da Rede Urbana**. Brasília, 2002. v.3. p. 69-77.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rocha. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 532p.

JARDIM, R. M. **Revitalização de espaços urbanos ociosos como estratégia para a sustentabilidade ambiental: o caso do High Line Park no contexto do PlaNYC**. 2012.180p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. P. 38-91.

LE CORBUSIER. **A Carta de Atenas**. Tradução: Rebeca Scherer. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1993. 120p.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.143p.

_____. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, 2004.178p.

LIMA, M. G. L. **As transformações da paisagem do sítio histórico urbano de Boa Vista: Um olhar a partir da fotografia**. 2011.107 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227p.

MACEDO, S. S. **Quadro do Paisagismo no Brasil**. São Paulo, 1999. 143p.

MAGALHÃES, M. R. **A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade**. Lisboa: Editorial Estampa 2001. 525p.

MARTINS, E. **Memórias de disputas e disputas pela memória na praça central de Boa Vista, RR**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

MESQUITA, O. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 199. 360p.

MORAIS, R.P. et al. **Dinâmica de produção e organização das áreas livres - praças da cidade de Boa Vista-RR. Boa Vista:** Universidade Federal de Roraima – Departamento de Geografia, 2012. 20p.

MUMFORD, L. **A cidade na história: Suas origens, transformações e perspectivas.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.812p.

NICODEMO, M. L. F.; PRIMAVESI, O. **Por que manter árvores na área urbana?** 1. Ed. São Carlos: Embrapa Pecuária Sudeste, 2009.

NUNES-FERREIRA, C. E. **Teoria e história das cidades.** Rio de Janeiro: SESES, 2017. 168p.

OLIVEIRA, J.A. **As cidades da natureza, a natureza das cidades e o controle do território.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2008. 12p.

PAIVA, P. D.O. **Paisagismo I – histórico, definições e caracterizações.** Lavras: UFLA/FAEPE, 2004. 127p.

PANERAI, P. **Análise Urbana.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. 198p.

PENTEADO, F.et al. **Fábio Penteado: Ensaios de arquitetura.** São Paulo: Empresa das Artes, 1998. 210p.

ROBBA, F.; MACEDO, S.S. **Praças brasileiras.** 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. 311 p.

RORAIMA. Governo do Estado. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento. **Guia Turística Roraima: Ecológica, Histórica y Cultural.** 1. ed. São Paulo: Empresa das Artes, 2009. 220p.

_____. **Banco de Dados: Resumo estatístico de Roraima e seus municípios.** Coordenadoria Geral de Estudos Econômicos e Sociais. Boa Vista, 2018.

RODRIGUES, F.M. **Desenho Urbano, cabeça, campo e prancheta.** São Paulo: Projeto, 1986. 117p.

SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986. 315p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 308 p.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.136 p.

_____. **Por uma Geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.285p.

SERRA, G. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação.** São Paulo: Edusp: Mandarim, 2006. 252p.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007. 207p.

SILVA, P.R.F. **Dinâmica territorial urbana em Roraima – Brasil.** 2007. 329 p. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SOARES, A. E. **Fora do ar: Um resgate histórico em documentário do jornalista João Alencar.** 2007. 70p. Monografia (Curso de Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2007.

SOARES, E.N. (Org.). **Largos, coretos e praças de Belém.** Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2009.172 p.

SONESSON, G. SPACES OF URBANITY: From the Village Square to the Boulevard.In: **Place and location III: The city — topias and reflection Estonian Academy of Arts.** Sweden: Lund University, 2003. p. 1-30.

SOUZA, J. M. **O Amazonas e os Interesses Internacionais: Fatos e argumentos.** Rio de Janeiro: Dinigraf, 1996. 480p.

SOUZA, M.A (Org.). **Território Brasileiro: usos e abusos.** Arapiraca: EDUNEAL, 2017. 616p.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização.** 16 ed. Editora Contexto, 2018.

TAYLOR, P. J. **The state as container: territoriality in the modern world-system.** Progress in Human Geography, v. 18, n. 2, p. 151-162, 1994.

TREVISAN, R. **Cidades Novas.** 2009, 315p. Tese (Doutorado – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília) – Brasília, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980. 288p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Normas para apresentação de trabalhos técnico científicos da UFRR.** Boa Vista, 2011.77 p.

VERAS, A. T. R. **A produção do espaço urbano de Boa Vista.** 2009.222 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

WATERMAN, T. **Fundamentos de Paisagismo.** Porto Alegre: Bookman, 2010.200p.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.286p.

2- Páginas da internet:

AGUIAR, D. **Urbanidade e a qualidade da cidade**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.141/4221>>. Acesso em: 22 jun. 2017

ANDRADE, L. M. S. **O conceito de Cidades - Jardins: uma adaptação para as cidades sustentáveis**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Florianópolis. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_rm/florianopolis>. Acesso em: 12 Nov. 2018.

CARMONA, M. Re-theorising contemporary public space: a new narrative and a new normative. **Journal of Urbanism: International Research on Placemaking and Urban Sustainability**, n. ahead-of-print, p. 1-33, 2014. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/loi/rjou20>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista, 2016. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Apos-um-ano-em-reforma--Praca-das-Aguas-e-reinaugurada-revitalizada/16456>>. Acesso em: 07 fev.2019.

_____. Boa Vista 123 anos. Boa Vista, 2013. Suplemento.

FRESHKILLS PARK. **The Freshkills Park Alliance**. Disponível em: <<http://freshkillspark.org>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

GEHL, J. Cidades para pessoas. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, sem número, 02 out. 2015. Disponível em: <<https://piseagrama.org/cidades-para-pessoas>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

HAESBAERT, R. **Dos Múltiplos territórios a Multiterritorialidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

PEREIRA, J. R. A. **Le Corbusier 24NC - Un fragmento habitado de la Ville Radiuse**. Cuaderno de Notas, 2014. Disponível em: <<http://polired.upm.es/index.php/cuadernodenotas/article/view/2958/3018>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA. Boa Vista, 2015. Disponível em:<<https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2015/09/complexo-ayrton-senna-nova-etapa-da-reforma-preve-trocas-de-calcadas-e-revitalizacao-de-quadras>>. Acesso em: 07 fev.2019.

_____.Boa Vista, 2017. Disponível em:<
<https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2017/03/prefeita-de-boa-vista-visita-diversas-obras-em-fase-de-conclusao-na-capital>>. Acesso em: 07 fev.2019.

REDE AMAZÔNICA RORAIMA. Boa Vista, 2014. Disponível em: <
<http://globoesporte.globo.com/rr/noticia/2014/12/kart-boa-vista-ganha-kartodromo-com-pista-de-700m-no-parque-anaua.html>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

REVISTA ALGOMAS. Pernambuco: 2017. Disponível em:
 <<http://smftgi.com.br/noticias/geraldo-autoriza-inicio-das-obras-da-segunda-etapa-do-projeto-parque-capibaribe>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SCHNEIDER, C.; ACHILLES, B.; MERBITZ, H. Urbanity and Urbanization: An Interdisciplinary Review Combining Cultural and Physical Approaches. **Land Journal**, Germany, 2014. Disponível em: <[http:// www.mdpi.com/journal/land/](http://www.mdpi.com/journal/land/)>. Acesso em: 20 set. 2017.

3- Entrevistas:

ÁVILA, L. M. S. **Plano Urbanístico da cidade de Boa Vista**. Entrevista concedida a Sued Trajano de Oliveira. Boa Vista, 29 jun. 2018.

BENTO, B. S. **A cidade de Boa Vista**. Entrevista concedida a Sued Trajano de Oliveira. Boa Vista, 05 fev. 2019.

DERENUSSON, D. R. **Plano Urbanístico da cidade de Boa Vista**. Entrevista concedida a Sued Trajano de Oliveira. Boa Vista, 8 fev. 2019.

HATEM, M. C. **Projeto da Praça das Águas e Portal do Milênio – Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva**. Entrevista concedida a Sued Trajano de Oliveira. Boa Vista, 13 jan. 2019.

VERAS, S. M. P. **Projeto do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna da Silva**. Entrevista concedida a Sued Trajano de Oliveira. Boa Vista, 13 jan. 2019.

APÊNDICE A

ROTEIROS DE ENTREVISTAS

PESQUISADORA: Arq. e Urb. SUED TRAJANO DE OLIVEIRA

ROTEIRO DE ENTREVISTA
COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA
AUTORES DO PROJETO

1. NOME COMPLETO:
2. PROFISSÃO:
3. COMO SURTIU A OPORTUNIDADE DE SER UM DOS AUTORES DO PROJETO DO COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA?
4. QUEM FOI O SOLICITANTE/CLIENTE DESTA PROJETO?
5. QUAL PERÍODO FOI DESENVOLVIDO E CONCLUÍDO O PROJETO?
6. QUAL O PROGRAMA DE NECESSIDADES ADOTADO?
7. DESCREVA A RAZÃO DO PARTIDO ARQUITETÔNICO ADOTADO.
8. QUAL(IS) TRECHO(S) VOCÊ PROJETOU E QUE NOME FOI DADO À SUA OBRA? (POR EX.: ÁREAS DE CONVIVÊNCIA , ESPAÇOS DESTINADOS AO ESPORTE, ENTRETENIMENTO, PARQUINHOS INFANTIS, MEMORIAIS, MONUMENTOS, PRAÇA DAS ÁGUAS, PRAÇA DAS ARTES, ETC.)
9. DESCREVA O SIGNIFICADO, SIMBOLOGIA E/OU OUTROS ASPECTOS QUE ESTÃO REPRESENTADOS NAS FORMAS, NO VOLUME E NA PAISAGEM CRIADA.
10. EXPLIQUE SE OS MONUMENTOS E EQUIPAMENTOS URBANOS DO COMPLEXO TÊM ALGUMA IDENTIDADE PRÓPRIA OU RELAÇÃO COM A HISTÓRIA DA CIDADE.
11. CITE OS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E REVESTIMENTO QUE MAIS INFLUENCIARAM NA ESCOLHA PARA INCLUSÃO NAS ESPECIFICAÇÕES DO PROJETO, EXPLICANDO OS MOTIVOS.
12. FALE UM POUCO SOBRE OS ELEMENTOS IMPORTANTES EMPREGADOS NO PROJETO (POR EX. CONFORTO AMBIENTAL, PAISAGISMO, SUSTENTABILIDADE, ACESSIBILIDADE, MOBILIDADE, ROMANTISMO, BELEZA, CONTEMPLAÇÃO, ETC).
13. A EXECUÇÃO DAS OBRAS OBEDECEU AO SEU PROJETO OU HOUVE MODIFICAÇÕES DURANTE? VOCÊ ACOMPANHOU ESTE PROCESSO? COMPARTILHE UM POUCO DESTA EXPERIÊNCIA.
14. ATUALMENTE, VOCÊ OBSERVA ALGUMA TRANSFORMAÇÃO NO USO DO ESPAÇO? A RELAÇÃO DOS FREQUENTADORES E TRANSEUNTES OU MUDANÇA DE ALGUM CENÁRIO?
15. QUAL O SEU SENTIMENTO OU SENSAÇÃO DE TER PARTICIPADO DE UM PROJETO URBANO QUE ENVOLVE QUALIDADE DE VIDA E BEM ESTAR À POPULAÇÃO?

PESQUISADORA: Arq. e Urb. SUED TRAJANO DE OLIVEIRA

ROTEIRO DE ENTREVISTA
COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA
MORADOR ANTIGO

1. NOME COMPLETO:
2. IDADE:
3. NATURALIDADE:
4. PROFISSÃO:
5. MORA EM BOA VISTA HÁ QUANTOS ANOS?
6. QUAL SUA SENSAÇÃO EM MORAR EM UMA CIDADE DISTANTE GEOGRAFICAMENTE DOS GRANDES CENTROS URBANOS?
7. CASO NÃO SEJA DE BOA VISTA, O QUE LHE LEVOU A MORAR NESTA CIDADE?
8. COMO ERA A CIDADE DE BOA VISTA NA DÉCADA DE 60 E 70?
9. QUAIS AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS, SOCIAIS E ECONÔMICAS MAIS NÍTIDAS OCORRIDAS DURANTE OS ANOS QUE MORA NA CIDADE?
10. QUAL SUA AVALIAÇÃO A RESPEITO DO CLIMA E DAS ÁREAS LIVRES (COMO AS PRAÇAS E PARQUES) QUE A CIDADE POSSUI?
11. ACOMPANHOU OS PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO DO PLANO DE DARCY ALEIXO DERENUSSON? QUAIS?
12. NA SUA OPINIÃO, O AVANÇO NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS ESTRUTURAS DE LAZER E CONVIVÊNCIA COMO OS SHOPPINGS POR EXEMPLO, AFETOU OU NÃO O COMPORTAMENTO DO CIDADÃO BOA -VISTENSE? AS PRAÇAS , BARES DE RUAS E OUTROS LUGARES AINDA SÃO UTILIZADOS?
13. O QUE ACHA DO COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA? (FAÇA UMA CRÍTICA DO QUE CONSIDERA IMPORTANTE, AGRADÁVEL OU NEGATIVO, DESNECESSÁRIO POR EXEMPLO).

PESQUISADORA: Arq. e Urb. SUED TRAJANO DE OLIVEIRA

ROTEIRO DE ENTREVISTA
COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA
PREFEITA DA CIDADE DE BOA VISTA

1. COMO SURTIU A IDEIA DE SE CRIAR O COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA NA CIDADE DE BOA VISTA?
2. SABE-SE QUE O AYRTON SENNA ESTÁ LOCALIZADO NO EIXO CENTRAL DO PLANO URBANÍSTICO DE DARCY ALEIXO DERENUSSON (INICIANDO NO MINITERMINAL DE ÔNIBUS E FINALIZANDO NA PRAÇA DA PIRÂMIDE). FOI INTENCIONAL A ESCOLHA DO LOCAL?
3. QUAL FOI O CRITÉRIO DA ESCOLHA DO NOME?
4. EM QUE ANO FORAM INICIADAS AS OBRAS DO COMPLEXO E QUANTO TEMPO FOI GASTO PARA CONCLUSÃO TOTAL DAS OBRAS DO COMPLEXO?
5. TODOS OS TRECHOS DO AYRTON SENNA FORAM CRIADOS E/OU EXECUTADOS NA SUA GESTÃO?
6. QUAIS AS MOTIVAÇÕES QUE LEVARAM A CONSTRUÇÃO DESSE ESPAÇO PÚBLICO?
7. O QUE ANTES EXISTIA E FOI MANTIDO? (POR EX.: ÁREAS CONSTRUÍDAS, PRAÇAS, ÁREAS VERDES, ETC).
8. EM 2015 INICIARAM VÁRIAS OBRAS DE REFORMA, ADEQUAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO, ALGUMAS JÁ FORAM ENTREGUES E OUTRAS ESTÃO EM EXECUÇÃO. PODERIA DESCREVER QUAIS MUDANÇAS ESTÃO SENDO REALIZADAS DESDE O ANO DE 2018 E O OBJETIVO DELAS?
9. SOBRE O MONUMENTO DA PIRAMIDE QUE FICA PROXIMO À UFRR, FOI INAUGURADO EM UMA DE SUAS GESTÕES? QUAL O SIGNIFICADO DELA E SUA REPRESENTATIVIDADE?
10. QUAIS PROFISSIONAIS E QUAIS ÓRGÃOS ESTIVERAM ENVOLVIDOS DIRETAMENTE NA CRIAÇÃO DO PROJETO DO COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA?
11. A SEU VER, QUAL A IMPORTÂNCIA DO COMPLEXO PARA A CIDADE DE BOA VISTA?

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO

AVALIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO AYRTON SENNA DA SILVA

1. PERFIL SOCIOECONÔMICO

1.1 IDADE:

1.2 SEXO:

1.3 NATURALIDADE/NACIONALIDADE:

1.4 BAIRRO ONDE MORA:

1.5 ESTADO CIVIL:

1.6 FILHOS? SE SIM, QUANTOS.

1.7 PROFISSÃO:

1.8 INDIQUE QUANTAS PESSOAS RESIDEM NA SUA CASA, SEGUNDO A IDADE:

_____ 0 A 5 ANOS

_____ 6 A 11 ANOS

_____ 12 A 20 ANOS

_____ 20 A 35 ANOS

_____ 36 A 50 ANOS

_____ 51 A 65 ANOS

_____ 66 A 75 ANOS

_____ 75 ANOS OU MAIS

2. APRECIÇÃO DO LUGAR

2.1 DA LISTA ABAIXO, MARQUE:

S (SIM) SE VOCÊ ACHA INTERESSANTE NA PRAÇA

N (NÃO) SE VOCÊ NÃO ACHA INTERESSANTE NA PRAÇA

G (GOSTARIA) SE VOCÊ ACHARIA INTERESSANTE TER NA PRAÇA

- Árvores
- Gramado
- Jardins
- Jardineira e canteiros
- Vasos
- Bosque
- Pomar
- Cascata
- Lago
- Fonte, Chafariz
- Estátuas
- Esculturas
- Monumentos
- Quadras poliesportivas
- Campo gramado – futebol
- Quadra de areia
- Equipamentos para ginástica
- Mesas para piquenique
- Mesa de xadrez
- Bancos
- Parquinho infantil
- Quiosques
- Caixa de areia para cães e gatos
- Ações comunitárias de plantio
- Espaço para leitura

3. PERIODICIDADE DE USO DO ESPAÇO

- Durante a semana de seg. – sex
 ocasionalmente em dia de semana
 Geralmente na semana e no fim de semana
- Fim de semana
 Sextas-feiras
 A cada quinze dias
 1 vez ao mês

3.1 Preferência de horário. Justifique

- Manhã
 Tarde
 Noite
-

3.2 Tempo de permanência

- Até 30min
 Até 1h
 De 1h – 2h
 De 2h – 3h
 Mais de 3h

4 MOBILIDADE URBANA

S (SIM) SE VOCÊ ACHA QUE FUNCIONA NA PRAÇA
N (NÃO) SE VOCÊ NÃO ACHA QUE FUNCIONA NA PRAÇA

- Localização
 Circulação de pedestres
 Tráfego de veículos
 Ciclovias

5 ACESSIBILIDADE

S (SIM) SE VOCÊ ACHAR QUE FUNCIONA NA PRAÇA
N (NÃO) SE VOCÊ NÃO ACHAR QUE FUNCIONA NA PRAÇA

- Rampas
 Sinalização tátil
 Outros: _____

6 CONECTIVIDADE

S (SIM) SE VOCÊ ACHAR QUE É IMPORTANTE
N (NÃO) SE VOCÊ ACHAR QUE NÃO É IMPORTANTE

7 SERVIÇOS OFERECIDOS MAIS ATRATIVOS

- Artesanato
 Alimentício
 Comércio
 Esportes
 Lazer infantil
 Entretenimento
 Outros: _____

8 SEGURANÇA

S (SIM) SE VOCÊ ACHAR QUE O LUGAR É SEGURO
N (NÃO) SE VOCÊ ACHAR QUE O LUGAR NÃO É SEGURO

9 ZELO PELO PATRIMÔNIO

As praças estão em boas condições de preservação?

- Sim
 Não
 Mais ou menos

9.2 Se sua resposta a pergunta anterior foi NÃO ou MAIS OU MENOS. Quais elementos você percebe que não estão preservados?

- Mobiliário Urbano (bancos, vasos, lixeiras, abrigo de ônibus, bebedouros, postes de iluminação e sinalização, etc.)
 Monumentos
 Chafarizes/Fontes
 Canteiros
 Pavimentação
 Árvores, canteiros, jardineiras, gramado
 Outros: _____

9.3 Na sua opinião, os elementos citados não estão preservados por qual/quais motivo(s)?

- Ação das intempéries
 Vandalismo
 Mau uso
 Falta de manutenção
 Furto
 Outros: _____

10 RELAÇÃO DO USUÁRIO COM O LUGAR

10.2 Qual (is) lugar(es) preferido(s)?

- Áreas destinadas ao esporte
 Bares
 Restaurantes
 Pizzaria
 Quiosques de lanches rápidos
 Sorveteria móvel
 Praça de alimentação
 Área de lazer infantil
 Áreas livres - passeio, ponto de encontro com familiares, amigos ou colegas de trabalho
 Áreas livres - jardins, monumentos, chafarizes
 Áreas destinadas a eventos(shows, manifestações populares e artísticas, datas comemorativas etc.)
 Outros _____

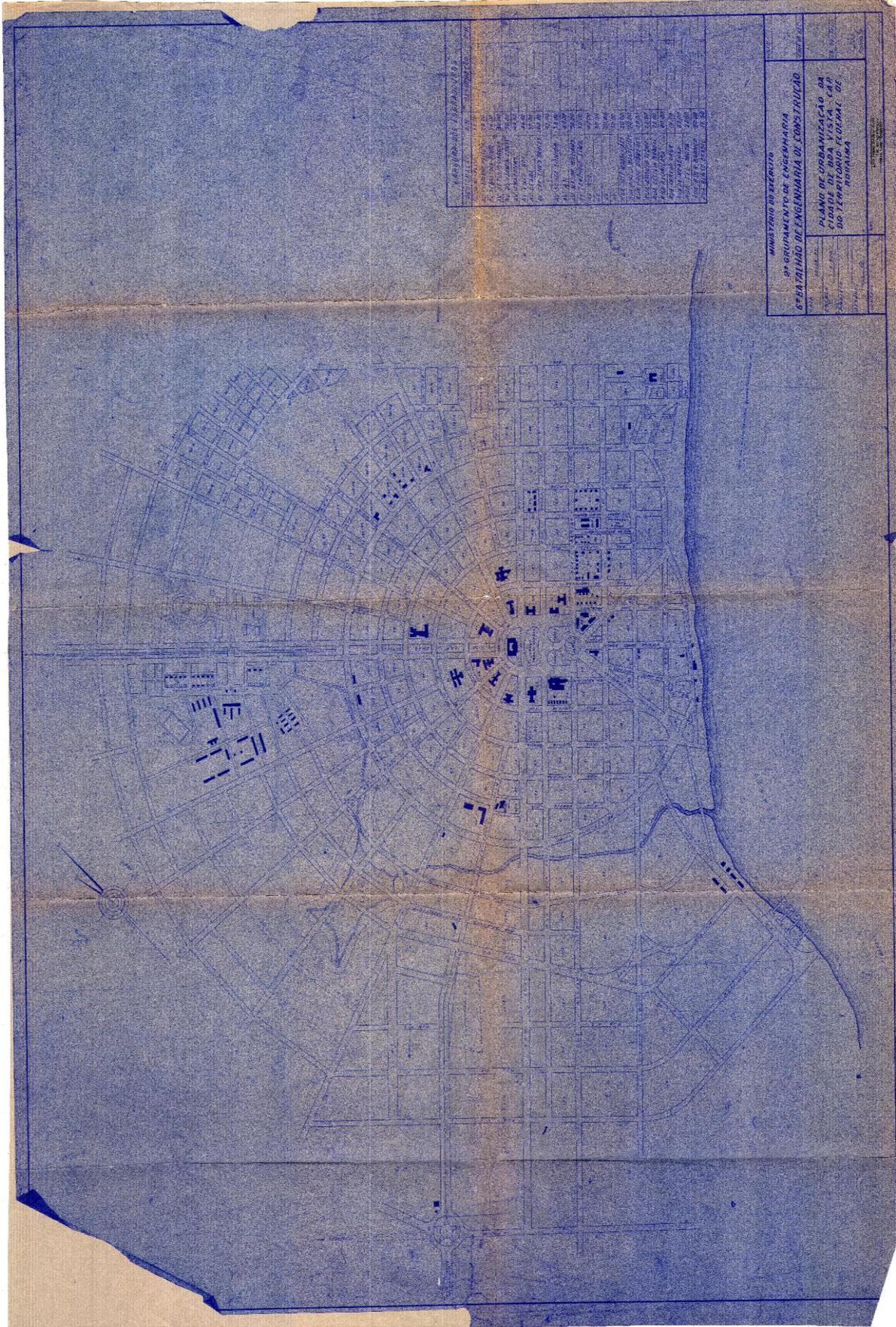
10.3 De que forma(s) você faz uso desse(s) lugar(es) preferido(s)?

- Com a família
 Com amigos
 Para conhecer novas pessoas
 Para tratar de negócios ou trabalho
 Para encontros amorosos ou casuais
 Sozinho(a)
 Outros _____

ANEXO I

PLANO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE BOA VISTA – RR

1973



MEMORIAL DESCRITIVO

1. AREA TOTAL DO TERRENO	1.000,00
2. AREA DE CONSTRUÇÃO	1.000,00
3. AREA DE PAVIMENTAÇÃO	1.000,00
4. AREA DE VERDE	1.000,00
5. AREA DE ESTACIONAMENTO	1.000,00
6. AREA DE SERVIÇOS	1.000,00
7. AREA DE RECREIO	1.000,00
8. AREA DE CULTURA	1.000,00
9. AREA DE ESPORTES	1.000,00
10. AREA DE SAÚDE	1.000,00
11. AREA DE EDUCAÇÃO	1.000,00
12. AREA DE HABITACÃO	1.000,00
13. AREA DE INDUSTRIA	1.000,00
14. AREA DE COMERCIO	1.000,00
15. AREA DE SERVIÇOS DE TI	1.000,00
16. AREA DE SERVIÇOS DE TERCEIROS	1.000,00
17. AREA DE SERVIÇOS DE MANUTENÇÃO	1.000,00
18. AREA DE SERVIÇOS DE SEGURANCA	1.000,00
19. AREA DE SERVIÇOS DE LIMPEZA	1.000,00
20. AREA DE SERVIÇOS DE SANEAMENTO	1.000,00
21. AREA DE SERVIÇOS DE ENERGIA	1.000,00
22. AREA DE SERVIÇOS DE TELECOMUNICACOES	1.000,00
23. AREA DE SERVIÇOS DE TRANSPORTES	1.000,00
24. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO	1.000,00
25. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE VEICULOS	1.000,00
26. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS	1.000,00
27. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE TERRENO	1.000,00
28. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE BENS	1.000,00
29. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE DIREITOS	1.000,00
30. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE SERVIÇOS	1.000,00
31. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE PRODUTOS	1.000,00
32. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE MATERIAIS	1.000,00
33. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE FORCA DE TRABALHO	1.000,00
34. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE TRABALHO	1.000,00
35. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE PROTECAO	1.000,00
36. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE MEDIÇÃO	1.000,00
37. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE CONTROLE	1.000,00
38. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE REGISTRO	1.000,00
39. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE ARMAZENAMENTO	1.000,00
40. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE	1.000,00
41. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE COMUNICAÇÃO	1.000,00
42. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SEGURANCA	1.000,00
43. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO	1.000,00
44. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE ILUMINAÇÃO	1.000,00
45. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE TRAFEGO	1.000,00
46. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE ESTACIONAMENTO	1.000,00
47. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE PROIBIÇÃO	1.000,00
48. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE OBRAS	1.000,00
49. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE PERIGO	1.000,00
50. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS	1.000,00
51. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE MANUTENÇÃO	1.000,00
52. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE SEGURANCA	1.000,00
53. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE LIMPEZA	1.000,00
54. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE SANEAMENTO	1.000,00
55. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ENERGIA	1.000,00
56. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE TELECOMUNICACOES	1.000,00
57. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE TRANSPORTES	1.000,00
58. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO	1.000,00
59. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE VEICULOS	1.000,00
60. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS	1.000,00
61. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE TERRENO	1.000,00
62. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE BENS	1.000,00
63. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE DIREITOS	1.000,00
64. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE SERVIÇOS	1.000,00
65. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE PRODUTOS	1.000,00
66. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE MATERIAIS	1.000,00
67. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE FORCA DE TRABALHO	1.000,00
68. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE TRABALHO	1.000,00
69. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE PROTECAO	1.000,00
70. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE MEDIÇÃO	1.000,00
71. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE CONTROLE	1.000,00
72. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE REGISTRO	1.000,00
73. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE ARMAZENAMENTO	1.000,00
74. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE	1.000,00
75. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE COMUNICAÇÃO	1.000,00
76. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SEGURANCA	1.000,00
77. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO	1.000,00
78. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE ILUMINAÇÃO	1.000,00
79. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE TRAFEGO	1.000,00
80. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE ESTACIONAMENTO	1.000,00
81. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE PROIBIÇÃO	1.000,00
82. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE OBRAS	1.000,00
83. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE PERIGO	1.000,00
84. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS	1.000,00
85. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE MANUTENÇÃO	1.000,00
86. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE SEGURANCA	1.000,00
87. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE LIMPEZA	1.000,00
88. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE SANEAMENTO	1.000,00
89. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ENERGIA	1.000,00
90. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE TELECOMUNICACOES	1.000,00
91. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE TRANSPORTES	1.000,00
92. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO	1.000,00
93. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE VEICULOS	1.000,00
94. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS	1.000,00
95. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE TERRENO	1.000,00
96. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE BENS	1.000,00
97. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE DIREITOS	1.000,00
98. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE SERVIÇOS	1.000,00
99. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE PRODUTOS	1.000,00
100. AREA DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE EQUIPAMENTOS DE SINALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE ALUGUELO DE MATERIAIS	1.000,00

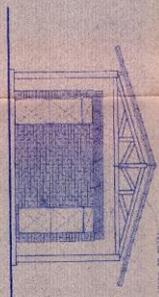
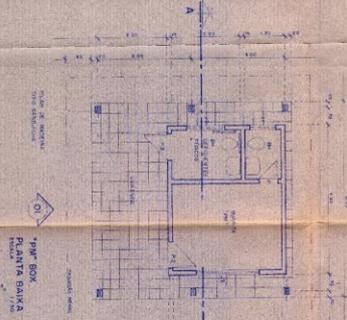
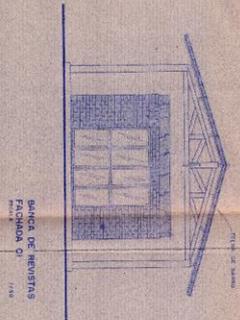
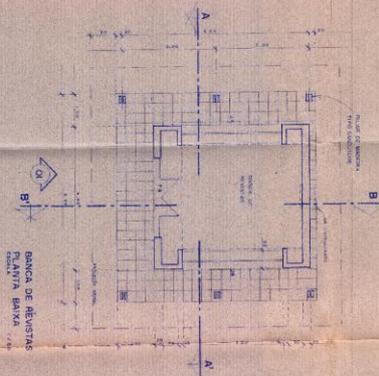
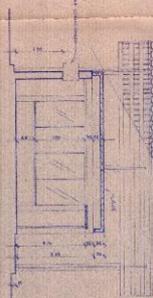
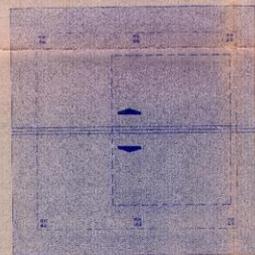
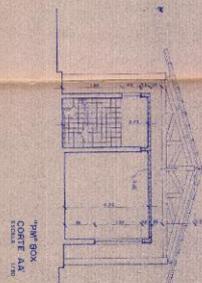
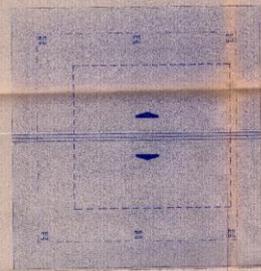
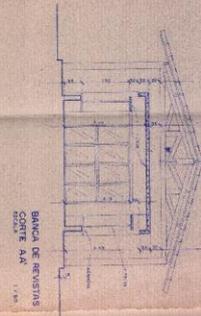
MINISTERIO DO EXERCITO
 5ª BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATIMENTO
 PLANO DE ORGANIZAÇÃO DA
 5ª BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATIMENTO
 RIO DE JANEIRO

ANEXO II

PROJETO DO COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA

1994-1995

SANDRA MARIA PINHEIRO VERAS
Arquiteta e Urbanista



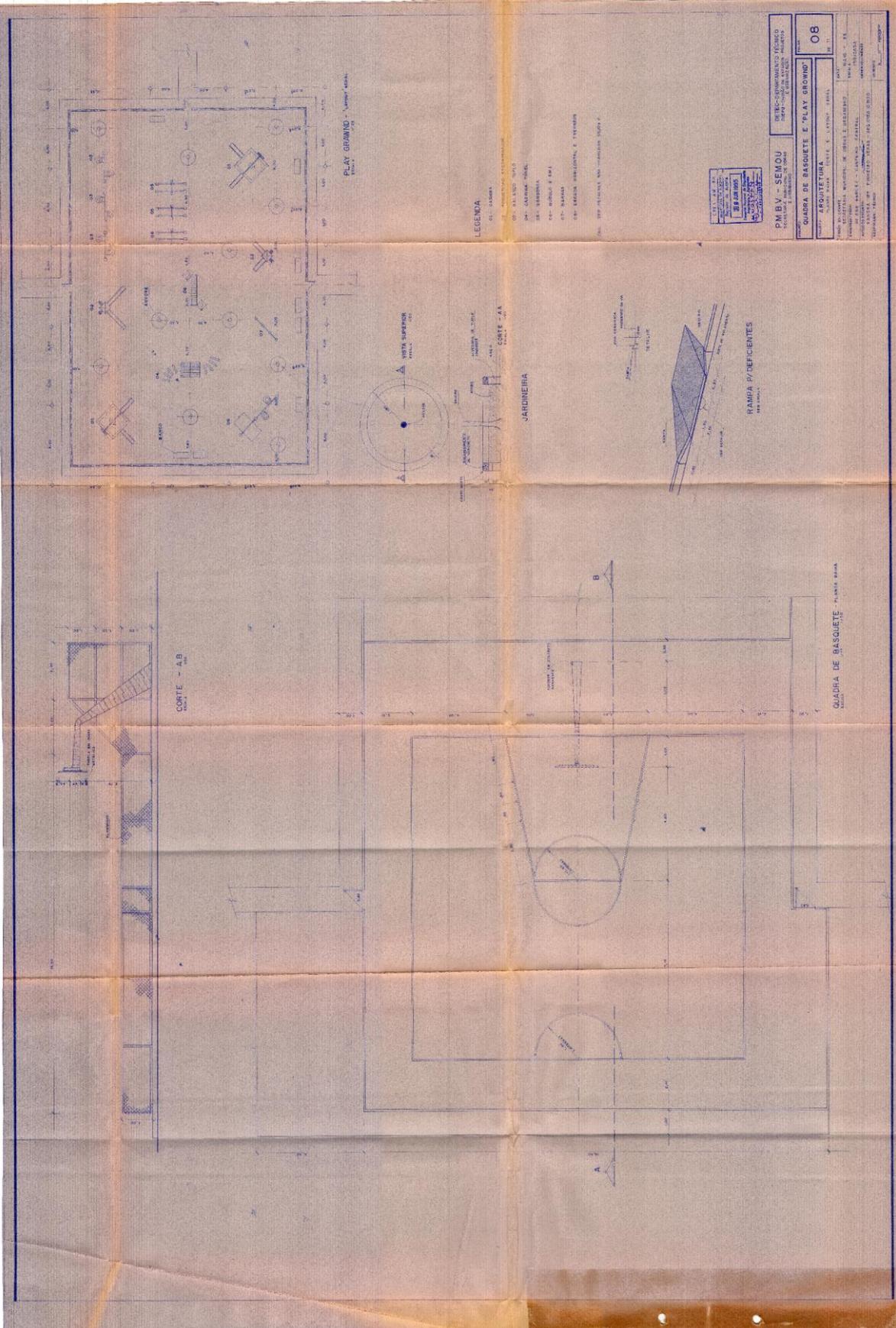
LEGENDA

01	60 x 80	ALUMINIO
02	100 x 60	ALUMINIO
03	100 x 100	ALUMINIO
04	100 x 100	ALUMINIO
05	100 x 100	ALUMINIO
06	100 x 100	ALUMINIO
07	100 x 100	ALUMINIO
08	100 x 100	ALUMINIO
09	100 x 100	ALUMINIO
10	100 x 100	ALUMINIO
11	100 x 100	ALUMINIO
12	100 x 100	ALUMINIO
13	100 x 100	ALUMINIO
14	100 x 100	ALUMINIO
15	100 x 100	ALUMINIO
16	100 x 100	ALUMINIO
17	100 x 100	ALUMINIO
18	100 x 100	ALUMINIO
19	100 x 100	ALUMINIO
20	100 x 100	ALUMINIO
21	100 x 100	ALUMINIO
22	100 x 100	ALUMINIO
23	100 x 100	ALUMINIO
24	100 x 100	ALUMINIO
25	100 x 100	ALUMINIO
26	100 x 100	ALUMINIO
27	100 x 100	ALUMINIO
28	100 x 100	ALUMINIO
29	100 x 100	ALUMINIO
30	100 x 100	ALUMINIO
31	100 x 100	ALUMINIO
32	100 x 100	ALUMINIO
33	100 x 100	ALUMINIO
34	100 x 100	ALUMINIO
35	100 x 100	ALUMINIO
36	100 x 100	ALUMINIO
37	100 x 100	ALUMINIO
38	100 x 100	ALUMINIO
39	100 x 100	ALUMINIO
40	100 x 100	ALUMINIO
41	100 x 100	ALUMINIO
42	100 x 100	ALUMINIO
43	100 x 100	ALUMINIO
44	100 x 100	ALUMINIO
45	100 x 100	ALUMINIO
46	100 x 100	ALUMINIO
47	100 x 100	ALUMINIO
48	100 x 100	ALUMINIO
49	100 x 100	ALUMINIO
50	100 x 100	ALUMINIO
51	100 x 100	ALUMINIO
52	100 x 100	ALUMINIO
53	100 x 100	ALUMINIO
54	100 x 100	ALUMINIO
55	100 x 100	ALUMINIO
56	100 x 100	ALUMINIO
57	100 x 100	ALUMINIO
58	100 x 100	ALUMINIO
59	100 x 100	ALUMINIO
60	100 x 100	ALUMINIO
61	100 x 100	ALUMINIO
62	100 x 100	ALUMINIO
63	100 x 100	ALUMINIO
64	100 x 100	ALUMINIO
65	100 x 100	ALUMINIO
66	100 x 100	ALUMINIO
67	100 x 100	ALUMINIO
68	100 x 100	ALUMINIO
69	100 x 100	ALUMINIO
70	100 x 100	ALUMINIO
71	100 x 100	ALUMINIO
72	100 x 100	ALUMINIO
73	100 x 100	ALUMINIO
74	100 x 100	ALUMINIO
75	100 x 100	ALUMINIO
76	100 x 100	ALUMINIO
77	100 x 100	ALUMINIO
78	100 x 100	ALUMINIO
79	100 x 100	ALUMINIO
80	100 x 100	ALUMINIO
81	100 x 100	ALUMINIO
82	100 x 100	ALUMINIO
83	100 x 100	ALUMINIO
84	100 x 100	ALUMINIO
85	100 x 100	ALUMINIO
86	100 x 100	ALUMINIO
87	100 x 100	ALUMINIO
88	100 x 100	ALUMINIO
89	100 x 100	ALUMINIO
90	100 x 100	ALUMINIO
91	100 x 100	ALUMINIO
92	100 x 100	ALUMINIO
93	100 x 100	ALUMINIO
94	100 x 100	ALUMINIO
95	100 x 100	ALUMINIO
96	100 x 100	ALUMINIO
97	100 x 100	ALUMINIO
98	100 x 100	ALUMINIO
99	100 x 100	ALUMINIO
100	100 x 100	ALUMINIO

P.M. B.V. SEMOU
 BANCO DE REVISTAS E P.M. BOX (MUBI)
 FACHADA O1
 ESCALA 1:50

ADAPTATIVA
 BANCO DE REVISTAS E P.M. BOX (MUBI)
 ESCALA 1:50

04



LEGENDA

- 001 - CASARIA
- 002 - PAVILAO TELA
- 003 - CASARIA TELA
- 004 - RESERVA
- 005 - MURDO E PIA
- 006 - BANHEIROS
- 007 - REDESA SUBSTITUICAO E TENDIDO



PMBV - SEMOU ARQUITETA Rua ...	
QUADRA DE BASQUETE E "PLAY GROUND" OB	
ESCALA: 1:100	DATA: 10/10/84
LOCAL: ...	

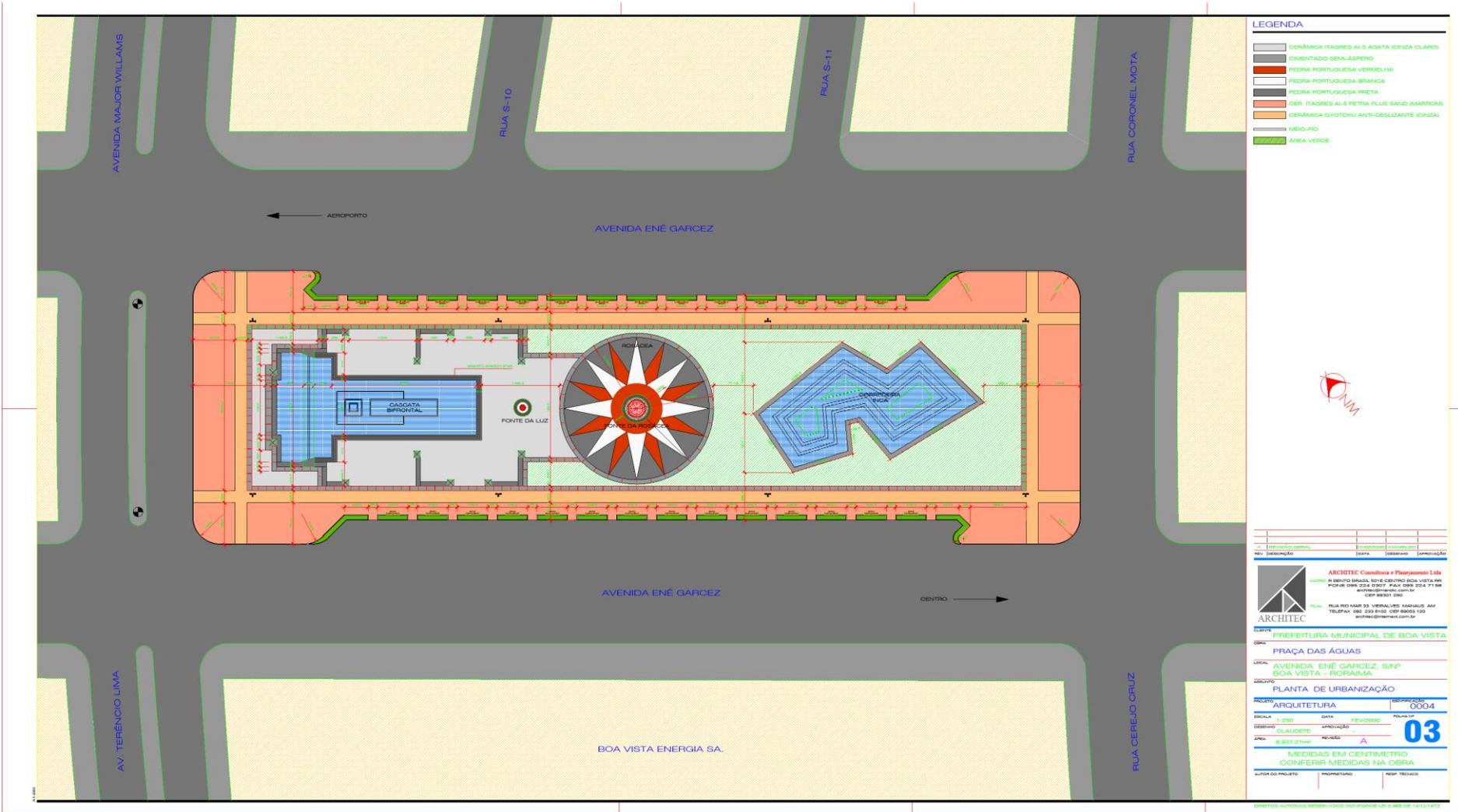
ANEXO III

PROJETO DO COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA

PRAÇA DAS ÁGUAS
ARCHITEC Consultoria e Planejamento Ltda.
2000

MARUEM DE CASTRO HATEM
Arquiteto e Urbanista

- Planta Baixa
- Bancos das Fontes: Luz e Rosácea
- Planta de piso: Fonte Rosácea
 - Fonte Bi-frontal: Granitos
 - Corredeira Inca: Cerâmica



LEGENDA

[Pattern]	CERÂMICA ITAGRES AL-S AGATA (CORZA CLARO)
[Pattern]	CIMENTO SEM-ÁBREGO
[Pattern]	PIEDRA PORTUGUESA VERDEJUA
[Pattern]	PIEDRA PORTUGUESA BRANCA
[Pattern]	PIEDRA PORTUGUESA PRETA
[Pattern]	CER. ITAGRES AL-S PETRA PLUS SAND (MARRON)
[Pattern]	CERÂMICA QVOTOKU ANTI-DESLIZANTE (CORZA)
[Pattern]	MEIO-FIO
[Pattern]	ÁREA VERDE

PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO
PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO
PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO

ARHITEC Consultoria e Planejamento Ltda
 RUA DO MAR 33 - VILA VERDE - MANGUEIRAS - SÃO PAULO - SP
 CEP: 04531-000
 FONE: (11) 5082-1100
 E-MAIL: arhitec@arhitec.com.br

ARHITEC

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA
 PRAÇA DAS ÁGUAS
 AVENIDA ENÉ GARCEZ, S/Nº
 BOA VISTA - RORAIMA

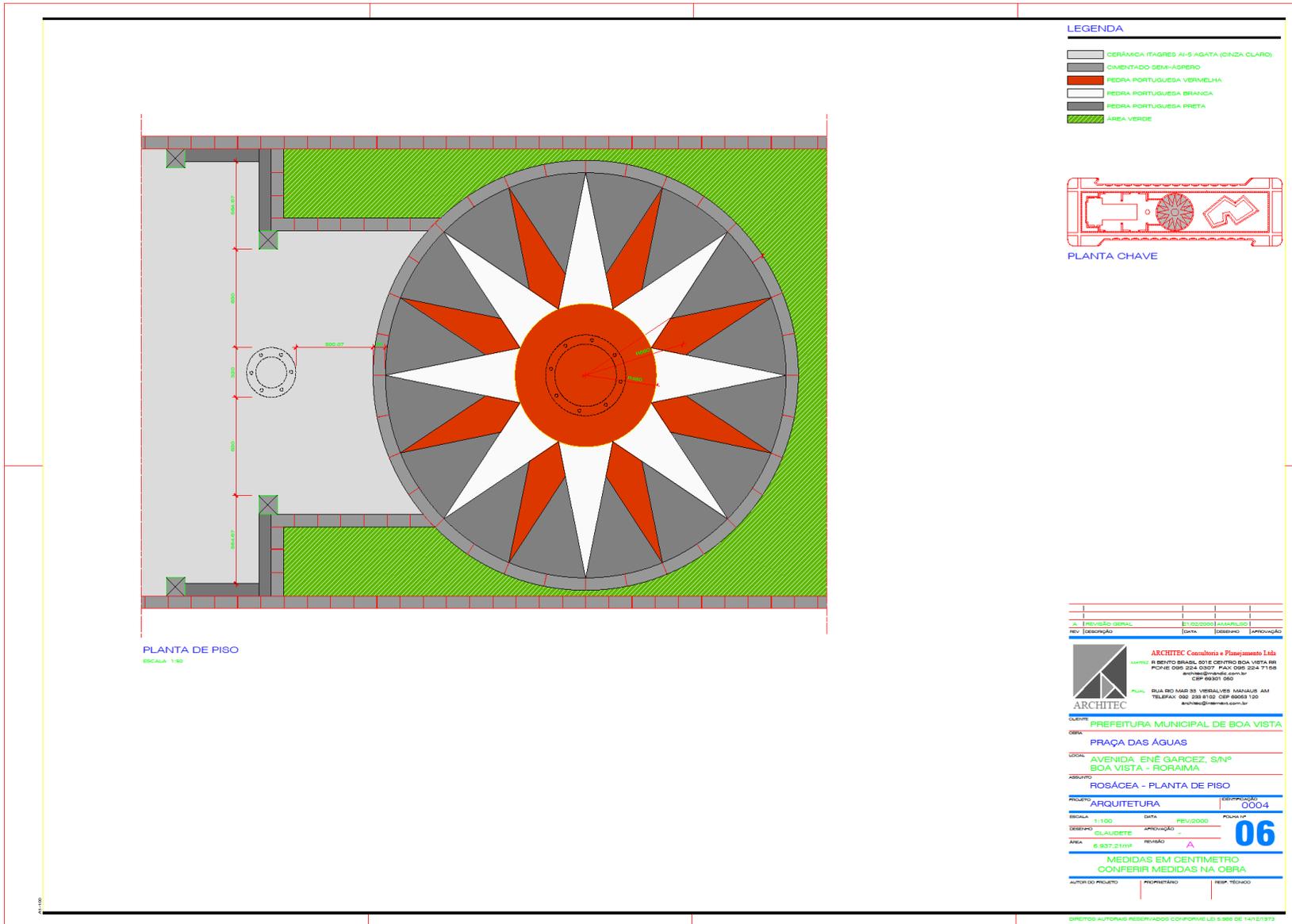
PLANTA DE URBANIZAÇÃO

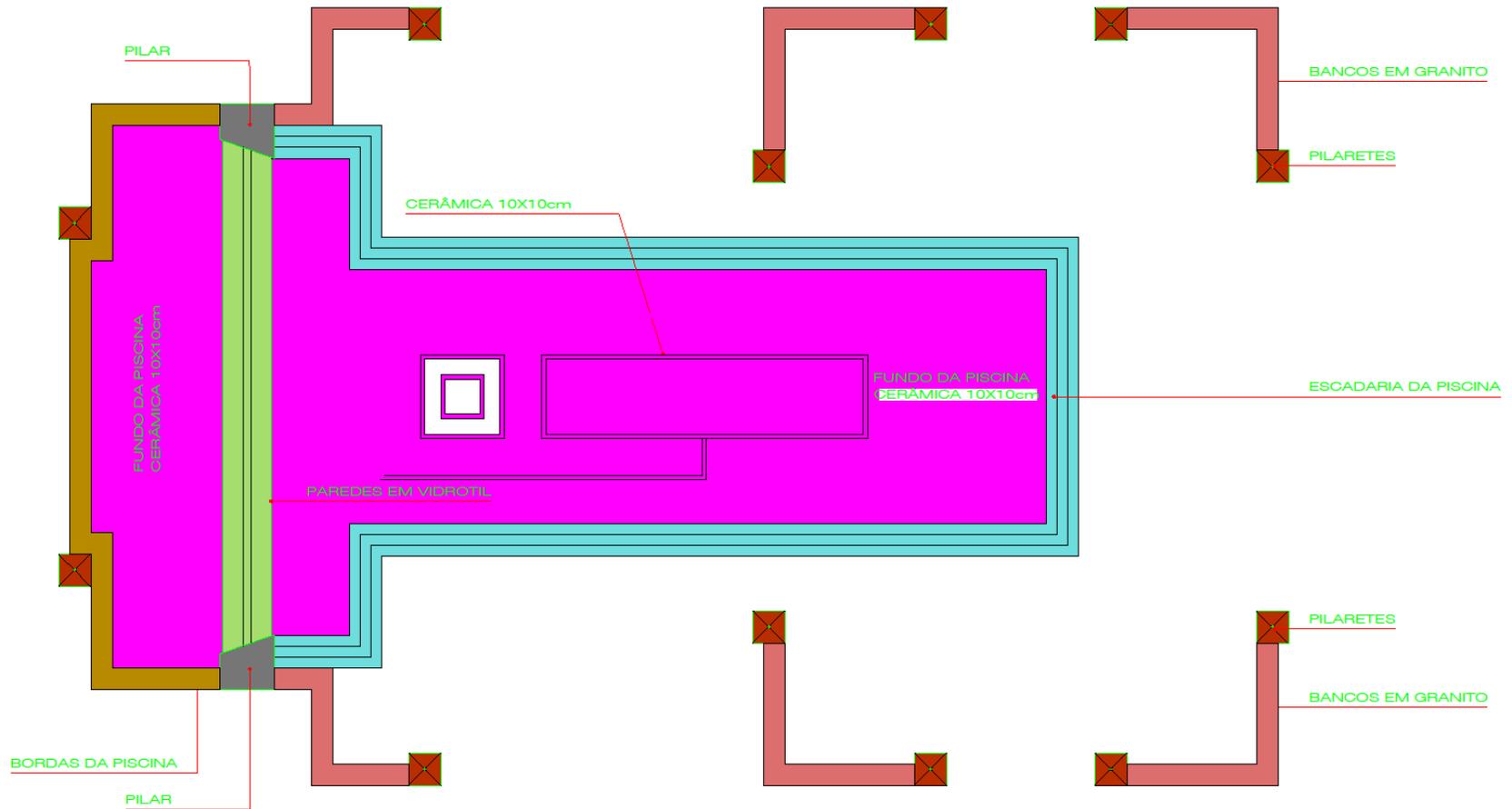
PROJETO	ARQUITETURA	PROJETO	0004
ESCALA	1:250	DATA	FEV/2008
ELABORADO	PROJETO	PROJETO	03
PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO

MEDIDAS EM CENTÍMETRO
 CONFIRMAR MEDIDAS NA OBRA

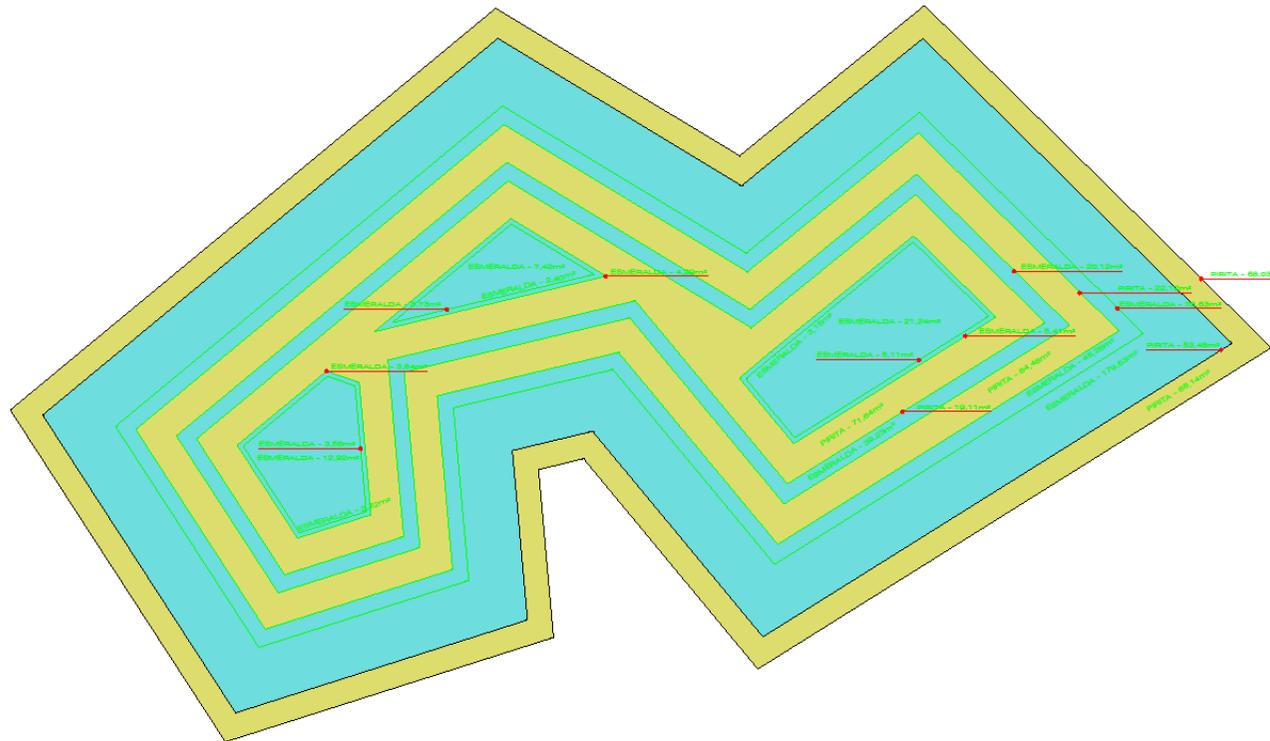
ALTA DO PROJETO: _____ PROPRIETÁRIO: _____ RESP. TÉCNICO: _____

PROJETO AUTORIZADO SOB O N.º 0004/2008 DE 15/02/2008





CLIENTE	MARMOVIDRO	ESC.	SEM	IDENT.	0004
OBRA	PRAÇA DAS ÁGUAS	DES.	C/A	FL.	01
ASSUNTO	QUANTITATIVO - GRANITOS	REV.	A	DATA	JUN/00



ÁREA TOTAL CERÂMICA PIRITA SR8302 (10X10cm) = 407,00m² + 18,94m² = 425,94m²

ÁREA TOTAL CERÂMICA ESMERALDA SR8301 (10X10cm) = 438,05m² + 21,46m² = 459,51m²

ARCHITEC



CLIENTE	PREFEITURA DE BOA VISTA	ESC.	SEM	IDENT.	0004
OBRA	PRAÇA DAS ÁGUAS	DES.	O/A	FL.	08
ASSUNTO	QUANTITATIVO - CERÂMICA	REV.	A	DATA	JUN/00

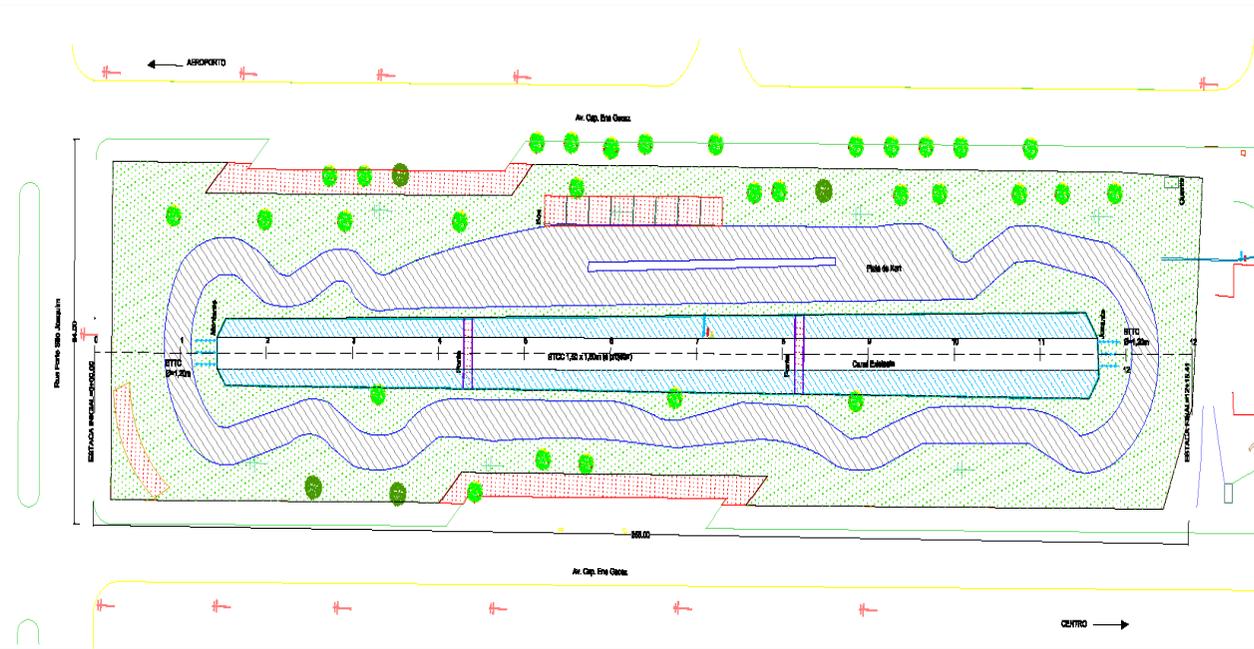
ANEXO IV

PROJETO DO COMPLEXO POLIESPORTIVO AYRTON SENNA DA SILVA

PRAÇA FÁBIO MARQUES PARACAT
PDCA Engenharia Ltda
2014

- Projeto de Terraplenagem
- Projeto de Pavimentação
- Projeto de Sinalização

PLANTA BAIXA ATUAL
Esc. 1/2000



- Legenda
- Plata de Rut
Relevo de material granular (e=20cm)
 - Calçada, Bor e Arbulancada a demar.
Regularizar area (e=20cm)
 - Area Gramada
Regularizar area (e=20cm)
 - Area do Canal a ser Alargada
 - Estaqueamento

01	11/02/2014	INSERÇÃO DO ESTAGUEAMENTO	JEAN	SIDOLEI
00	18/11/2013	EMISSÃO INICIAL	JEAN	SIDOLEI
REVISÃO	DATA	DESCRIÇÃO DAS REVISÕES	DESENHO	RESPONSÁVEL



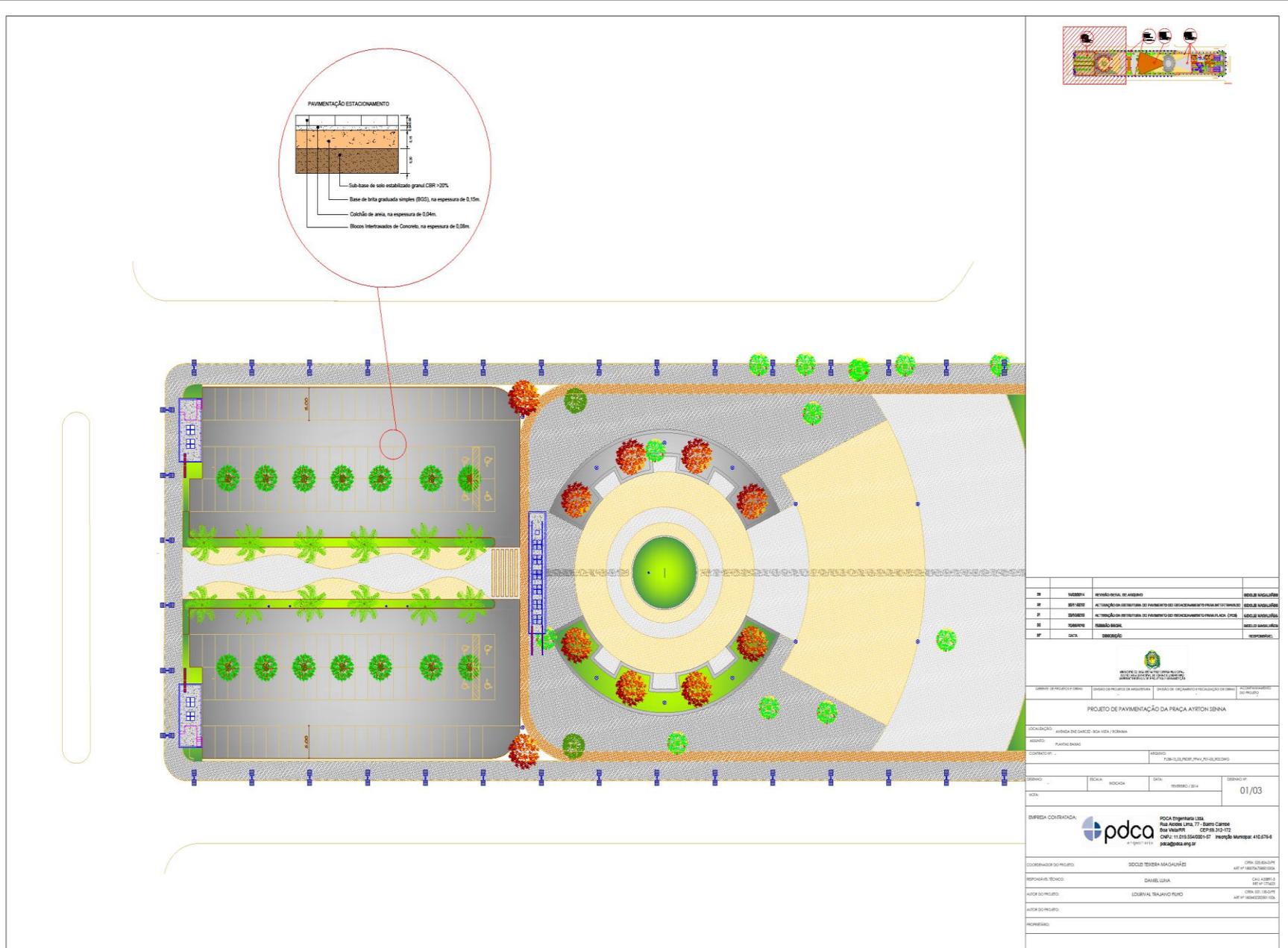
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO	SECRETARIA DE OBRAS E URBANISMO	SECRETARIA DE LICENCIAMENTO E REGULAÇÃO
PROJETO: PROJETO BÁSICO DEFINITIVO DE REFORMA E REGULARIZAÇÃO DA PRAÇA DE EVENTOS AYTTON SENNA - BOA VISTA - PERNAMBUCO		
LOCALIZAÇÃO: PRAÇA DE EVENTOS AYTTON SENNA - BOA VISTA - PERNAMBUCO		
ASSUNTO: PROJETO DE TERMO DE REFERÊNCIA		
CONTRATO Nº:	ARQUIVO:	PUB-12014/PROJ_PUB
DESENHO:	REVISÃO:	DATA:
PLANTA BAIXA (MAPA DE CUBAÇÃO)	INDICAÇÃO	FEV/2014 / 2014
NOTA:		01/03

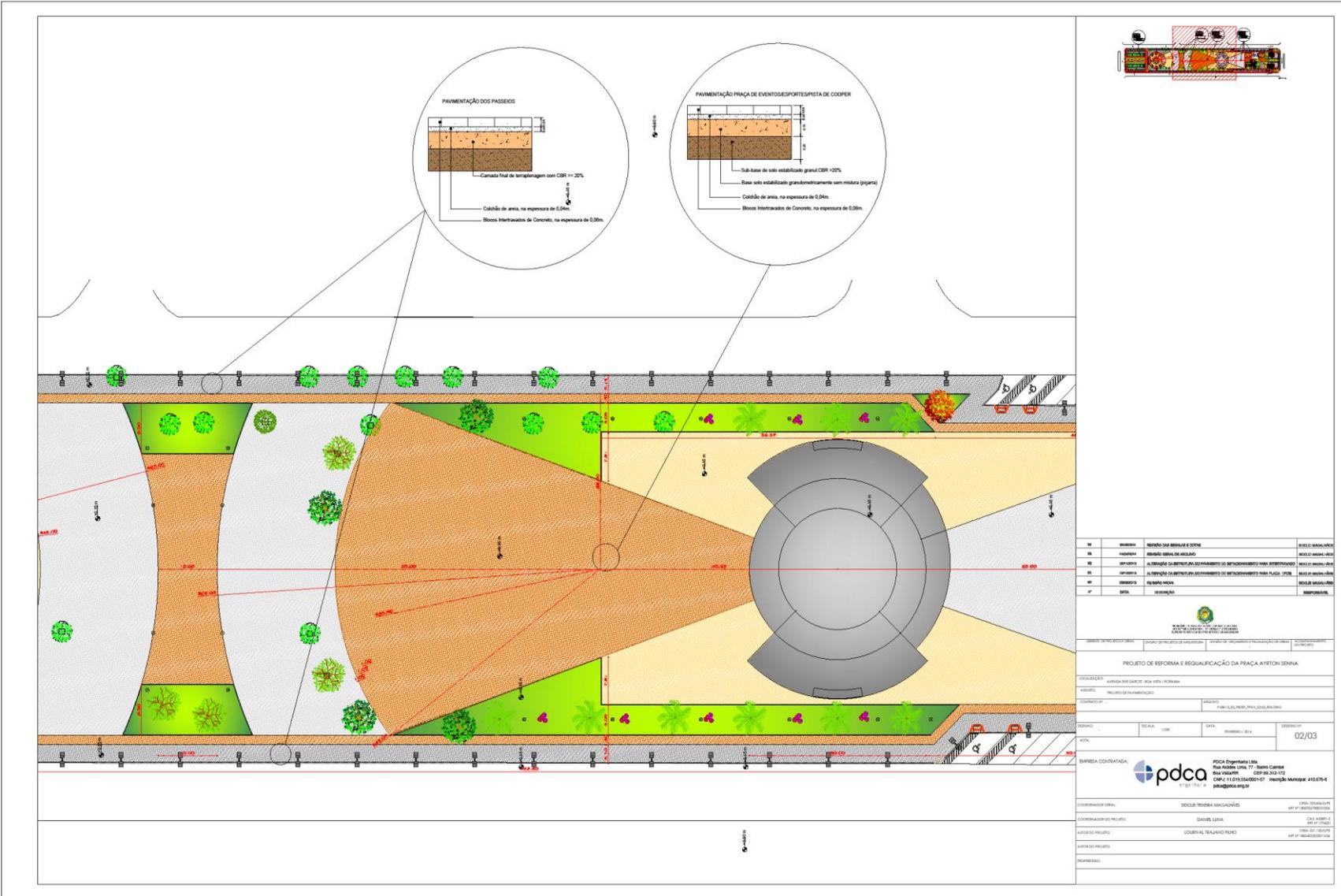
EMPRESA CONTRATADA:

PDCA Engenharia Ltda.
Rua Agulha Lata, 77 - Bairro Cambé
Boa Vista/PE CEP: 55.312-172
CNPJ: 13.015.554/0001-07 Insc. Municipal: 410.676-8
e-mail: pdca@pdca.org.br

COORDENADOR GERAL:	SIDOLEI TEIXEIRA MAGALHÃES	CREA: 035.654/PE ART Nº: 186734/2009/050
COORDENADOR DO PROJETO:	DANIEL LUIZA	CREA: 43.899-6 RRT Nº: 175621
AUTOR DO PROJETO:	LOURIVAL TRAJANO FERRO	CREA: 035.135/PE ART Nº: 186422/2009/105
AUTOR DO PROJETO:		
COORDENADOR DO PROJETO:		
PROPRIETÁRIO:		

PRACA DE EVENTOS AYTTON SENNA							
MAPA DE CUBAÇÃO							
ESTACA	ÁREAS (m²)		VOLUME (m³)			DIFERENÇA	BUCKNER
	COD. IL.	A. ILUSTR.	COM. IL.	A. ILUSTR.	DEB. ILUSTR.		
1 + 1 X	7,02	1,38					
2 + 1 X	3,54	19,80	59,23	280,23	3,24	336,46	702,45
3 + 1 X	3,54	25,74	0,23	496,94	74,72	237,15	-491,14
4 + 1 X	3,57	25,26	2,33	554,3	14,55	132,01	139,41
5 + 1 X	3,74	23,30	43,17	499,22	29,63	57,46	109,07
6 + 1 X	3,6	23,39	12,4	184,31	9,03	-17,31	-236,22
8 + 1 X	3,84	31,77	15,71	421,77	39,63	-44,71	-480,42
7 + 1 X	9,27	23,19	41,71	390,45	-27,92	375,62	372,33
8 + 1 X	9,15	13,39	43,15	274,34	-45,95	336,46	346,43
4 + 1 X	3,54	19,02	70,72	253,9	-1,82	277,72	276,93
16 + 1 X	12,58	23,39	27,73	761,7	19,27	-216,66	-788,67
17 + 1 X	11,19	23,37	26,73	606,29	12,12	709,68	134,21
17 + 1 X	25,26	-	41,71	266,4	76,47	6,35	-481,54
17 + 1 X	53,46	-	92,33	-	-	593,73	172,45
TOTAL			2.795,38	4.708,63	5.876,04		





16	REVISÃO	REVISÃO DAS MEDIAS E COTAS	BRUNO C. MANOEL JUNIOR
15	REVISÃO	REVISÃO DAS MEDIAS DE ABELARDO	BRUNO C. MANOEL JUNIOR
14	REVISÃO	ALTERAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DO PAVIMENTO DE ASFALTO/CONCRETO PARA INTERIORES	BRUNO C. MANOEL JUNIOR
13	REVISÃO	ALTERAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DO PAVIMENTO DE ASFALTO/CONCRETO PARA ALAS, VESTIB.	BRUNO C. MANOEL JUNIOR
12	REVISÃO	REVISÃO DAS MEDIAS	BRUNO C. MANOEL JUNIOR
11	REVISÃO	REVISÃO DAS MEDIAS	BRUNO C. MANOEL JUNIOR
10	DATA	REVISÃO	BRUNO C. MANOEL JUNIOR



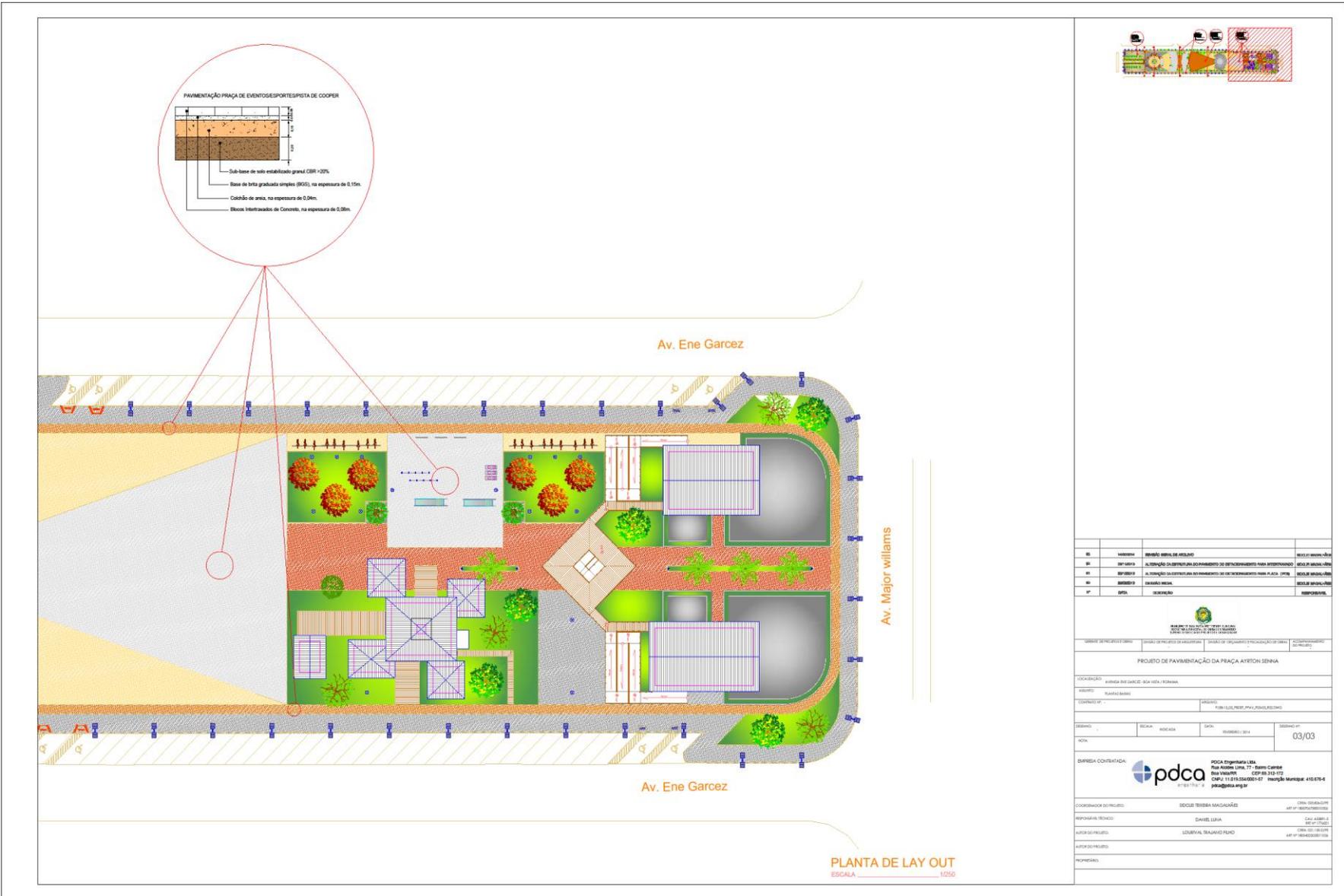
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO - SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E REGULAÇÃO DE SERVIÇOS

PROJETO DE REFORMA E REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA AYRTON SENNA

LOCALIZAÇÃO: AVENIDA BRIGADEIRO SENA VIEIRA, 1000

ÁREA: 10000,00 m²

PROJETO DE: PLANEJAMENTO E REGULAÇÃO DE SERVIÇOS



NO	INDICADA	DESCRIÇÃO: BARRIL DE BARRIL	DESCRIÇÃO: BARRIL DE BARRIL
NO	DEP-UBERLÂNDIA	ALTERAÇÃO DA ESTRUTURA DO PAVIMENTO DE DEFEITIVIDADES PARA INTERMEDIÁRIO	DESCRIÇÃO: BARRIL DE BARRIL
NO	DEP-UBERLÂNDIA	ALTERAÇÃO DA ESTRUTURA DO PAVIMENTO DE DEFEITIVIDADES PARA PLACA LITADA	DESCRIÇÃO: BARRIL DE BARRIL
NO	DEP-UBERLÂNDIA	DESCRIÇÃO: BARRIL DE BARRIL	DESCRIÇÃO: BARRIL DE BARRIL
NO	DEP-UBERLÂNDIA	DESCRIÇÃO: BARRIL DE BARRIL	DESCRIÇÃO: BARRIL DE BARRIL

<p>MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E PLANEJAMENTO DEPARTAMENTO DE URBANISMO</p>			
SECRETARIA DE PROJETOS DE URBANISMO		SECRETARIA DE LICENCIAMENTO E REGULAÇÃO DE OBRAS	
PROJETO DE PAVIMENTAÇÃO DA PRAÇA AIRTON SENA			
COORDENADOR: UBERLÂNDIA GARCEZ - RUA VISTA FERREIRA			
ARQUITETO: RAFAELA SOARES			
COORDENADOR DE PROJETO: UBERLÂNDIA GARCEZ		PROJETO: UBERLÂNDIA GARCEZ	
DESENHO: UBERLÂNDIA GARCEZ	REVISÃO: UBERLÂNDIA GARCEZ	DATA: FEVEREIRO/2014	DESCRIÇÃO: 03/03
EMPRESA CONTRATADA:			
<p>PDCA Engenharia Ltda Rua Assis Lima, 77 - Bairro Carreira Bairro Industrial - CEP: 38.100-000 CNPJ: 11.018.554/0001-07 Insc. Municipal: 410.876-4 pdca@pdca.eng.br</p>			
COORDENADOR DO PROJETO: EDUARDO FERREIRA MACHADO	PROJETO: UBERLÂNDIA GARCEZ	REVISÃO: UBERLÂNDIA GARCEZ	DATA: FEVEREIRO/2014
RESPONSÁVEL TÉCNICO: DANIEL LIMA	PROJETO: UBERLÂNDIA GARCEZ	REVISÃO: UBERLÂNDIA GARCEZ	DATA: FEVEREIRO/2014
ARQUITETO DO PROJETO: LUIZIVAL TEIXEIRA FERREIRA	PROJETO: UBERLÂNDIA GARCEZ	REVISÃO: UBERLÂNDIA GARCEZ	DATA: FEVEREIRO/2014
DESENHADOR DO PROJETO: UBERLÂNDIA GARCEZ	PROJETO: UBERLÂNDIA GARCEZ	REVISÃO: UBERLÂNDIA GARCEZ	DATA: FEVEREIRO/2014
PROJETO: UBERLÂNDIA GARCEZ	PROJETO: UBERLÂNDIA GARCEZ	REVISÃO: UBERLÂNDIA GARCEZ	DATA: FEVEREIRO/2014

